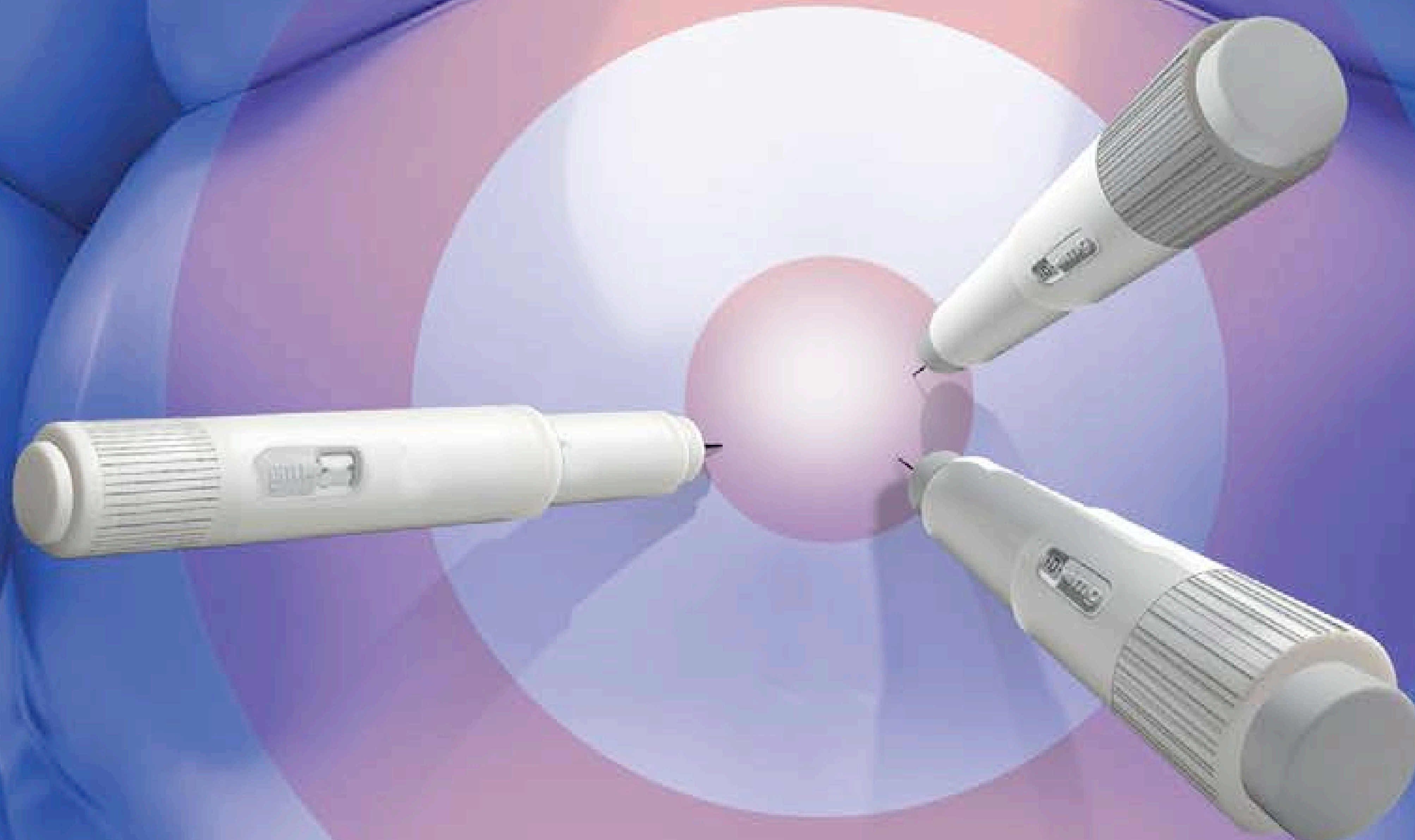
POLÍTICA O IMPACTO DAS INVESTIGAÇÕES DA ABIN PARALELA E DAS JOIAS NOS CANDIDATOS APOIADOS POR BOLSONARO



Editora ABRIL
edição 2901 - ano 57 - nº 28
12 de julho de 2024

veja

www.veja.com



UMA MUDANÇA DE PESO

A nova geração de remédios para obesidade, que provocam reduções corporais antes inimagináveis, representa um divisor de águas no tratamento da condição, que afeta um em cada cinco brasileiros

15 A 17 DE AGOSTO

RIO DE JANEIRO
HOTEL FAIRMONT COPACABANA

CONFERENCISTAS CONFIRMADOS:

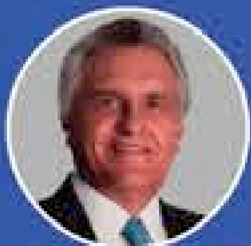

DIAS TOFFOLI
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL-STF

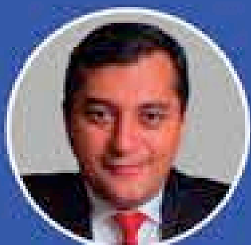

LUIZ FUX
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL-STF


AYRES BRITTO
PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL-STF (2012-2014)


RAUL JUNGMANN
PRESIDENTE DO IBRAM
MINISTRO DA DEFESA (2016-2018)

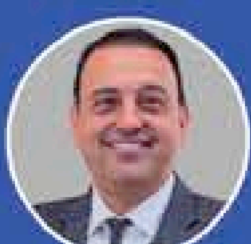

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

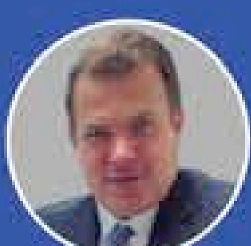

RONALDO CAIADO
GOVERNADOR DO ESTADO DE GOIÁS


WILSON LIMA
GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS


GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO ESTADO DO ACRE


EDUARDO PAES
PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

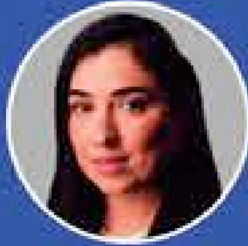

FELÍCIO RAMUTH
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO


LEONARDO LOBO
SECRETÁRIO DA FAZENDA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO


NICOLA MICCIONE
SECRETÁRIO-CHEFE DA CASA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO


CHICÃO BULHÕES
SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E ECONÔMICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO


FÁBIO ARAÚJO
DIRETOR DE TECNOLOGIA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL


CAROLINA SANSÃO
DIRETORA DE TECNOLOGIA DA FEBRABAN

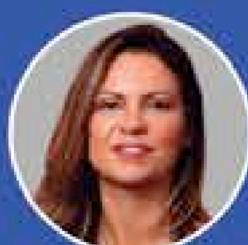

WILSON FERREIRA
CEO DA ELETROBRAS (2022-2023)
CONSULTOR EMPRESARIAL

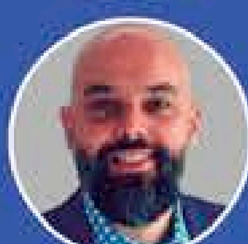

CAIO MEGALE
ECONOMISTA-CHEFE DA XP INVESTIMENTOS
SECRETÁRIO DO TESOURO NACIONAL (2019-2020)


ALEXANDRE RAMOS
PRESIDENTE DA CÂMARA DE COMERCIALIZAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA-CCEE


CRISTIANO PINTO DA COSTA
PRESIDENTE DA SHELL BRASIL


MAURÍCIO QUADRADO
PRESIDENTE DO BANCO MASTER DE INVESTIMENTO


PATRÍCIA ELLEN
CEO DA AYA
SECRETÁRIA DE DESENVOLV. ECONÔMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (2019-2022)


PATRICK BURNETT
FUNDADOR E CEO DA INOVETECH


GISELA MAC LAREN
PRESIDENTE DO ESTALEIRO MAC LAREN


ROBERTO CORTES
PRESIDENTE DA VW ÔNIBUS E CAMINHÕES AMÉRICA LATINA



ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

VENDAS
www.assineabril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200
TELEFONE: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30


bril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco



Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima



Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz **Editores-executivos:** Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

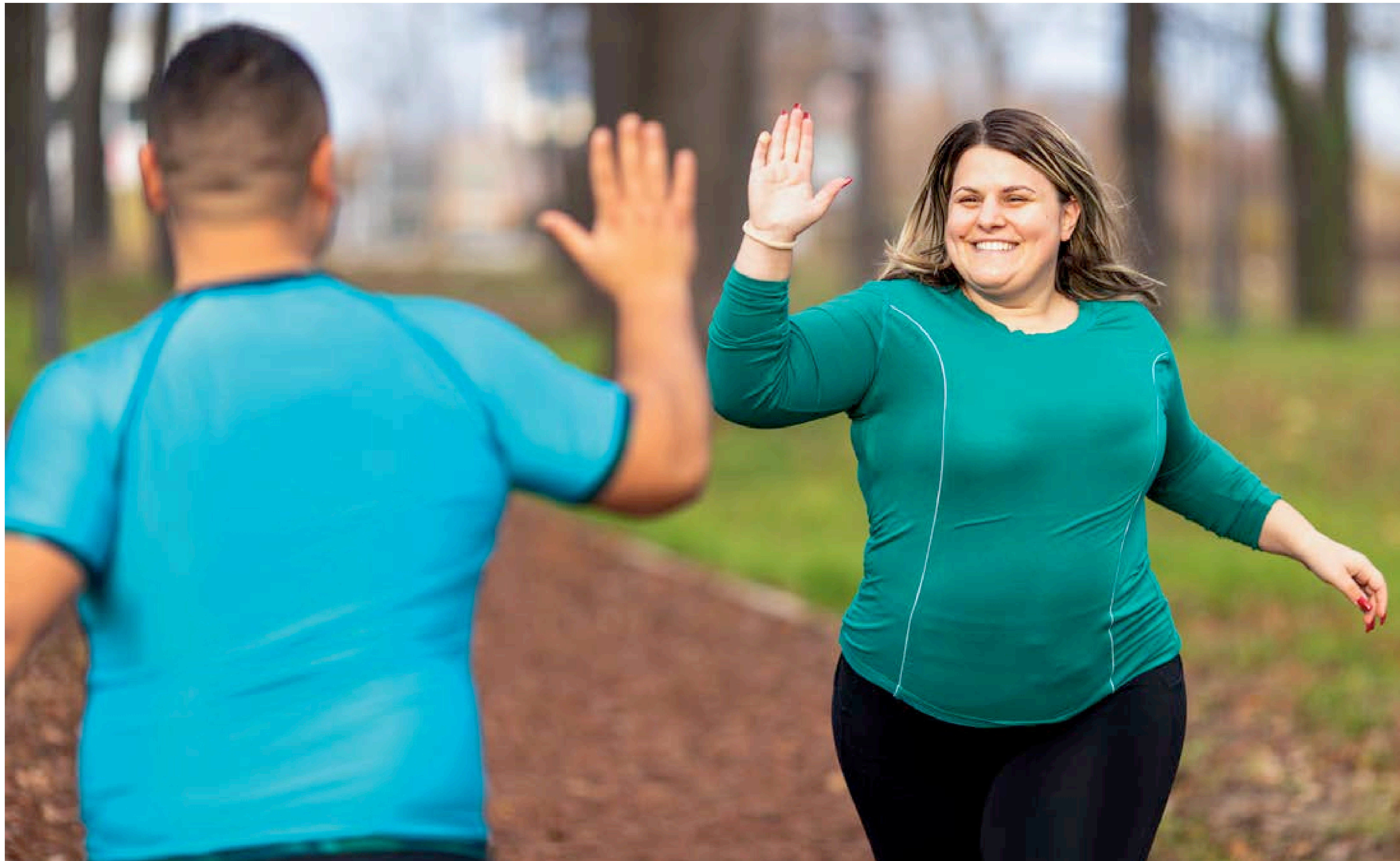
VEJA 2 901 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 28. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001





www.grupoabril.com.br



E+/GETTY IMAGES

REVOLUÇÃO NA BALANÇA

AO LONGO DE 55 ANOS de história, VEJA deu especial atenção a temas de saúde — as campanhas de vacinação, os surtos, a eclosão da aids e, mais recentemente, a pandemia de covid-19, que paralisou o mundo e reinventou o cotidiano como nunca antes. Houve generoso espaço também para os cuidados com o corpo — em especial as dietas e o controle da obesidade. Não se trata, é evidente, de preocupação desmedida com a estética, mas de zelo contra







PREOCUPAÇÃO Obesidade, um sério problema de saúde pública, muito além de mera questão estética: tema de inúmeras capas de VEJA ao longo dos 55 anos de história de jornalismo profissional da revista

doenças derivadas da má alimentação e do cotidiano sedentário. A briga contra a balança é batalha da humanidade, e convém acompanhá-la como uma das questões vitais de nosso tempo. A estatística não deixa dúvida: mais de 1 bilhão de pessoas têm obesidade em todo o mundo, o equivalente a 18% das mulheres e 14% dos homens. Estima-se que 5 milhões de cidadãos morram, todos os anos, em decorrência de problemas alavancados pela gordura. A situação é mais grave em países ricos ou em desenvolvimento, como o Brasil. Por aqui, 20% são obesos e, em triste constatação, 13% das crianças já teriam o diagnóstico.

Há um incômodo nó: boa parte não consegue perder peso apenas com mudanças no estilo de vida. Há quem se esfalfe nas academias de ginástica e viva à base de alface, e

mesmo assim parece condenado ao fracasso pela genética ou por desajustes biológicos adquiridos. Dadas as evidentes dificuldades corpóreas, a descoberta de novos medicamentos — desde que ministrados com atenção e acompanhamento médico, sem exageros — representa uma revolução, dentro dos consultórios e no comportamento. Não há roda de conversa sem referência às tais “canetinhas” de aplicação dos novos fármacos — em Brasília, entre os políticos, elas rompem até mesmo a polarização. Quem ainda não usa um dia usará.

A novíssima geração de medicamentos emula hormônios naturais do organismo, com ação em diversas frentes: saciedade, diminuição do apetite e controle da glicemia, atalho inequívoco para a redução de quilos. Assim como a introdução de inibidores de secreção gástrica diminuiu a necessidade de cirurgias de úlcera no estômago, as armas de agora tendem a eliminar as intervenções bariátricas. Para esmiuçar essa aventura da civilização, e separar o joio do trigo, VEJA designou o editor Diogo Sponchiato, veterano especialista no tema. A reportagem a partir da pág. 58 é a um só tempo um guia de compreensão e um retrato de uma inovação que promete mudar a vida de milhões de pessoas, movimentando a economia global. Boa leitura. ■

Encontrar o melhor da gastronomia ficou ainda mais fácil

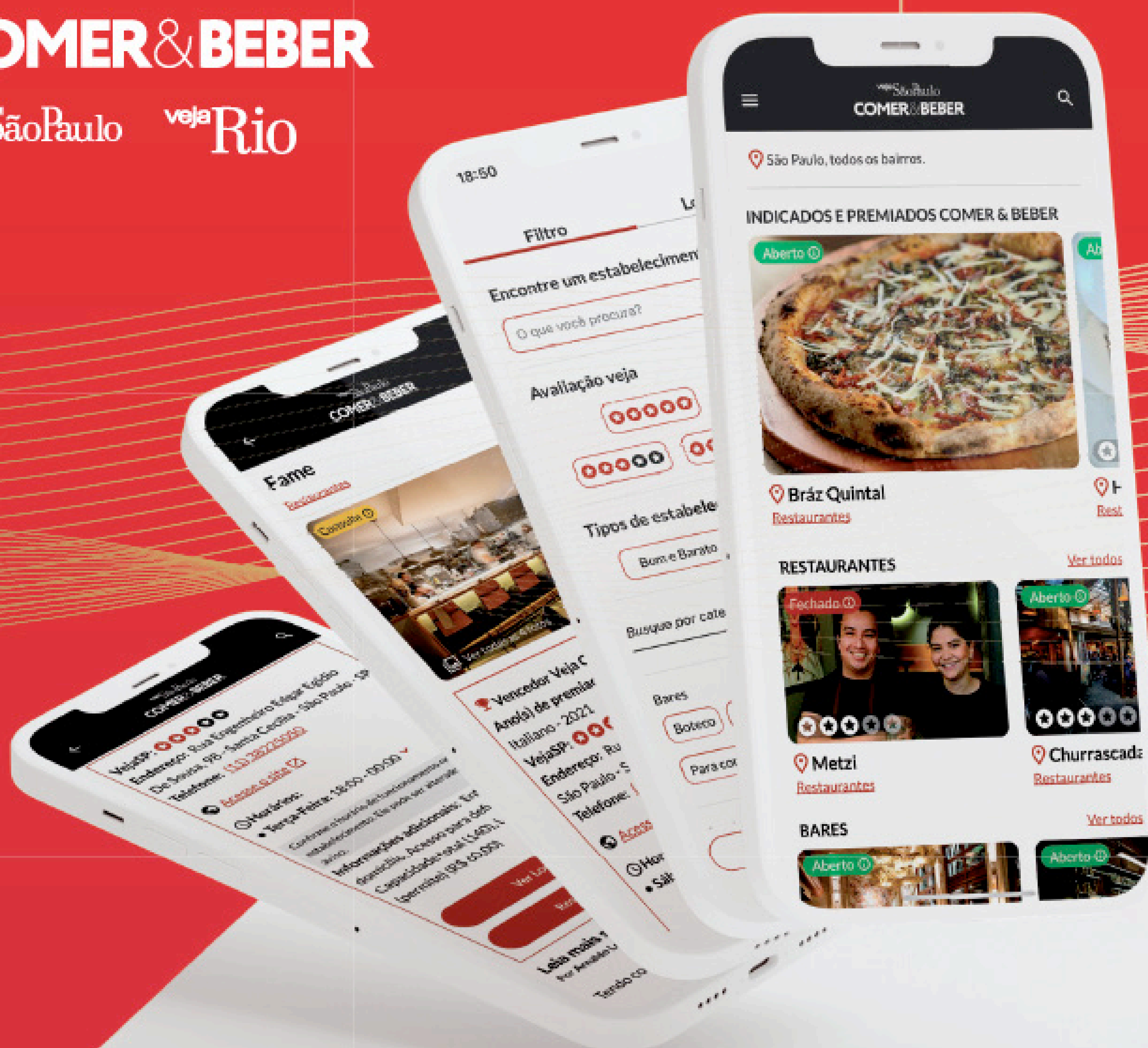
Os melhores endereços gastronômicos de São Paulo e Rio de Janeiro agora reunidos no aplicativo COMER & BEBER. Encontre rapidamente a experiência gastronômica que procura dentro do app:

- **PESQUISE POR REGIÃO**
- **ESTABELECIMENTOS SEPARADOS POR CATEGORIAS**
- **RESENHAS COMPLETAS COM AVALIAÇÃO DE ESPECIALISTAS**
- **RESERVA DE MESA ANTECIPADA**

APLICATIVO

COMER & BEBER

veja São Paulo veja Rio



BAIXE AGORA NO SEU CELULAR







DM9



GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER



FOTO REAL DO CLUB DE SURF E DO SURF LODGE RESIDENCES

O EMPREENDIMENTO ÚNICO COM AMENITIES INÉDITOS E A EXCELÊNCIA JHSF JÁ É REALIDADE.

Reúne lotes exclusivos a partir de 2.500 m², além dos **Grand Lodge Residences**, **Surfside Residences**, **Golf Residences** - com unidades para locação, **Village Houses** e escritórios no **Family Offices**, com os seguintes amenities:

CAMPO DE GOLFE COM 18 BURACOS — PERSPECTIVA ARTÍSTICA

CLUB DE SURF COM PISCINA PERFECTSWELL® — FOTO REAL

TOWN CENTER COM LOJAS E RESTAURANTES — PERSPECTIVA ARTÍSTICA

SPA INTERNACIONAL E ACADEMIA — FOTO REAL

CENTRO EQUESTRE COM PICADEIRO COBERTO — PERSPECTIVA ARTÍSTICA

CENTRO DE TÊNIS E PICKLEBALL — FOTO REAL

JHSF
SURPREENDENTE

SAIBA MAIS

VISITE O SHOWROOM • VENDAS: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

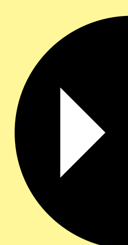
Aviso Legal: O presente se refere aos loteamentos e às incorporações do Boa Vista Surf Lodge, do Boa Vista Golf Residences, do Grand Lodge Hotel & Residences, do Surfside Residences, do Village Family Offices, registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As amenities referentes à piscina para prática de surf, ao spa, ao equestre e aos clubes de tênis, esportivo e de golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária, no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village já constituído e nos regulamentos específicos. A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.


BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

“FATOS SÃO TEIMOSOS”

Senador vê revanchismo contra a Lava-Jato, diz que não dá para esconder que o país foi vítima de esquemas de corrupção e pede “parcimônia” na investigação sobre Bolsonaro e joias sauditas

LAÍSA DALL’AGNOL



O SENADOR Sergio Moro (União Brasil-PR) é uma figura impossível de ser dissociada da Lava-Jato. Principal rosto da operação que provocou terremotos no mundo político, ele atribui ao "revanchismo" a tentativa de cassar o seu mandato, que foi enterrada por unanimidade pelo Tribunal Superior Eleitoral em maio. De volta ao jogo, critica o movimento para reescrever a história sobre os vastos esquemas de corrupção que ajudou a desvendar e diz que não faz sentido negar o que aconteceu no país porque "os fatos são coisas teimosas". Embora tenha ficado célebre pelo rigor com que tratou casos envolvendo grandes nomes da República, como o hoje presidente Lula, ex-ministros, ex-governadores e ex-presidentes da Câmara, o ex-juiz adota outro tom ao ser questionado sobre as investigações envolvendo Jair Bolsonaro — de quem foi ministro da Justiça — e seus apoiadores. Sobre o indiciamento do ex-presidente no caso das joias sauditas, avalia que o ato da Polícia Federal foi "prematuro" e pede "parcimônia" e cuidado com "acusações que não serão compreendidas pela sociedade". Leia a entrevista.

Como ex-ministro da Justiça de Jair Bolsonaro, o que o senhor achou do indiciamento dele pela Polícia Federal no caso dos presentes sauditas? As joias, por seu valor elevado, deveriam ter sido incorporadas ao patrimônio da Presidência. No entanto, Lula e Dilma também tive-

ram problemas dessa espécie e jamais foram acusados de peculato. O que havia era uma controvérsia jurídica sobre se os bens deveriam ir para o acervo pessoal ou presidencial. O caso de Lula passou pelas minhas mãos e não teve acusação desse tipo, pois não houve uma intenção criminosa. Como acusar Bolsonaro de se apropriar indevidamente das joias com Lula ao mesmo tempo passeando por aí com o relógio Piaget *(presente recebido do então presidente francês Jacques Chirac em 2005)* no pulso? Temos que tomar cuidado com essas investigações para evitar o acirramento da polarização com acusações que não serão compreendidas pela sociedade.

O senhor acha que não há, então, embasamento suficiente para indiciar o ex-presidente? O indiciamento feito pela PF foi prematuro e seria mais apropriado tratar

"Tenho orgulho da Lava-Jato e discordo dessa tentativa de reescrever a história. Mas não ocupo a tribuna falando em tríplex, em sítio de Atibaia. Eu olho para o presente e o futuro"

a questão como uma infração administrativa, incorporando joias e relógios ao patrimônio público. Mas isso ainda vai passar pelo crivo da Procuradoria-Geral da República e do Supremo, que, espero, ajam com parcimônia.

Como o senhor avalia a condução dos inquéritos que apuram os atos antidemocráticos pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF? As invasões e a depredação de patrimônio público em 8 de janeiro foram deploráveis. Mas participei da CPMI do Congresso sobre esse tema e não houve elementos que autorizassem a conclusão de que aquilo foi um plano organizado. Se existem, estão eventualmente sendo apurados em investigações. O fato é que até hoje eles não apareceram. Por mais que seja necessária uma sanção àqueles atos criminosos, há uma avaliação de que houve, em casos específicos, um apenamento extremamente rigoroso. Na linha para a pacificação do país, e até pensando na situação de justiça individual, seria oportuno que houvesse uma revisão dessas penas para baixo pelo próprio Supremo, se possível.

O senhor se sente fortalecido após ter sido absolvido no processo que pedia a cassação do seu mandato? Queriam se aproveitar do clima político de revanchismo para tentar fazer prevalecer teses absurdas que, em um contexto normal, sequer seriam cogitadas. Não conseguiram. A Justiça Eleitoral foi técnica e independente. Nunca

deixei de estar focado no meu mandato. Mas claro que, superada essa etapa, fica mais fácil. Posso trabalhar com um pouco mais de tranquilidade. Mas o país ainda está longe da pacificação necessária e seria importante que todos os atores, Legislativo, Judiciário, Executivo, pusessem a bola no chão. Vamos garantir segurança jurídica, previsibilidade, tanto nas decisões judiciais quanto nas ações do Executivo e do Legislativo.

O revanchismo seria por causa de sua atuação como juiz? Tenho muito orgulho da Operação Lava-Jato, do trabalho que foi feito, e discordo completamente dessa tentativa de reescrever a história. Mas não ocupo a tribuna do Senado falando em tríplex, em sítio de Atibaia. Eu olho para o presente e o futuro. Essa ação de cassação faz parte de um movimento de revanchismo histórico. Infelizmente, ele ainda não acabou, mas seria bem melhor ao país se reconhecêssemos o que aconteceu no passado, aquele descalabro de corrupção, e voltássemos a defender mecanismos de prevenção e de combate. No entanto, isso me parece impossível dentro do governo Lula.

Há cada vez mais um debate sobre o grande volume de dinheiro público – 6 bilhões de reais em 2024 – para financiar campanhas eleitorais. O senhor, que julgou vários casos de caixa dois e corrupção, vê espaço para a volta do financiamento empresarial? É um passo bas-

tante arriscado. Não poderia ser algo semelhante ao que tínhamos. Teríamos que ter limites rigorosos de teto de doações pelas empresas. Penso que existem outras alternativas para baratear campanhas, como a velha discussão sobre o voto distrital. E também é preciso mais transparência no emprego das verbas públicas. Não sou um fã da volta do sistema anterior, dado o risco de corrupção e de conflito de interesses.

Empreiteiras envolvidas na Lava-Jato têm negociado acordos de leniência com o governo, com descontos que chegam a 50% do saldo. Como o senhor vê esse movimento? Discutir a revisão de acordo por dificuldades econômicas das empreiteiras é algo possível. Mas discutir revisão de acordos negando o que aconteceu no passado é um grande erro. Temos que admitir que o Brasil passou por um período no qual o público e o privado se misturaram e a prática de pagamento de suborno virou quase uma rotina em contratos com o setor público. Os fatos são coisas teimosas. Não faz nenhum sentido negarmos a existência deles. Espero que essa realidade não seja mais ignorada, mas infelizmente não é o que vemos nos discursos de Lula, que segue com a velha teoria da conspiração, de que foi tudo armação. Isso é grave, principalmente quando se reflete em políticas públicas, seja para desmontar mecanismos preventivos de corrupção ou enfraquecer a governança das estatais.

Lula tem feito duras críticas ao presidente do Banco Central e, recentemente, comparou a atuação de Roberto Campos Neto a sua condução da Lava-Jato, dizendo que a autoridade monetária tem "lado político" e trabalha para "prejudicar o país". É a mesma coisa que ele fazia com a Lava-Jato. Em vez de reconhecer a corrupção e promover as mudanças necessárias para prevenir novos casos, ele buscava transferir a responsabilidade ao juiz, ao promotor, à Polícia Federal, criando aquela teoria da conspiração de que tudo era um plano dos Estados Unidos. A mesma situação ele faz agora. Já que a economia vai mal, ele levanta uma cortina de fumaça e busca transferir a responsabilidade ao Campos Neto. Votei a favor do arcabouço fiscal, mas vi que o próprio governo o jogou ao mar. O crescimento do déficit público impacta a produtividade do Brasil e vai comprometer nosso futuro.

"Pode ser que eu me apresente como candidato ao governo em 2026. O que não deixarei é o Paraná cair nas mãos do PT ou de algum aliado. Sou um adversário que eles temem por razões históricas"

Faz com que a taxa de juros fique desse tamanho, já que o Banco Central não tem alternativa, dado o receio de um descontrole da dívida pública.

A última eleição presidencial foi marcada pela polarização ideológica, algo que é visto também no Congresso. Há espaço hoje para um resgate da chamada terceira via? Não podemos confundir polarização com oposição ao governo. Qualquer regime democrático sempre vai ter a situação e a oposição. Isso é normal. A alternância de poder, igualmente, faz parte do habitual dentro de uma democracia. O que tenho defendido não é o abandono do enfrentamento a Lula, mas a tentativa de evitar excessos, muitas vezes até de linguagem, ou ataques pessoais a quem não comunga com suas ideias. É possível encontrar pontos de consenso.

O senhor está há um ano e meio no Senado e sua atuação é voltada à segurança pública, com a defesa, por exemplo, do fim das saidinhas. Esse é o foco da sua atuação? O grande tema da atualidade, fora a economia, é a segurança pública. E o direito penal tem que ser sério. Nem ter excesso e nem ser leniente. O caso das saidinhas foi uma forma de sinalizar à população que vamos endurecer a legislação penal. Sou relator do projeto que pretende restringir a libertação indevida de presos em flagrante em audiências de custódia. Há casos de pessoas que co-

ram várias infrações, inclusive crimes violentos, e são liberadas. Precisamos fechar essa porta giratória. E esse é um projeto do ex-senador Flávio Dino, que tem uma linha ideológica bem diferente da minha. Mas isso não impede de buscarmos um consenso para evitar solturas indevidas.

Como foi ter enfrentado uma ameaça de sequestro planejada pelo PCC? É preciso ter um grande rigor no combate às organizações criminosas, como fiz no Ministério da Justiça. Isolamos as lideranças em presídios federais, cortamos as comunicações com o mundo exterior ou pelo menos impactamos essa comunicação para evitar que continuassem comandando. Aprovamos a lei de ampliação do confisco de bens desses criminosos. A criminalidade refluiu. Isso é reconhecido pelos bandidos, que me têm como alvo. A ameaça do PCC foi uma retaliação pelo meu trabalho como ministro. Tiveram a ousadia de fazer um plano para praticar um atentado contra um senador da República e sua família. Isso revela o nível enorme de periculosidade dessas quadrilhas. E a gente precisa dar uma resposta. No ministério, fomos efetivos no combate à criminalidade. Hoje, o governo Lula, porque tem uma visão equivocada da política de segurança pública, está perdendo a guerra contra o crime.

O senhor pensa em tentar de novo concorrer à Presidência? Não pretendo disputar a eleição, mas quero apoiar

um nome para derrotar o PT e Lula. E não por uma animosidade pessoal, mas simplesmente porque o país não aguentaria um novo ciclo de irresponsabilidade fiscal e administrativa. Há nomes que se apresentam, como o do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, que é do meu partido.

E disputar o governo do Paraná em 2026? Pode ser que eu me apresente como candidato. O que não deixarei é o Paraná cair nas mãos do PT ou de algum aliado. Sou um adversário que eles temem por razões históricas. ■

ALVO: CRIANÇAS HOSPITALIZADAS



EM PLENA LUZ do dia, em horário de grande movimento, a Rússia empreendeu, na segunda-feira 8, um dos mais pesados bombardeios até agora em várias cidades da Ucrânia, entre elas a capital, **Kiev,** onde um dos alvos escancarou, mais do que os outros, a crueldade da guerra: o **Hospital Okhmatdyt, o maior centro médico infantil do país,** crucial para o tratamento das 20 000

ROMAN PILIPEY/AFP

crianças que atende anualmente. Em seguida ao ataque, equipes de resgate e voluntários reviraram os escombros da ala destruída por mísseis em busca de sobreviventes soterrados. Um clima de tristeza e luto abateu-se sobre o país, onde espetáculos foram suspensos e bandeiras hasteadas em respeito aos 39 mortos. “Crianças com câncer, uma maternidade com recém-nascidos. A guerra da Rússia é contra a nossa vida”, definiu o filósofo ucraniano Volodymyr Yermolenko. Meninos e meninas, inclusive bebês, tiveram de ser retirados às pressas de máquinas de diálise e outros tratamentos e passados de mão em mão por janelas para alcançar lugar seguro. Sentados em silêncio em uma clínica improvisada, pequenos pacientes com aventais hospitalares manchados de sangue tentavam entender o que acontecia. Em Washington, onde participava de uma reunião de cúpula da Otan que deve renovar o apoio político, militar e financeiro à Ucrânia, o presidente Joe Biden definiu o ataque como “um horrível lembrete da brutalidade russa”. De míssil em míssil, os mais frágeis pagam o preço de uma guerra sem fim à vista. O horror, o horror. ■

Caio Saad

"VIVEMOS NA ERA DA ANSIEDADE"

Professor da Universidade da Califórnia, o psicólogo de 62 anos fala de seu trabalho como consultor científico das emoções retratadas em *Divertida Mente 1* e *2* – hit de bilheteria que trata de saúde mental



ESPECIALISTA Keltner: "O filme nos dá a oportunidade de falar dessa emoção tão particular e como podemos lidar com ela"

ALBERTO E. RODRIGUEZ/GETTY IMAGES

Como foi seu envolvimento como consultor em *Divertida Mente 2*? O diretor do filme, Pete Docter, me convidou para contribuir no primeiro filme, em 2015, depois em *Soul* (2020) e, agora, neste novo longa. Estudo emoções há 25 anos, comando um laboratório de pesquisa na Universidade da Califórnia e sempre tive curiosidade e muitas perguntas sobre o tema. Em *Divertida Mente 2*, a ideia era mostrar como as emoções de uma garota mudam quando ela chega aos 13 anos, e eu forneci alguns dados baseados na ciência.

Como no filme, a ansiedade se tornou um grande mal moderno. Estamos enfrentando uma epidemia de ansiedade mundial? Sim, não há dúvida. Nos últimos vinte anos, as taxas de estresse, ansiedade e os diagnósticos clínicos de transtorno de ansiedade aumentaram dramaticamente, de 20% a 30%. E os números são ainda maiores entre mulheres jovens, de 13 a 25 anos.

E quais são as razões disso? A pandemia, as pressões acadêmicas, as crises climáticas e políticas. E hoje as jovens não só precisam ser bonitas, gentis e solidárias, elas também têm de ser brilhantes e ostentar carreiras bem-sucedidas.

Podemos relacionar essa epidemia a outros momentos históricos? Acredito que houve explosão da ansiedade no período anterior à Revolução Francesa, em que havia muita turbulência e injustiça econômica naquele país. Assim co-

mo durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, ou ainda na Grande Depressão, épocas em que também ocorreu muita instabilidade política e financeira.

***Divertida Mente 2* é o maior hit dos cinemas neste ano, com 1,2 bilhão de dólares de bilheteria global. A que atribui o fenômeno?** É interessante ver que, em um mundo de tantas lutas, a ansiedade muitas vezes não chama muita atenção. Conversamos sobre depressão, esquizofrenia, psicose, mas não de ansiedade. O filme dá às pessoas a oportunidade de falar sobre por que esta é a era da ansiedade, e como podemos lidar melhor com ela.

O que pensa sobre o abuso de ansiolíticos? Acabou de sair um artigo científico na Inglaterra dizendo que a depressão não está associada a níveis mais baixos de serotonina. E o uso de remédios para aumentar serotonina é ideia central no tratamento farmacêutico da depressão. A questão mais provocativa é se não estamos confiando demais em produtos farmacêuticos, especialmente receitados aos jovens.

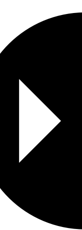
É possível obter algo positivo da ansiedade? Acredito que sim. Todos nós temos muitas emoções, mas elas podem nos levar a algo bom, como nos esforçar para sermos melhores diariamente. ■

Kelly Miyashiro

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

“Não suporto intolerância nem soberba, nunca falo de ninguém pelas costas e rio à toa, adoro até piadas politicamente incorretas, desde que não machuquem ninguém.”

TONY RAMOS, de volta ao teatro com a peça *O que Só Sabemos Juntos*, com Denise Fraga, depois de ter sofrido um acidente vascular cerebral



"Depois de muita luta e catorze anos de espera, finalmente estamos presenciando a inauguração oficial de apenas metade da Unifesp Quitaúna."

JAMILY FERNANDES ASSIS, aluna do curso de direito, diante do presidente Lula e da primeira-dama Janja, em cena constrangedora

"Legal o cara fazer isso com a sua filha, e com a minha não. De qualquer forma, parabéns sempre, grande Nikolas."

CARLOS BOLSONARO, o filho Zero Dois, ao ironizar uma postagem em que o pai aparece com a filha bebê do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG)

"Que Deus livre e guarde a nossa Aurora de toda inveja e maldade."

MICHELLE BOLSONARO, em defesa do marido, contra o enteado

"Se você cansar do futebol, pode me treinar na quadra de tênis a qualquer hora."

ALEXANDER ZVEREV, tenista alemão, em comentário dirigido ao espanhol Pep Guardiola, técnico do Manchester City, que acompanhava o torneio de Wimbledon

"Dá para ser criativo sem ser ofensivo. Só não concordo com certos exageros, como a corrente que defende que para fazer uma novela no papel de um transexual é preciso ser trans."

AGUINALDO SILVA, autor de novelas, em entrevista ao site de VEJA

"Nunca se viu coisa igual."

MARCA, diário esportivo espanhol, espantado com a ausência do treinador Dorival Jr. na rodinha dos jogadores antes da disputa de pênaltis contra o Uruguai, na Copa América. A seleção brasileira foi eliminada

"O medo de todos os atores é que nos rotulem, e ninguém quer ser rotulado. Mas é inevitável, e somos todos rotulados."

MATT DILLON, ator americano, ídolo dos adolescentes na juventude, que depois faria até o papel de Jack, o Estripador, em um filme de 2018 dirigido por Lars von Trier

"Pensava que ia estar usando bengala."

ANTONIO BANDERAS, ator espanhol, 63 anos

"Bom, o livro chega pra mim e eu corrijo todas as besteiras que o autor escreve. Dessa vez eu tive de corrigir várias coisas que, por causa de um cérebro já esfumaçado de erva, fez com que ele cometesse erros históricos."

GILVAN MOURA, revisor técnico do livro *As Letras: 1956 até o Presente* (Editora Belas Letras), de Paul McCartney



“Não sabia que estava com tanta saudade.”

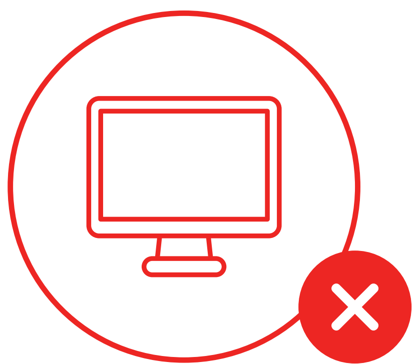
MALU MADER, de volta às novelas, em *Renascer*, depois de oito anos de distância da televisão

FABIO ROCHA/TV GLOBO



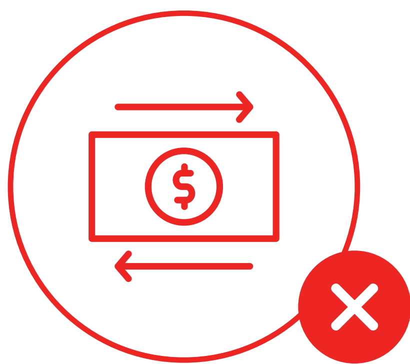
ESTAR BEM INFORMADO TAMBÉM É SE PROTEGER DE GOLPES

Nós do **Grupo Abril** nos preocupamos muito com nossos clientes e por isso separamos algumas dicas importantes para segurança dos seus dados. Fique atento com:



Não enviamos nenhum tipo de link

solicitando dados pessoais e financeiros.



Nunca solicitamos depósito ou transferência

por nenhum canal de atendimento



Só enviamos e-mails pelos domínios:

@abril.com.br;
@abril.abrilrelacionamento.com.br;
@abrilmultimidia.com.br;
@emailabril.com.br.



Nossos boletos têm sempre como beneficiário final / sacador avalista:

Abril Comunicações,
CNPJ 44.597.052/0001.62



Não temos representantes comerciais que efetuam cobranças em domicílio

ou qualquer outra espécie



Não enviamos cartas solicitando depósito ou transferência bancária

para quitação de dívidas.



Só ligamos ou enviamos mensagens por whatsapp pelo telefone oficial do nosso atendimento

ou pelos números dos representantes autorizados

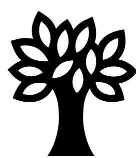


Os telefones oficiais da nossa Central de Atendimento são :

(11) 3584-9200
(11) 5087-2112

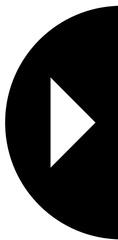
Importante! A Abril preza pela relação de respeito com os seus assinantes e nunca faz ameaças ou cobra valores para quitação de dívidas. Caso receba alguma ligação ou mensagem com tom intimidador, desconfie. As empresas de call center que fazem vendas de assinaturas para a Abril, como representantes autorizados são: BWA - WhatsApp: (31) 99238-8180 | (31) 3083-2648 / (31) 3083-2614 Younique - Whatsapp: (11) 912177976 | (11) 31925586. Caso receba contato de vendas de assinaturas que não seja dessas empresas, ignore a chamada. **Estamos à disposição para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos através dos nossos canais de comunicação: telefone e WhatsApp: (11) 3584-9200, e-mail: atendimento@abril.com.br. Atendimento telefônico disponível de segunda a sexta, das 09h às 17:30hs**





NA ANTESSALA DA HISTÓRIA

BREVE UNIÃO Mirta com o ainda imberbe Fidel: casamento de véu e grinalda



ARQUIVO PESSOAL

A cubana **Mirta Díaz-Balart,** estudante de filosofia e literatura na Universidade de Havana, conheceu um colega do curso de direito, um imberbe Fidel Castro Ruz (1926-2016), e logo estavam namorando. Casaram-se em 1948 — ela, de véu e grinalda; ele, de smoking. A lua de mel foi nos Estados Unidos, entre Miami e Nova York. O único filho do casal, também chamado Fidel, o Fidelito, nasceria em 1949. Dali para a frente, a vida em família seria uma montanha-russa, cujo ápice foi a prisão do já advogado em julho de 1953, depois de liderar o assalto ao quartel de La Moncada, episódio fundamental do tempo pré-derrubada de Fulgencio Batista. Mirta era uma das únicas pessoas autorizadas a visitá-lo na cadeia. Depois da liberdade, deu-se o rompimento. Fidel foi para o exílio no México. Ela ficou em Cuba, distante dos movimentos políticos e incomodada com a descoberta de um caso extraconjugal do companheiro. O divórcio foi assinado em 1955. Depois da revolução, em 1959, cada um seguiu seu lado, em todos os sentidos. Fidel, como ele mesmo sugeriu em uma de suas mais conhecidas frases, seria julgado pela história. O filho ficaria com ele e não demorou para ter papel de relevo na burocracia comunista, depois de formado em energia nuclear. Mirta, a partir de Miami, faria parte de raivosos grupos anticastristas. Fidelito cometeu suicídio em 2018. Mirta morreu em 6 de julho, em Madri, aos 95 anos.



BETTMANN/GETTY IMAGES

ORIGENS Vic Seixas, dono de quinze títulos de Grand Slam, dois em simples: mãe irlandesa e pai nascido no Brasil

PRIMÓRDIOS DO TÊNIS

No tempo em que as raquetes de tênis eram pesadonas, feitas de madeira, o americano **Elias Victor "Vic" Seixas** foi várias vezes celebrado como um dos melhores do mundo. Filho de mãe irlandesa e pai brasileiro, de família portuguesa, Seixas ganhou quinze torneios de Grand Slam nos anos 1950 — dois em simples (Wimbledon e US Open), oito em duplas mistas e cinco em duplas masculinas. "Em 1953, quando venci Wimbledon, me deram um vale equivalente a 75 dólares para gastar em uma loja de Piccadilly Circus, de material esportivo", disse em uma entrevista em 2018. "Comprei um suéter." Antes do esporte, ganhava a vida como piloto de aviões de combate durante a Segunda Guerra Mundial e bartender. Morreu em 5 de julho, aos 100 anos.

TOQUE DE MIDAS

Há personagens da história do cinema que caminham à sombra — e merecem ser iluminados. **Jon Landau** foi produtor de três dos filmes com maior bilheteria de todos os tempos, dirigidos por James Cameron: *Titanic*, de 1997, e os dois longas da franquia *Avatar*, de 2009 e 2022. O clássico em torno do naufrágio do navio arrecadou 1,8 bilhão de dólares quando foi lançado — marca superada pelas duas aventuras científicas das estranhas imensas figuras azuladas. *Titanic* ganhou onze estatuetas do Oscar, entre elas a de melhor filme, dividido entre Landau e Cameron. "Não sei atuar, não sei compor e não consigo desenvolver efeitos visuais, por isso é que produzo filmes", disse ao receber o prêmio. Landau morreu em 5 de julho, aos 63 anos, em decorrência de um câncer. ■



MATT WINKELMEYER/GETTY IMAGES

BILHETERIA Jon Landau: produtor de grandes sucessos do diretor James Cameron, como *Titanic* e *Avatar*



FERNANDO SCHÜLER

HAYEK EM CAMBORIÚ

"A CIDADE PRECISA de uma limpeza espiritual", diz um ministro do governo, referindo-se ao CPAC, o encontro político conservador, em Camboriú. A postagem veio seguida de uma fila de ofensas, como é típico desses tempos de cólera e má educação, na internet. Lula também lascou: evento "antipovo", disse ele, entre outras palavrinhas pouco simpáticas. Ele poderia ter dado uma de Obama. Dito "não concordo com aquelas ideias, mas é a democracia, e sou presidente de todos". Sem chance. O que me chamou atenção foi a presença de Javier Milei, um notório liberal "libertário", em um evento declaradamente conservador *(leia mais na matéria "Um vizinho incômodo").* As razões políticas são um tanto óbvias, mas não é esse meu ponto. O aspecto interessante é conceitual. Qual seria exatamente a diferença entre um liberal e um conservador, na política moderna? Algumas afinidades são velhas conhecidas. A oposição ao socialismo, para começar. E foi exatamente esse o foco do discurso de Milei. Mas há diferenças essenciais, no plano filosófico e em políticas públicas. No governo Bolsonaro, isso apareceu o tempo todo. Qualquer um podia perceber, naqueles anos, a postura de um ministério como o da economia, a abordagem de Paulo Guedes, suas falas sobre as "so-

ciedades abertas", em contraste com áreas como a da educação, ou mesmo a retórica política mais geral do governo. E presumo que isso será cada vez mais relevante, aqui pelos trópicos, no futuro próximo.

Uma referência para tentar entender essas coisas é o texto clássico do economista austríaco Friedrich Hayek, do final dos anos 50, com o sugestivo título *Por que Não Sou Conservador.* O texto começa com um elogio à tradição conservadora, dado seu apreço pelas instituições e seu gosto pela mudança gradual. Mas se afasta dessa mesma tradição, associando a posição liberal a um saudável ceticismo e ao gosto pela mudança produzida pela lógica espontânea a autorreguladora do mercado. O ponto que sempre me chamou atenção surge quando ele diz que um conservador não dispõe de princípios que lhe permitam "trabalhar com pessoas cujos valores são diferentes de seus próprios valores, de modo a estabelecer uma ordem política na qual ambos possam seguir suas convicções". O ponto de Hayek é dizer que o conservadorismo é um elefante na loja de cristais, em uma sociedade aberta. Não sabe lidar com "fato do pluralismo", definidor do mundo moderno. Há algum eco distante sobre isso, naquele evento, em Camboriú? O conservadorismo dominante, ali, por óbvio, não era o de Edmund Burke, que teria agradado a Hayek, mas algo mais caseiro. Algo que se convencionou chamar de "conservadorismo de costumes". Visão com conotação religiosa, expressa no bordão de Bolsonaro: "Deus, pátria e


HULTON DEUTSCH/CORBIS/GETTY IMAGES

CETICISMO O olhar clássico do economista austríaco Hayek: "Por que não sou conservador?"

família". Do outro lado, Milei, o roqueiro libertário. Ele e sua visão agnóstica da política, cuja prioridade é a neutralidade do Estado diante de diferentes visões éticas, e a contínua expansão dos limites da liberdade individual.

Cá entre nós, não é uma diferença pequena. Ela pode surgir em infinitos espaços. Na educação, por exemplo. Ainda por agora, o estado de Oklahoma mandou que os professores ensinem sobre a *Bíblia,* nas escolas públicas. Concordamos com isso? Ou o foco deve se concentrar na

“O liberalismo não é apenas um conjunto de regras, mas um modo de viver”

abordagem laica e pluralista da educação, favorecendo a “descoberta”, por parte dos alunos, e sua autonomia intelectual? Nesse prisma, por curioso que possa parecer, conservadores de costumes e a esquerda de simpatias *woke* se aproximam. Ambos têm uma doutrina moral a seguir. Essa proximidade, aliás, não passou desapercebida para Hayek, dizendo que seria “mais fácil para o socialista arrependido encontrar um novo lar espiritual entre os conservadores do que entre os liberais”.

Muita gente vê nessa ausência ou recusa de uma régua abrangente de valores uma enorme fragilidade da tradição liberal. O liberalismo seria basicamente insosso e carente de imaginação. Incapaz de dar qualquer resposta relevante sobre os temas essenciais da existência humana. Por que alguém sairia à rua para defender coisas aborrecidas como “um Estado neutro, garantias individuais e isonomia diante da lei”? Só mesmo malucos que gostam da Primeira Emenda, da liberdade de expressão, direitos in-

dividuais, essas coisas (entre os quais me incluo). Mas, cá entre nós, são a minoria da minoria. A partir daí, surge a crítica à esquerda e à direita. De um lado, a fragilidade liberal tornaria a sociedade presa fácil do discurso *woke,* e similares; de outro, o vazio seria preenchido pelos novos populismos conservadores, ao estilo Trump, Le Pen, Orbán e cia. Ali pelo meio desses dois rochedos, o liberalismo andaria como marisco. Frágil para manter coesa uma sociedade em tempos duros.

Quem propôs uma via alternativa foi o professor da Universidade de Sydney Alexandre Lefebvre, com seu livro *O Liberalismo Como Estilo de Vida*. Lefebvre defende o seguinte: o liberalismo não é apenas um conjunto de regras e instituições, mas um modo de viver. Ele não demandaria nenhuma doutrina abrangente, seja religiosa, seja política, para dar conta de nossas justificações existenciais. Ele mesmo nos ensina uma boa forma de viver. Suave, tolerante, ciosa da liberdade pessoal, capaz de rir de si mesmo e dos outros. E ainda cultivar um ativo senso de comunidade. A definição é otimista. O tipo liberal não recusaria a religião, por princípio. Apenas não dependeria dela como fundamento de uma vida ética. E por nada deste mundo se fixaria em alguma religião política, que nos inferniza, por aí. Lendo o professor Lefebvre, me lembrei de Nietzsche e seu "último homem". Aquela cena do profeta Zaratustra, diante da multidão, anunciando a chegada do *übermensch* (por vezes traduzido como "super-homem"), enquanto a multidão queria mesmo

saber de um tipo humano menos complicado. O tipo que deseja viver muito, cuidar da saúde e buscar a felicidade. Confesso que sempre achei o "último homem" um bom modelo. Desencanado, sem pretensões de redefinir a cultura e outras grandiloquências nietzschianas. Sem a mania *woke* ou "conservadora" de regular a vida dos outros. Daí, quem sabe, a ênfase que Lefebvre dá à cultura pop, ao humor, a uma certa desconfiança em relação a muita conversa metafísica. Quem sabe seja esse nosso futuro, profetizado por Nietzsche.

Havia ainda uma terceira posição, perfeitamente compatível com a visão liberal, presente em Camboriú: a do governador Tarcísio de Freitas. É a posição que fica com um pouco de sono com muita discurseira ideológica, e cuja ênfase é a modernização do Estado e do mercado. É possível que seja a posição típica do político de uma democracia avançada, na qual muitas das grandes questões já estão resolvidas, e a quem governa cabe resolver problemas e agir com eficiência. Não parece bem ser o caso do Brasil. Mas está lá. Em um grupo restrito, escutei chamarem o Tarcísio de "neotucano". Faz sentido. Por muito tempo, a visão liberal, no Brasil, se confundiu com as agendas de modernização do Estado, típicas da era FHC. Mas é possível que o Brasil de hoje exija um pouco mais do que isso. Cada um pode julgar. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

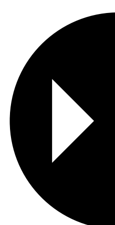
■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

SALGADO FILHO
Um dos símbolos da tragédia climática no RS, o aeroporto de Porto Alegre, fechado desde 3 de maio, voltará a ter embarques e desembarques em 15 de julho.

LAMINE YAMAL
Filho de imigrantes africanos, o atleta do Barcelona, de 16 anos, tornou-se o mais jovem jogador a anotar um gol na história da Eurocopa ao empatar a partida que eliminou a França do torneio.

PEDAÇO DE MIM
Série brasileira com Juliana Paes e Vladimir Brichta alcançou o quinto lugar no top 10 mundial de produções mais vistas em língua não inglesa da Netflix.



DESCE

BOEING

A empresa se declarou culpada por ter enganado a agência de aviação americana sobre o seu papel em dois acidentes com o modelo 737 Max que deixaram 346 mortos em 2018 e 2019.

SELEÇÃO BRASILEIRA

Com uma vitória e três empates, a equipe comandada por Dorival Júnior foi eliminada nas quartas de final da Copa América, a pior campanha do país desde 2001.

CARLA BRUNI

A cantora e ex-primeira-dama da França foi acusada na Justiça de envolvimento em ilegalidades no financiamento da campanha do marido, Nicolas Sarkozy, em 2007.

ROBSON BONIN

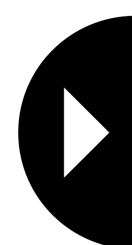
Com reportagem de Gustavo Maia
e Ramiro Brites



Devagar com o andor

Apesar de todo o barulho do relatório da Polícia Federal, **Paulo Gonet** diz que o caso das joias de Jair Bolsonaro seguirá o curso natural de todo processo que tramita no órgão. Não há motivo para acelerar ou retardar a análise. Quando estiver tudo certo, apresentará as conclusões ao STF. O chefe da PGR inclusive voltou de férias na segunda, com outras coisas na frente para tocar.

NA FILA Gonet: caso das joias de Bolsonaro não merece atenção especial na PGR



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Sem emoção

O relatório das joias não agravou a situação de Mauro Cid e de seu pai, Lourena Cid, no Exército: "O que saiu já estava precificado", diz um general.

Na torcida

Aliados de Juscelino Filho dizem que ele não sairá do governo. A tal denúncia na PGR, que Lula cita como fator para demissão, deve demorar — se sair.

Chama a PF!

Ricardo Lewandowski despachou, nesta semana, um ofício em que oferece serviços de segurança da PF a todos os ministros do governo Lula.

Todo o cuidado é pouco

Para ter proteção da PF, o ministro precisa apresentar "relato de ameaças recebidas". Anielle Franco, por exemplo, usa o serviço há um tempo.

Fla-Flu

Continua saindo faísca da briga entre o GSI e a PF pela segurança de Lula. Janja gosta mais da PF. Já Lula opta pelos militares em suas viagens.

Há vagas

Com tantos ex-auxiliares investigados, Bolsonaro tem circulado pelo país com menos seguranças do que gostaria.

Jingle Bells

Uma investigação do TCU deve mexer com muita gente no governo Lula. É que um conselho da AGU liberou uma gratificação natalina a servidores

que consumiu, em dois anos, mais de 230 milhões de reais.

Tem que devolver

O TCU analisa exigir a devolução da dinheirama, paga em “honorários” a mais de 12 000 servidores. O penduricalho “se mostra flagrantemente ilícito”, diz um relatório do tribunal.

O candidato

Candidato a suceder Arthur Lira na Câmara, Elmar Nascimento recebeu em sua festa de aniversário onze ministros de Lula. Para bom entendedor...

Jogo duro

Ao ver Rui Costa na festa, o petista Valmir Assunção gritou “Aldair”, aquele ex-zagueiro da seleção: “Você vai só na canela”. Costa sorriu.

Sem polarização

Articulador de Lula, Alexandre Padilha curtiu o show da Timbalada, no quintal de Elmar, abraçado a Filipe Barros, líder bolsonarista da Câmara.

“Festa de pobre”

Elmar serviu Chivas e Old Parr aos convidados. “É festa de pobre”, disse o deputado no grande quintal de sua mansão no Lago Sul, em Brasília.

Não foi dessa vez

O petista José Guimarães tentou promover um acordo de paz entre Arthur Lira e Padilha, mas só conseguiu um frio aperto de mãos.

Não vai sair barato

Apoiando José Luiz Datena contra Ricardo Nunes na capital, o PSDB deve perder o

apoio do MDB em Ribeirão Preto, Santo André e São Bernardo do Campo.

Plateia cheia

Nunes realizou reuniões de montagem de plano de governo nas regiões das 32 subprefeituras da cidade. Reuniu mais de 12 000 pessoas nessa caminhada.

Juntos, mas nem tanto

Desde que virou vice de Guilherme Boulos, Marta Suplicy só participou de seis agendas públicas de pré-campanha com o candidato do PSOL.

Vai virar livro

A Matrix Editora assinou contrato com as promotoras Simone Sibilio e Letícia Petriz, que atuaram no caso **Marielle.** Elas estão escrevendo um livro — ainda sem título definido — para contar bastidores da investigação. A obra será adaptada para virar filme, a ser realizado pela produtora Cine.



CÂMARA MUNICIPAL RJ

REGISTRO Marielle: investigação do caso será retratada em livro e filme

Mercado aquecido

Grandes companhias brasileiras que participarão da COP30 estão garimpando o mercado náutico para alugar barcos-hotéis para seus executivos.

É presente

Na passagem por Santa Catarina, Javier Milei ganhou do governador Jorginho Mello um vinho rosé produzido na Serra Catarinense.

Boa notícia

Com investimento de 2,5 bilhões de reais, vai finalmente sair do papel a fábrica da Nestlé Purina num parque industrial no oeste de Santa Catarina.

Já vimos esse filme

A PF que fique de olho. Estimada em 380 milhões de reais, a licitação de publicidade dos Correios virou briga feia entre o petismo e o Centrão.

Preço nas alturas

O MPF abriu investigação para acompanhar o caso (no Cade) de infração concorrencial nos preços praticados por Gol e Latam na ponte aérea Rio-São Paulo.

Fumaça e discórdia

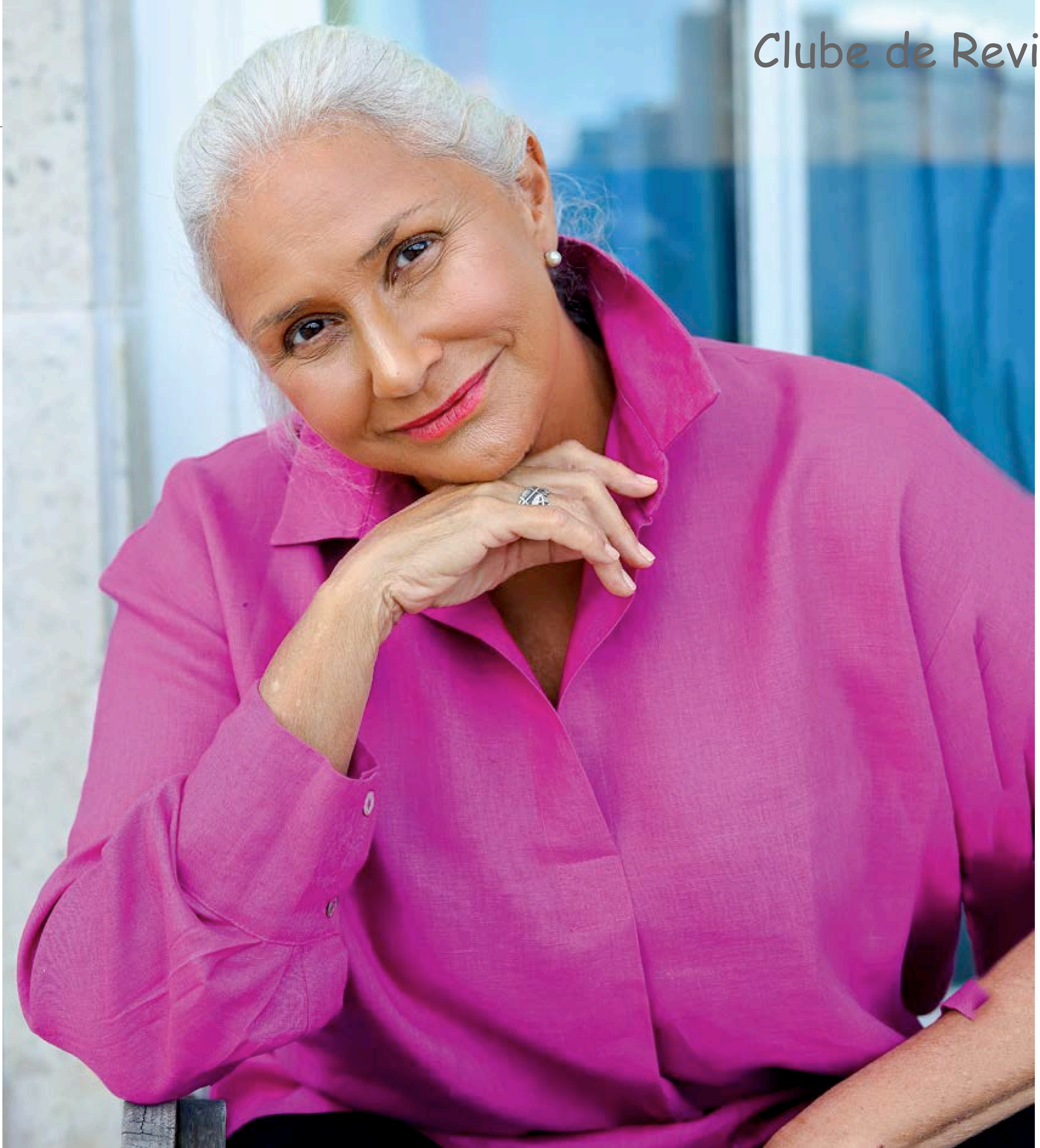
O petista Paulo Fiorilo quer cassar o mandato do Capitão Telhada na Alesp. Motivo: ele postou nas redes uma imagem gerada por IA de um petista fumando maconha. “Foi ofensivo”, diz.

Ventos de mudança

O STJ marcou para 22 de agosto a sessão solene de posse de Herman Benjamin na presidência da Corte. Ele terá Luis Felipe Salomão como vice. “Esperamos estar à altura da confiança dos colegas”, diz Salomão.

Fez o L

A Caixa fechou patrocínio de 600 000 reais com uma produtora carioca respon-


DIVULGAÇÃO

TEATRO Fafá: cinquenta anos de carreira e musical de 8,3 milhões de reais

sável pelo monólogo *Autobiografia Autorizada,* de Paulo Betti, ator e apoiador de Lula.

Homenagem milionária

O governo Lula acaba de autorizar uma produtora a captar 8,3 milhões de reais para realizar a montagem de um "espetáculo de teatro musical" em homenagem aos cinquenta anos de carreira de **Fafá de Belém,** a ser exibido em São Paulo, Belém e São Luís do Maranhão. ■



NO FOCO Ex-presidente fala em encontro conservador em SC: farol da direita e alvo para a oposição

NEM TÃO PERTO, NEM TÃO LONGE

Indiciamento pela PF no caso das joias e apuração sobre Abin paralela pressionam Bolsonaro e colocam em dúvida se o maior cabo eleitoral da direita vai resistir ao cerco policial

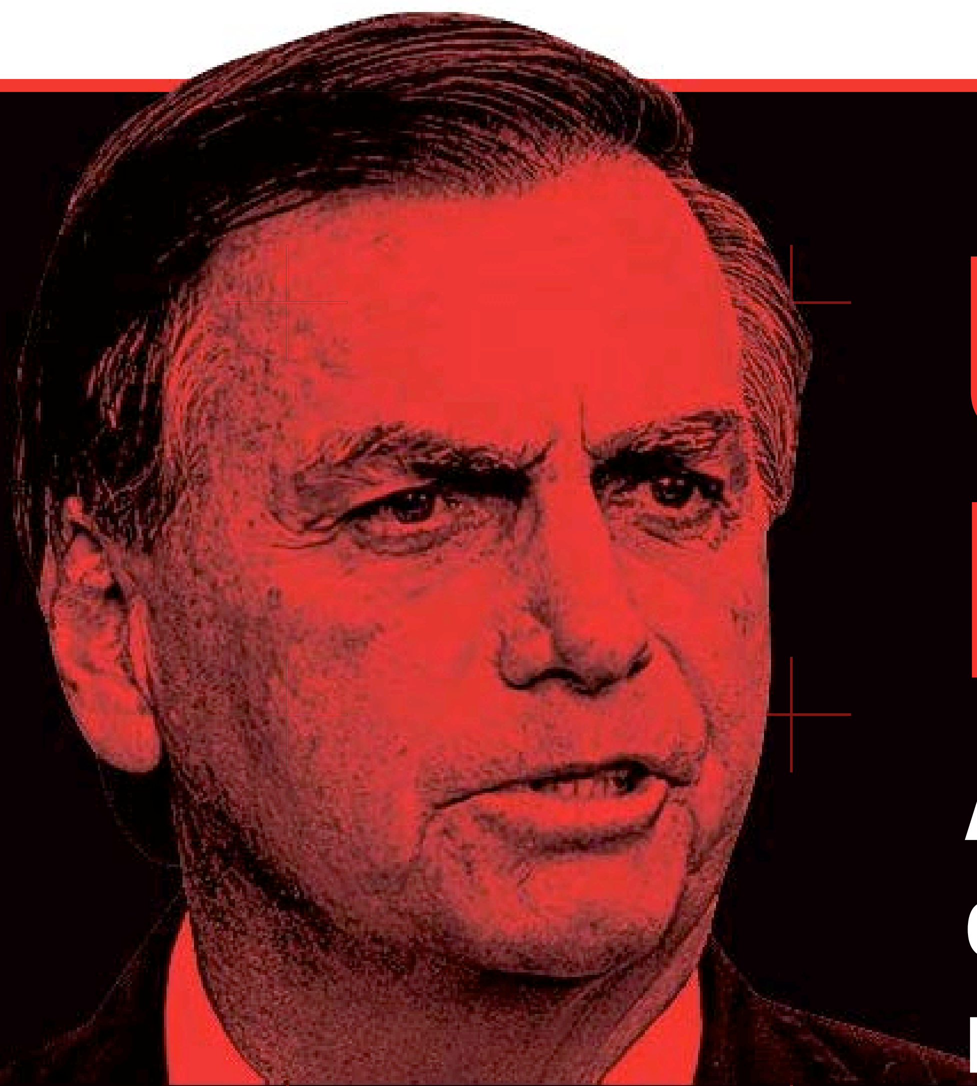
JOSÉ BENEDITO DA SILVA, LAÍSA DALL'AGNOL, VALMAR HUPSEL FILHO E **ISABELLA ALONSO PANHO**

EVARISTO SÁ/AFP

Na quinta 4, logo que começaram a surgir as primeiras notícias sobre o indiciamento de Jair Bolsonaro pela Polícia Federal no caso das joias sauditas, o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ), que cuida das redes sociais do ex-presidente e atua como uma espécie de pit bull contra quem tenta se aproveitar do capital eleitoral do pai, deu o primeiro recado. “Por que a tal direita sensata não dá um pio? As variantes de ação para uma hora encaixar continuam a todo vapor”, escreveu em tom de repreensão. Nos dias seguintes, ele voltaria ao tema, citando um suposto “happy hour da direita” e cobrando os “isentões” e a “direita limpinha”, que estariam “somente querendo o espólio político de Jair Bolsonaro” ou fazendo de “tudo para criar esqueletos e se colocarem como bonzões”. As mensagens (meio cifradas, como é comum no linguajar “carluxês”) tinham endereço: aqueles que viram na cada vez mais enroscada situação policial e judicial do ex-presidente uma oportunidade eleitoral — ou um sinal de alerta.

A tensão piorou bastante na quinta 11, quando uma operação da PF prendeu quatro pessoas acusadas de integrarem a chamada Abin paralela, um esquema clandestino de arapongagem que teria operado durante o seu governo, utilizando as estruturas da Agência Brasileira de Inteligência, e monitorado de forma ilegal e com finalidade política e pessoal ao menos 22 pessoas, entre ministros do Supremo Tribunal Federal — como Luís Roberto Barroso, atual

presidente da Corte, e Alexandre de Moraes, relator da maioria dos casos envolvendo Bolsonaro —, além de jornalistas e parlamentares, como o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Entre os presos estavam dois delegados diretamente subordinados ao então chefe do órgão, Alexandre Ramagem, hoje deputado federal pelo PL e pré-candidato a prefeito do Rio de Janeiro com as bençãos do clã Bolsonaro. A investigação revelou um áudio no qual Bolsonaro, Ramagem e o general Augusto Heleno (então



UM EX-PRESIDENTE NA BERLINDA

As investigações sobre desvio de joias e arapongagem ilegal no governo Bolsonaro

JOIAS SAUDITAS

O QUE OCORREU

Bolsonaro foi indiciado pela PF por três crimes: organização criminosa (pena de um a três anos de reclusão); lavagem de dinheiro (de três a dez anos) e peculato (apropriação de bem público, que pode render de dois a doze anos de reclusão). O relatório foi enviado à PGR, que tem quinze dias para decidir se denuncia o ex-presidente, arquiva ou pede mais investigações

chefe do GSI) discutiam um plano para monitorar e tentar comprometer três auditores da Receita Federal que teriam contribuído na apuração da prática de rachadinha pelo senador Flávio Bolsonaro (PL), quando era deputado estadual no Rio de Janeiro.

A preocupação com o impacto político das investigações sobre Bolsonaro se justifica porque há uma coisa sobre a qual ninguém tem dúvida. Ele é o principal cabo eleitoral da direita. A insegurança que bateu em alguns parti-



ACUSAÇÃO

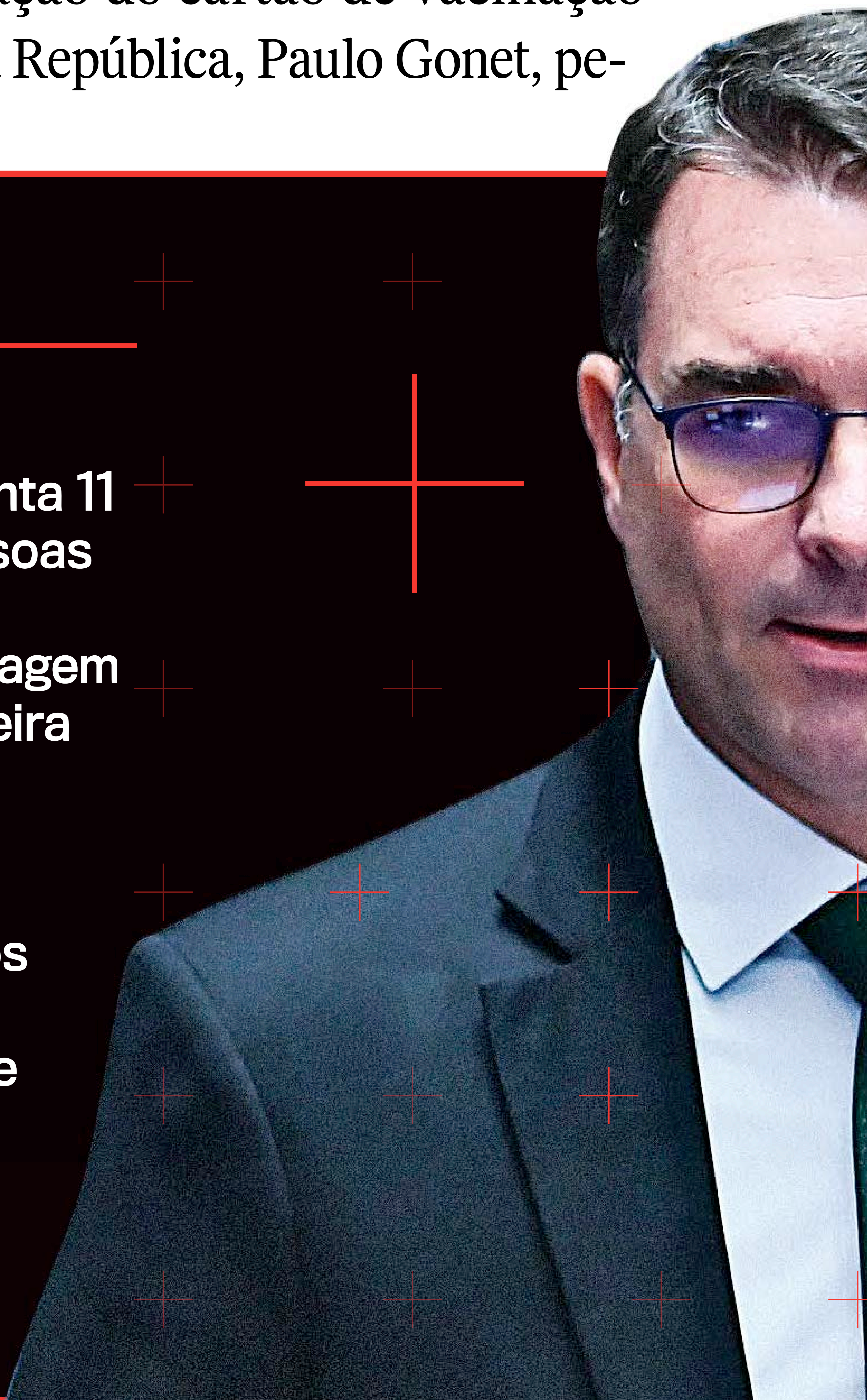
Segundo a PF, o ex-presidente montou uma operação para vender **joias** e outros presentes recebidos em viagem oficial à Arábia Saudita, o que em tese configura desvio de bem público. Somados, os bens foram avaliados em 6,8 milhões de reais, dinheiro que foi entregue em espécie para o ex-presidente, segundo o relatório. Após exigência do TCU, Bolsonaro e aliados teriam se mobilizado para reaver parte dos objetos e devolvê-los ao patrimônio público

dos que fazem gravitar os seus projetos para 2024 e 2026 na órbita do bolsonarismo tem a ver com uma questão: o quanto o agravamento da situação de Bolsonaro pode descapitalizar seu cacife político. E pior: deixá-lo tóxico para eventuais companheiros de jornada. A expectativa é de que, até o final desta corrida eleitoral, ele tenha sido indiciado em todos os principais inquéritos de que é alvo. Já foi assim no caso da falsificação do cartão de vacinação — mas o procurador-geral da República, Paulo Gonet, pe-

ABIN PARALELA

O QUE OCORREU

A PF fez operação na quinta 11 para prender quatro pessoas acusadas de integrar um esquema ilegal de espionagem dentro da Agência Brasileira de Inteligência na gestão Bolsonaro. Dois dos presos eram policiais diretamente subordinados ao então chefe do órgão, Alexandre Ramagem, hoje deputado federal pelo PL e pré-candidato a prefeito do Rio de Janeiro



diu investigações adicionais — e agora no caso da venda de joias e outros presentes recebidos em viagens oficiais, que, na visão da PF, deveriam ter sido incorporados ao patrimônio público. Também são esperados indiciamentos ao menos nas apurações sobre a Abin paralela e a tentativa de golpe de Estado.

Uma das dúvidas mais imediatas é sobre como isso vai influenciar as eleições daqui a menos de três meses. Uma certeza é de que as complicações envolvendo o princi-



ACUSAÇÃO

Os investigados teriam monitorado 22 pessoas, incluindo jornalistas, ministros do STF e parlamentares, como o presidente da Câmara, Arthur Lira. A investigação revelou um áudio no qual Bolsonaro, Ramagem e o general Augusto Heleno (GSI) discutiam como comprometer auditores da Receita que teriam ajudado na investigação do senador **Flávio Bolsonaro** (PL-RJ) sobre a prática de rachadinha

TON MOLINA/FOTOARENA


MÁRCIA FOLETTO/AGÊNCIA O GLOBO

PREOCUPADO Ramagem: prisão de dois homens de sua confiança pela PF e revelações sobre a Abin paralela complicaram sua pretensão eleitoral

pal nome da direita serão exploradas pela oposição. Apesar da esperança de que os apoiadores fiéis sejam imunes a isso, até correligionários avaliam como delicada a situação do ex-presidente como cabo eleitoral. Desde o início do ano, Bolsonaro visitou dezenas de cidades como parte do objetivo do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, de impulsionar candidaturas e bater o recorde de prefeitos eleitos. “O apoio a Bolsonaro enquanto figura nacional é uma coisa. Nos estados é que isso se complica, porque, para um candidato a prefeito ganhar a eleição, por mais que ele levante a bandeira do bolsonarismo, não adianta ficar pregando para convertido”, diz um importante aliado. Um dos temores é que, a despeito de Bolsonaro já ter passado

PAULO GUERETA/SECOM



JUNTOS, MAS SEPARADOS Nunes, em São Paulo: defesa do ex-presidente no caso das joias sauditas, mas sem agenda conjunta na campanha eleitoral

por todo tipo de acusação — de omissão na pandemia a tentativa de golpe —, o caso das joias tenha potencial maior para afetar sua imagem. “É muito mais fácil colar a ideia de que ele é ladrão ou corrupto do que golpista”, diz Eduardo Grin, cientista político da FGV-SP.

Em cidades importantes onde a disputa está acirrada, candidatos apoiados por Bolsonaro já vêm tentando se equilibrar entre uma aproximação segura, para atrair seus votos, e uma distância saudável, para não correr o risco de contaminação. O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), é o maior exemplo. O emedebista, que desde o final de 2023 vinha adotando uma atitude dúbia, teve de engolir a seco o nome indicado pelo ex-presidente

para vice, o coronel da PM Ricardo Mello Araújo, quando viu a possibilidade de o eleitor à direita ir para o coach Pablo Marçal (PRTB). Nunes, que ainda não fez nenhuma aparição pública de pré-campanha com Bolsonaro, já experimentou um pouco do que acontecerá daqui para a frente. Na cerimônia alusiva à Revolução Constitucionalista em São Paulo, ele foi questionado sobre o indiciamento. Citou outros casos em que o ex-presidente foi investigado e acabou inocentado e pediu "responsabilidade" com a investigação. Ato contínuo, a campanha de Guilherme Boulos (PSOL) disparou uma crítica à fala e reiterou a estratégia de colar nele a imagem de bolsonarista que tenta minimizar o desvio de joias.

O plano se sustenta em pesquisas recentes que dão tração à preocupação com Bolsonaro. Segundo o Datafolha, 65% dos paulistanos não votariam em um candidato apoiado por ele, enquanto 32% dizem que votariam ou poderiam votar. A performance como cabo eleitoral se repete no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, Fortaleza e Salvador *(veja o quadro ao lado).* O risco é crescer a resistência a ele no eleitorado menos fiel à medida que forem avolumando as acusações. "A infinidade de provas sendo revelada pelas investigações é algo fácil de ser assimilado pelo eleitor fora da bolha. O político pragmático sabe que não pode defender certas coisas, e isso com certeza vai ter um impacto nas campanhas", diz um aliado.

Há outros apoiadores de Bolsonaro ainda mais preo-

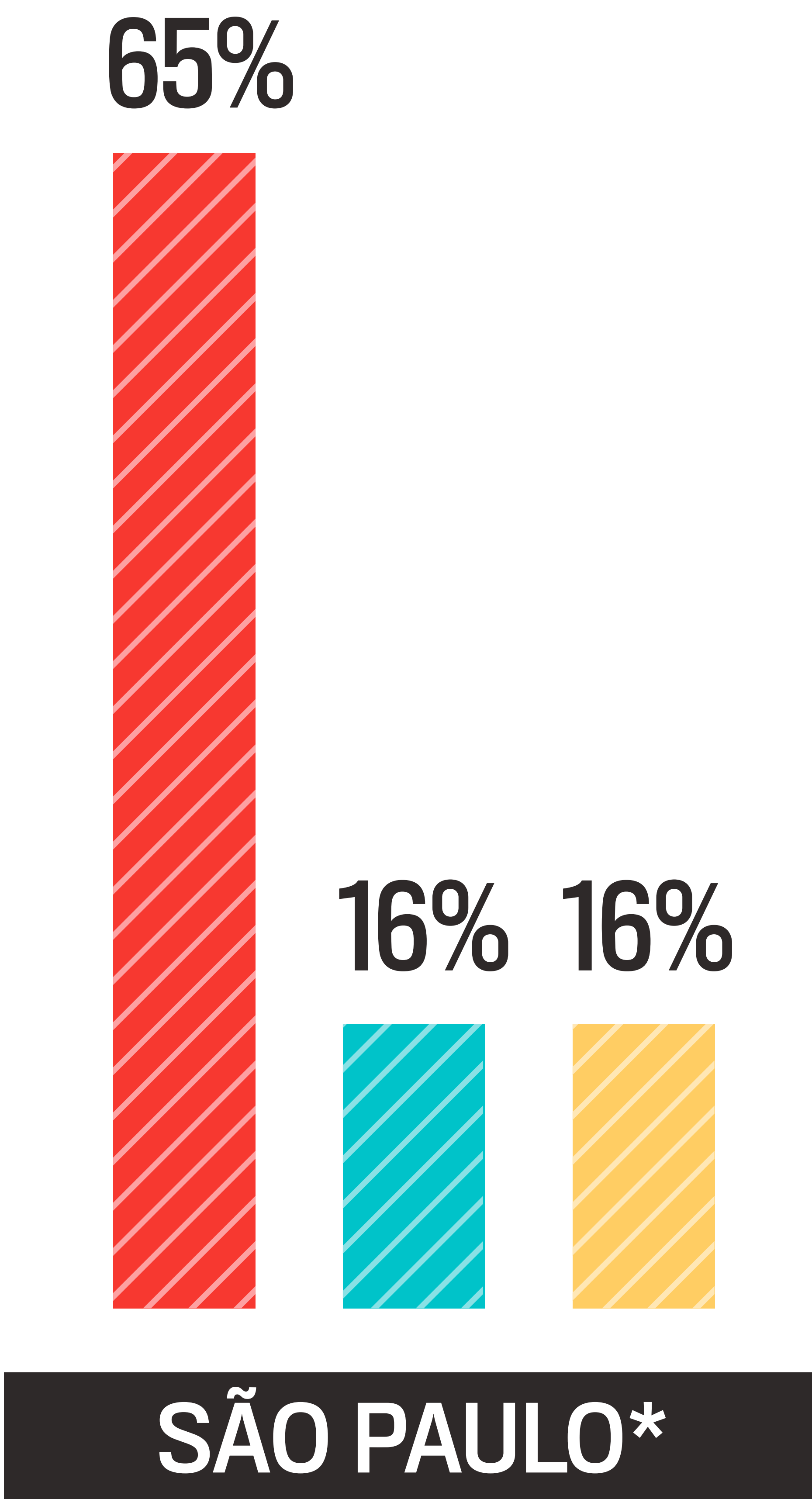
cupados do que Nunes. É o caso de Alexandre Ramagem, que, nas primeiras horas após o indiciamento do seu padrinho, gravou um vídeo de onze minutos para minimizar as acusações, criticar a PF e, argumento comum entre bolsonaristas, dizer que Lula não teve o mesmo tratamento. Segundo o Datafolha, ele tem 7% das intenções de voto contra 9% de Tarcísio Motta (PSOL) e 53% do prefeito Eduardo Paes (PSD). Ou seja, sem Bolsonaro, pode não ir nem ao segundo turno. A operação da PF sobre a Abin paralela piorou bastante a situação de Ramagem, que havia preparado para a próxima semana (18 a 20) uma série de atos de rua ao lado de Bolsonaro para tentar melhorar a sua posição na corrida eleitoral. Agora, com

CACIFE POLÍTICO

O desempenho de Bolsonaro como cabo eleitoral nas cinco maiores capitais do país

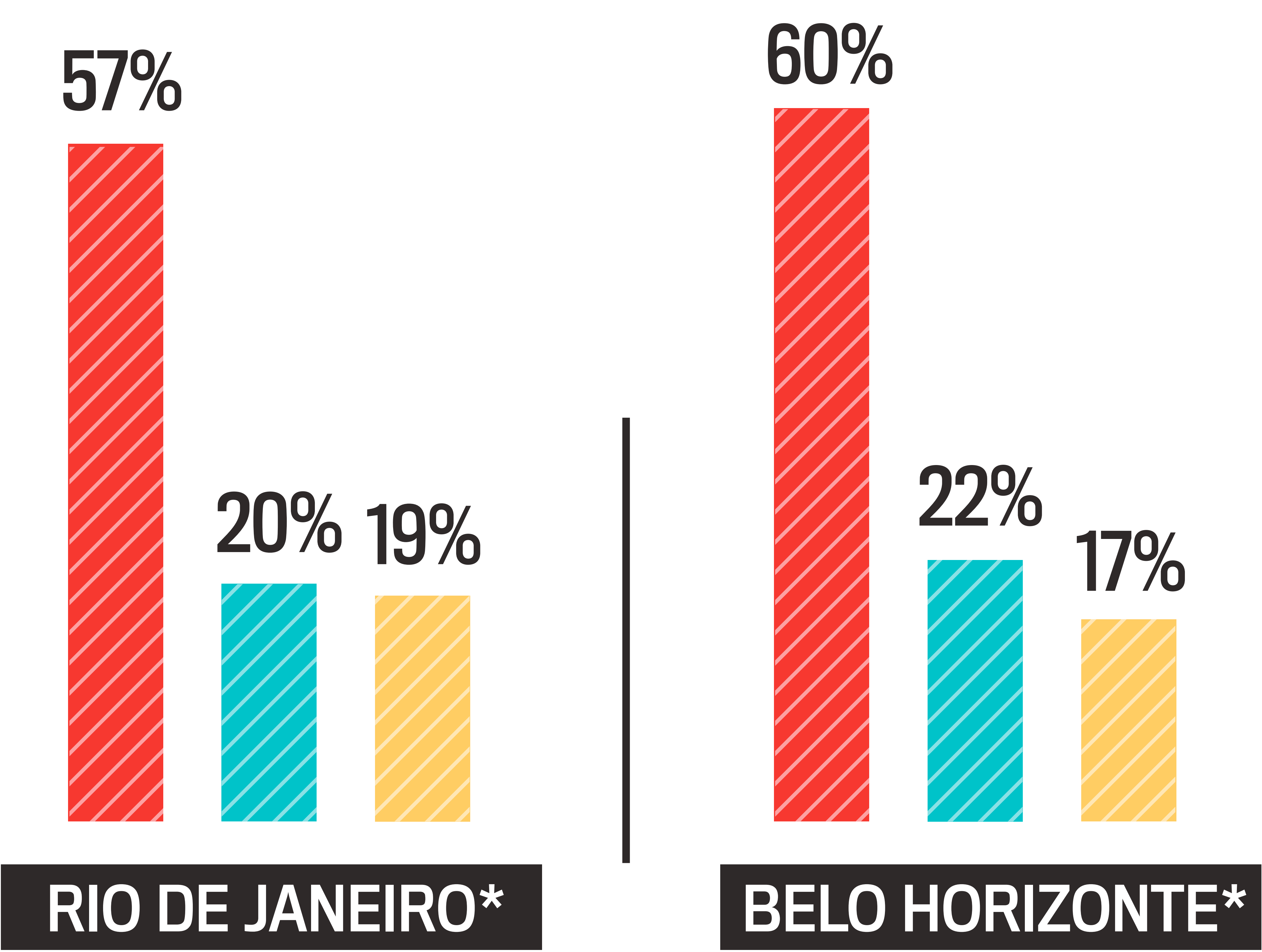
VOCÊ VOTARIA EM UM CANDIDATO APOIADO PELO EX-PRESIDENTE?

- NÃO VOTARIA
- VOTARIA
- PODERIA VOTAR



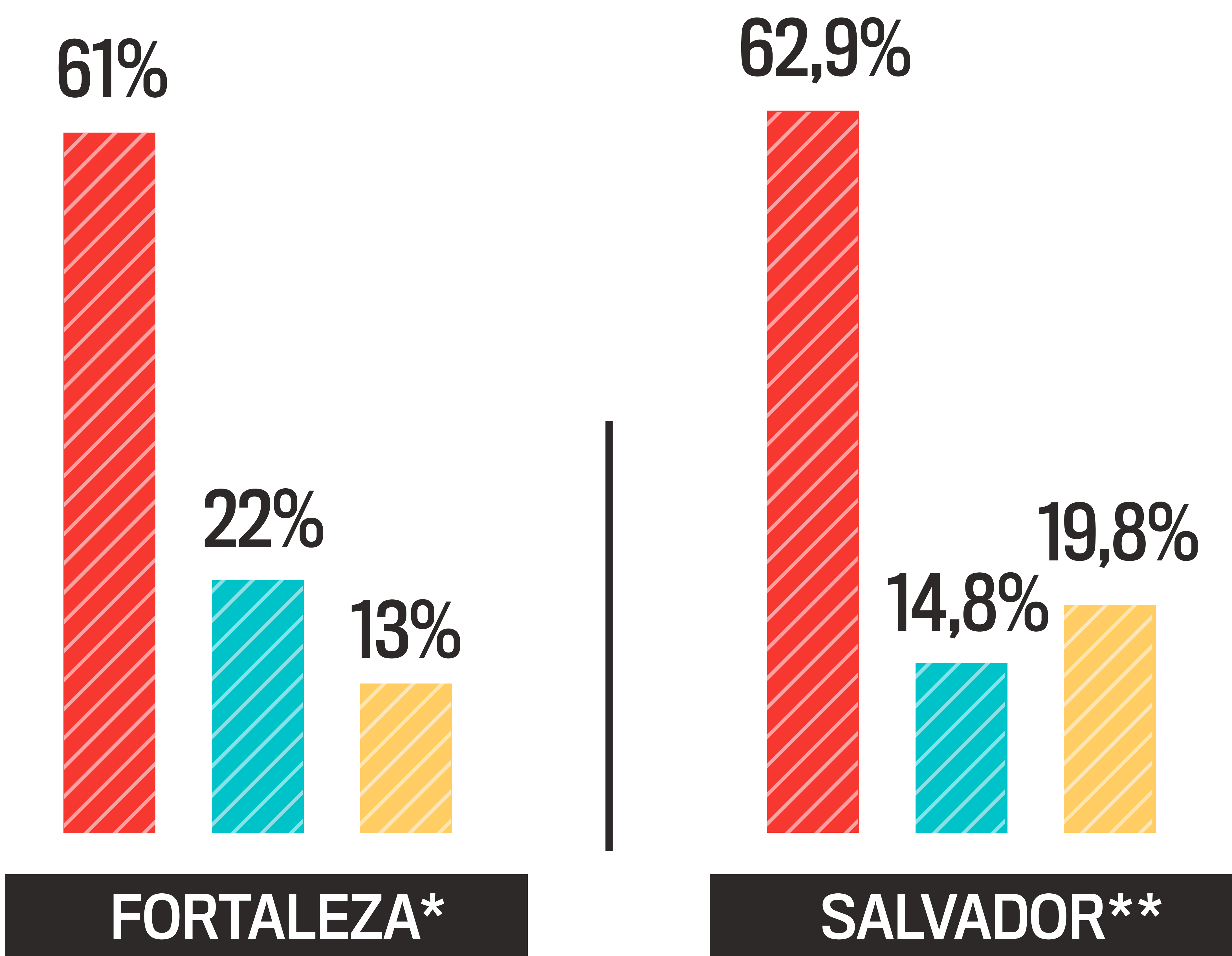
ele e o cabo eleitoral chamuscados, não se sabe se a programação será mantida.

Ramagem vive uma situação mais delicada, claro, mas não é o único que depende de Bolsonaro para ser viável eleitoralmente. Outros pré-candidatos vivem situação parecida, como André Fernandes (Fortaleza) e Bruno Engler (Belo Horizonte), ambos do PL. “Ele é o meu principal cabo eleitoral, o grande líder da direita. Esse caso das joias não afeta em nada porque todo mundo com mais de dois neurônios percebe que é perseguição”, afirma Engler. Já outros postulantes em situação mais confortável nas pesquisas evitam apoiar-se em Bolsonaro. Em Maceió, única capital do Nordeste em que o capitão venceu Lula, o



prefeito João Henrique Caldas, mesmo tendo migrado para o PL, tem preferido temas ligados a sua gestão. Com 54,4%, segundo o Paraná Pesquisas, ele tem 40 pontos de distância para o segundo colocado. Em Salvador, Bruno Reis (União Brasil) exaltou o PL como “o maior partido do Brasil” ao receber o apoio da sigla, mas evita citar Bolsonaro em seus discursos. Com 64%, segundo o Paraná Pesquisas, ele está 53 pontos à frente de Geraldo Júnior (MDB), o candidato apoiado pelo petismo. A preocupação se justifica. Em 2022, Lula obteve 70% dos votos na capital baiana, enquanto Bolsonaro não chegou a 30%.

Há também uma grande inquietação com 2026 e a definição de quem terá condições de representar a direi-



Fontes: *Datafolha – jul/2024, **Paraná Pesquisas – jun/2024

ta no embate com Lula. Alguns pré-candidatos já têm seus nomes circulando, como os governadores Tarcísio de Freitas (São Paulo) — o mais forte —, Ronaldo Caiado (Goiás) — o primeiro a se dizer presidenciável —, Ratinho Junior (Paraná) e Romeu Zema (Minas Gerais), nenhum deles filiado ao PL. Apesar de em público todos dizerem que o "plano A" segue sendo Bolsonaro, por ora inelegível, as conversas sobre alternativas já ocorrem desde o ano passado.

Um desafio para qualquer nome é se beneficiar da transferência de votos. Na eleição de 2018, Lula mostrou-se capaz de fazer isso ao fingir ser candidato e ceder o lugar a Fernando Haddad a menos de um mês da votação — o hoje ministro foi ao segundo turno e teve 45% dos votos. Lula já havia feito algo parecido com Dilma Rousseff, que chegou à Presidência sem ter disputado antes nenhuma eleição. Outro célebre transferidor de votos foi Leonel Brizola. No episódio mais conhecido, ele praticamente fez todos os seus eleitores no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, estados que governou, votarem em Lula no segundo turno de 1989. Brizola também emplacou dois governadores aliados no Rio: Marcello Alencar e Anthony Garotinho. Outros casos de sucesso foram Luiz Antonio Fleury Filho, sucessor de Orestes Quércia no governo paulista, e Celso Pitta, que sucedeu Paulo Maluf na prefeitura de São Paulo — ambos nunca tinham disputado nada. Bolsonaro já mostrou que tem condições de fa-



RICARDO STUCKERT/PR



INSTAGRAM @GUILHERMEBOULOS

ESTRATÉGIAS Paes com Lula no Rio e Boulos com ministros em São Paulo: relações diferentes com o petista na eleição


MARCELO S. CAMARGO/GOVERNO DO ESTADO DE SP

A POSTOS Tarcísio de Freitas, em cerimônia em SP: aposta mais forte da direita para disputa sem Bolsonaro

zer isso ao tirar da cartola, em 2022, o nome de Tarcísio e fazê-lo governador do maior estado do país. Entre os nomes especulados para liderar a direita em 2026, o único que não tem experiência eleitoral é a primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Outro complicador para o ex-presidente no seu inferno astral é o desempenho de Lula, que viu a avaliação de seu governo melhorar em pesquisas do Ipec e da Genial/Quaest divulgadas na última semana. O petista, porém, não tem sido um grande cabo eleitoral — segundo o Datafolha, metade do eleitorado rejeita um candidato apoiado por ele, em São Paulo, Rio e Belo Horizonte. O presidente é abraçado com ênfase por Boulos e com alguma discrição por Paes — em parte, porque 42% dos eleitores do


BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

NO PÁREO Caiado: goiano foi o primeiro da oposição a se dizer presidenciável

prefeito do Rio votaram em Bolsonaro em 2022. Enquanto o candidato do PSOL intensifica a agenda com ministros e deu a vaga de vice à ex-prefeita Marta Suplicy (PT), Paes adota uma postura mais cuidadosa e nem pensa em ter um petista na sua chapa à reeleição.

A ordem no entorno mais próximo a Bolsonaro, em especial no PL, é minimizar um provável impacto e ressaltar a resiliência eleitoral do ex-presidente. "Tudo o que veremos no processo eleitoral de agora em diante é a mais pura e repugnante perseguição política. O eleitor está vendo isso", diz o líder do PL no Senado, Carlos Portinho (PL-RJ). "Não vai dar problema", acredita outro senador e apoiador de primeira hora, Magno Malta (PL-ES). Mas ele critica parlamentares que não se manifestaram em


GABRIEL MONTEIRO/AGÊNCIA O GLOBO

DESCONFIADO Carlos Bolsonaro: críticas ao que considera a "direita limpinha"

apoio ao ex-presidente no caso das joias e partidos que se dizem de direita, mas têm cargos no governo. "A gente sabe que 2026 passa por 2024. Portanto, não vamos fortalecer a direita limpinha para eles chegarem fortes para eleger um presidente", avisa. Outro aliado fiel, o deputado Ricardo Salles (PL-SP) admite que o indiciamento traz algum prejuízo ao ex-presidente. "É uma situação que constrange, mas há muito abuso", diz. Especialistas apontam, de fato, uma forte consolidação das posições dos eleitores em um cenário extremamente polarizado e consideram que, por isso, o indiciamento pode ter impacto limitado no voto. "Afeta pouco", afirma o cientista político Antonio Lavareda. Para Rubens Figueiredo, diretor do Cepac, o comportamento dos eleitores bolsonaristas e lulistas se

assemelha ao de torcida. "Não muda o voto bolsonarista e ainda pode consolidá-lo mais, porque o eleitor tende a ficar com raiva", afirma.

De qualquer forma, o burburinho está instalado nos bastidores da direita. Bolsonaro se defende na Justiça e praticamente se cala sobre os casos — só atacou a PF no episódio das joias e nada havia dito sobre a Abin paralela até o final da tarde de quinta. A verbalização do incômodo vem de gente próxima, como o filho Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que disse que o "Brasil está afundando" e que "neste caos renascerá o sentimento anti-PT e, com ele, os oportunistas". "Para não ser enganado, basta ver onde cada um estava em cada batalha travada", alerta. Fenômeno eleitoral nos últimos anos, Bolsonaro ainda tem muito capital político. Ele brilha no universo político, mas agora como o Sol, do qual convém ficar perto o bastante para se aquecer, mas longe o suficiente para não se queimar. ■

UM VIZINHO INCÔMODO

Ao trocar a cúpula do Mercosul por encontro com Bolsonaro, Milei acirra o conflito com Lula e empurra as relações bilaterais para um dos pontos mais baixos da história **AMANDA PÉCHY**



MUY AMIGOS Milei e Bolsonaro na CPAC: prioridade do presidente argentino é incentivar a direita radical

EVARISTO SÁ/AFP

ERA VÉSPERA de uma semana movimentada para a política externa brasileira, com reuniões relevantes pela frente, mas todos os olhares no Planalto e no Itamaraty estavam voltados para o Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Lá, no fim da tarde gelada e chuvosa de domingo 7, o presidente da Argentina, Javier Milei, postou-se ao lado de Jair Bolsonaro na versão brasileira da Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC, na sigla em inglês), fórum da chamada "direita dura" no qual já trocara amabilidades com Donald Trump em Washington, em fevereiro. Antes de pisar no Brasil, Milei havia subido mais alguns graus no termômetro do conflito latente com o presidente Lula, reiterando as ofensas de "corrupto", "comunista" e "criminoso" feitas durante a campanha eleitoral argentina. Atacar Lula em território brasileiro, afirmou a VEJA um integrante da diplomacia nacional, seria ato "gravíssimo", cabível de chamar de volta o embaixador em Buenos Aires, Julio Bitelli — algo inédito desde 1906, auge das tensões envolvendo a demarcação de fronteiras entre os dois países.

Para alívio geral, mesmo sendo recebido como popstar pela plateia de 3 000 pessoas sob o coro de "Lula, ladrão, seu lugar é na prisão", o presidente argentino não mordeu a isca e evitou mencionar o petista no discurso contra "os males do socialismo". "Poderia ter sido pior. Mas as relações entre os governos permanecem amargas", afirma o diplomata. Por mais que tenha incomodado o governo o fato de, em sua primeira visita ao país, Milei ignorar Brasí-


RICARDO STUCKERT/PR

DESFALQUE Presidentes em Assunção *(Lula no meio):* o portenho faltou

lia — o governador catarinense, Jorginho Mello, pôs mais lenha na fogueira ao rejeitar o auxílio da Polícia Federal para fazer a segurança, decidindo pela Polícia Militar —, outro ato do portenho dias antes teve repercussão diplomática pior ainda: ele anunciou que não participaria da cúpula do Mercosul, na segunda-feira 8, no Paraguai. "O Planalto tratou a ausência como uma afronta clara, sinal de onde estão as prioridades dele", disse a VEJA um alto funcionário do Itamaraty.

Milei foi o primeiro presidente da Argentina a rejeitar o convite da aliança sul-americana desde Fernando de la Rúa, em 2001. De la Rúa tinha justificativa: andava ocupado na época com uma onda de protestos em meio à gravís-

sima crise econômica que, pouco depois, levou à queda de seu governo. Já Milei deu desculpa esfarrapada — estava com a agenda “sobrecarregada”. “Ele usa uma linguagem virulenta inédita, como se não tivesse saído do palanque. E, na diplomacia, as palavras são armas”, diz Marcos Azambuja, ex-embaixador em Buenos Aires.

Visitar Camboriú sem passar por Brasília não foi a primeira deselegância cometida pelo presidente argentino. Ao circular como convidado vip do CPAC em Washington, ele não emitiu o menor gesto de atenção na direção do mais conhecido morador da cidade, Joe Biden. Voltou à carga em maio, na Espanha: além de ignorar o primeiro-ministro esquerdista Pedro Sánchez, ainda desencadeou uma crise diplomática ao repetir denúncias de corrupção contra a mulher dele, tudo durante um evento com Santiago Abascal, líder do partido de extrema direita Vox. “Ele parece estar mais preocupado com a pretensão de ser líder global desse setor ideológico do que em ser chefe de Estado”, criticou um oposicionista em Buenos Aires.

Em Santa Catarina, Milei assistiu com Bolsonaro à derrota do Brasil na Copa América e depois se reuniu a portas fechadas com o ex-presidente, Jorginho Mello, Eduardo Bolsonaro (o cérebro por trás da CPAC brasileira) e empresários catarinenses, como representantes do Grupo Tigre e XP. Foi um encontro envolto em mistério. “Nem os ajudantes de ordens entraram na sala”, disse um assessor do governador de Santa Catarina. Dali, Milei seguiu direto para



DIRCEU PORTUGAL/FOTOARENA

MENOS TROCAS Colheita de soja no Brasil: arrocho argentino reduz compras do grão e de outros produtos

o quarto do Mercure, hotel quatro estrelas na orla de Camboriú, de onde só saiu para ir embora. O pouco que se sabe da reunião foi divulgado por Eduardo em um vídeo constrangedor e inacreditável no X: a entrega, em portunhol sofrível, ao convidado, da medalha do Clube Bolsonaro, aquela que tem gravados os dizeres “Imorrível, imbrochável, incomível”, e que poderia ter também um “r”, de ridículo.

Na cúpula do Mercosul, em Assunção, a Argentina foi representada pela ministra das Relações Exteriores, Diana Mondino, que tem servido como uma espécie de para-choque em meio à turbulência com o Brasil. Diana voltou a defender que os integrantes do bloco possam negociar pactos



TON MOLINA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

PANOS QUENTES Diana Mondino e Vieira: boa relação evita crises maiores

comerciais bilaterais, posição também abraçada pelo presidente do Uruguai, Luis Lacalle Pou, e a recomendar uma “injeção de adrenalina” para sacudir o grupo, mas agradou aos brasileiros ao considerar benéfica a eventual conclusão do acordo de livre comércio com a União Europeia, um ponto de honra do governo Lula.

A chanceler argentina já se encontrou inúmeras vezes com o colega brasileiro, Mauro Vieira.“Ela usa a boa relação com o ministro para tentar pôr panos quentes nos momentos de crise”, diz um funcionário do Itamaraty. Não é tarefa fácil, embora seja louvável. Em visita ao Brasil em abril, Diana levou uma carta de seu presidente propondo

uma reunião bilateral com Lula. O brasileiro, no entanto, que adora alimentar a fervura ideológica, já declarou que Milei deve desculpas ao Brasil, porque "falou muita bobagem". "Uma aproximação por iniciativa dos dois é caso perdido", diz uma pessoa próxima a Vieira.

A ausência de Milei na cúpula machucou um já debilitado Mercosul. Mais de trinta anos depois da fundação, o que deveria ser um mercado comum não opera como tal. Enfrenta, além disso, cada vez mais divergências internas, complicadas agora pela adesão de mais um membro, a Bolívia — com quem Milei também comprou briga ao acusar o presidente, Luis Arce, de orquestrar um "falso golpe" para ganhar popularidade em meio a uma crise econômica. Além de encorpar o coro por acordos comerciais independentes, a Casa Rosada trava a criação de um subgrupo de trabalho no Mercosul para impulsionar a participação feminina no comércio regional e toma medidas para paralisar o Instituto de Políticas Públicas e Direitos Humanos do bloco, com sede em Buenos Aires.

No encontro em Assunção, a representação argentina ainda bloqueou o consenso para a redação da declaração final da cúpula, com embargo a temas como gênero e metas climáticas. "Apagar a palavra gênero de documentos só aumenta a violência que vivem mulheres e meninas todos os dias", cutucou Lula em seu discurso no encontro, em que também destilou críticas à "experiência ultraliberal". "Um dos dois pilares do Mercosul está ba-

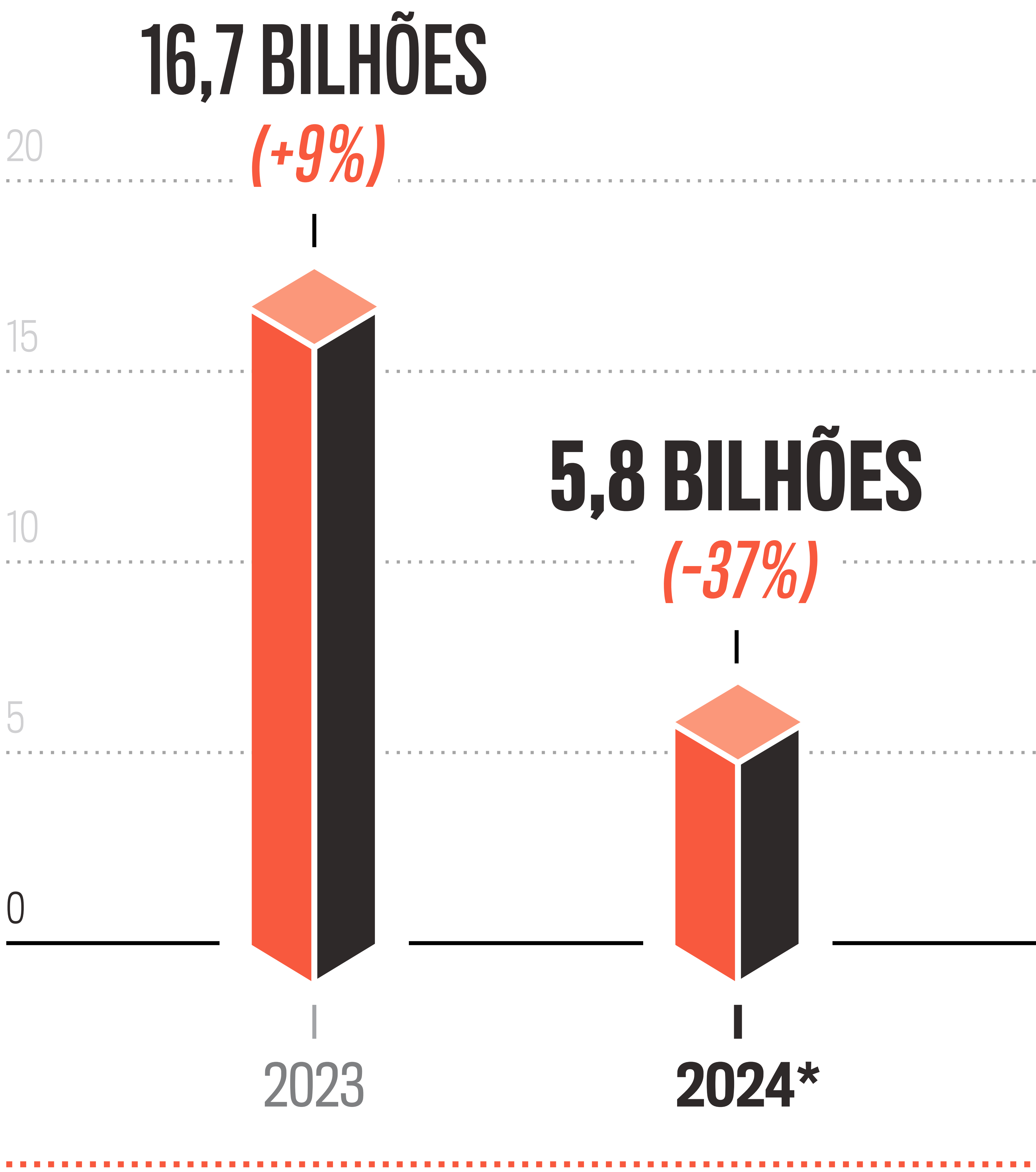



VIÉS DE BAIXA

Os cortes radicais na economia promovidos pelo governo Milei impactaram negativamente a balança comercial entre Brasil e Argentina

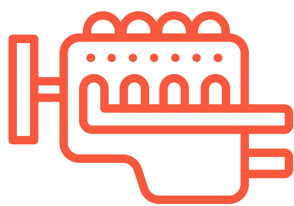
(valores em dólares)

EXPORTAÇÃO



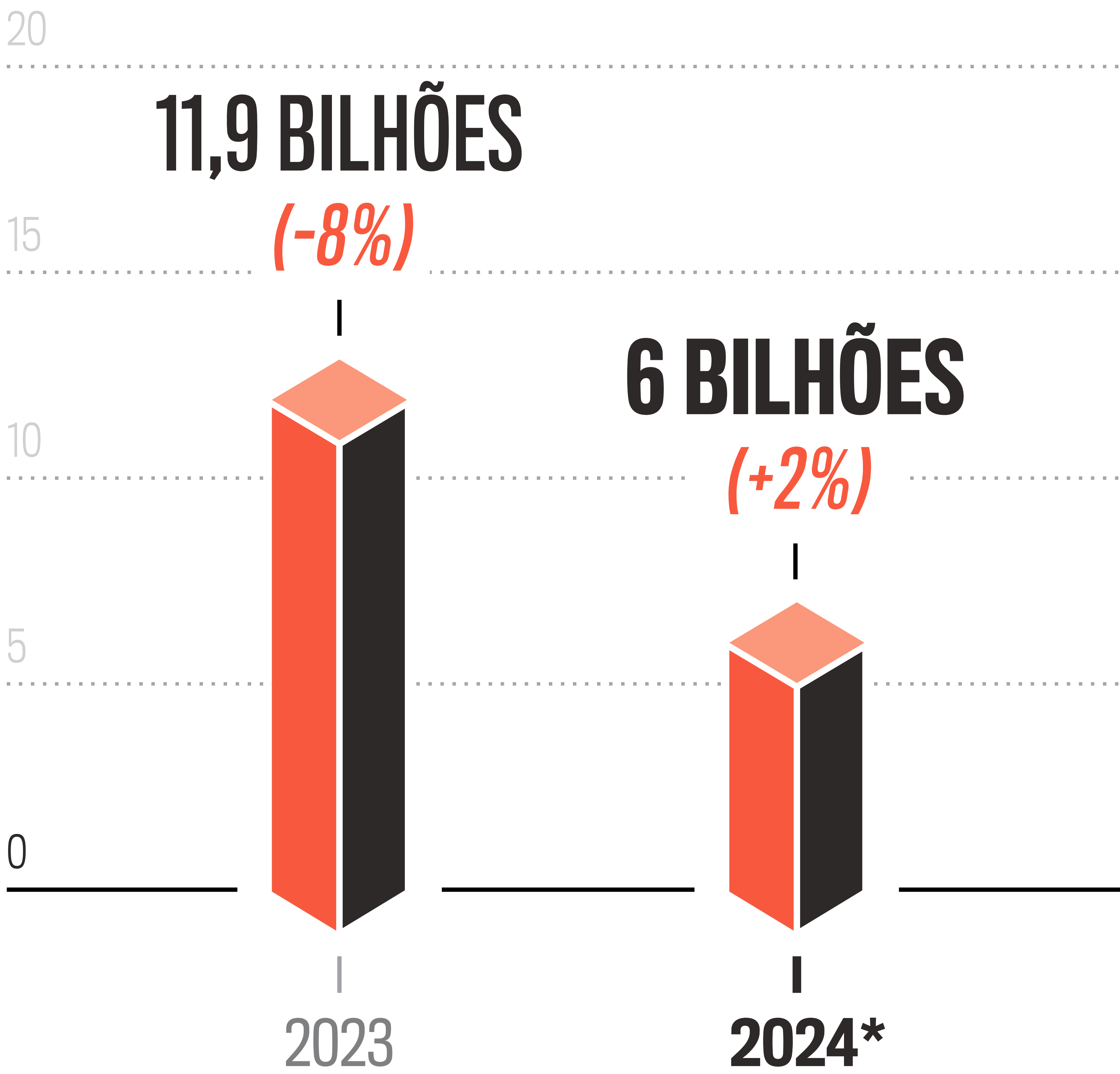
PRINCIPAIS PRODUTOS


Automóveis

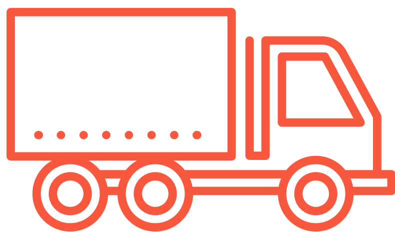

Autopeças


Minério de ferro

IMPORTAÇÃO



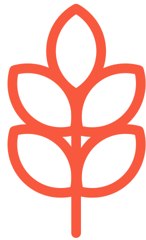
PRINCIPAIS PRODUTOS



Veículos de carga



Automóveis



Trigo e centeio

* Até junho

Fonte: *Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços*

lançando, o que põe em risco negócios com outros países e blocos, bem como o projeto de política externa lulista focado no Sul Global", analisa Paulo Velasco, professor de relações internacionais da Uerj.

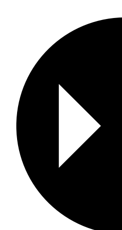
Fontes dos dois lados insistem que a indisposição diplomática ainda não contaminou a economia, campo em que o Brasil é o principal cliente dos argentinos, e eles, terceiros maiores compradores de produtos brasileiros. As relações nesse campo também esfriaram neste ano, devido sobretudo ao arrocho brutal nos seis meses de governo Milei, incluindo aí cortes drásticos de subsídios e benefícios. Isso vem contribuindo para elevar o nível da pobreza, que passou de 44% para 60% da população desde dezembro, e desacelerar a economia. O cenário resultou em queda de 37% nas exportações para a Argentina no primeiro semestre deste ano, em comparação com o mesmo período em 2023 *(veja o quadro na pág. ao lado),* com destaque para as vendas de soja. "Um canal aberto entre chefes de Estado pode facilitar o comércio bilateral. Uma briga, ao contrário, só traria prejuízos econômicos, caso fossem impostas medidas protecionistas como retaliação", alerta Ignacio Labaqui, cientista político da Universidade Católica Argentina. Resumindo: ter os dois principais países da América do Sul batendo cabeça não é bom para ninguém. ■

TON MOLINA/FOTOARENA

INICIATIVA Lewandowski: "Forma eficaz de combater o crime organizado"

PRIORIDADE ABSOLUTA

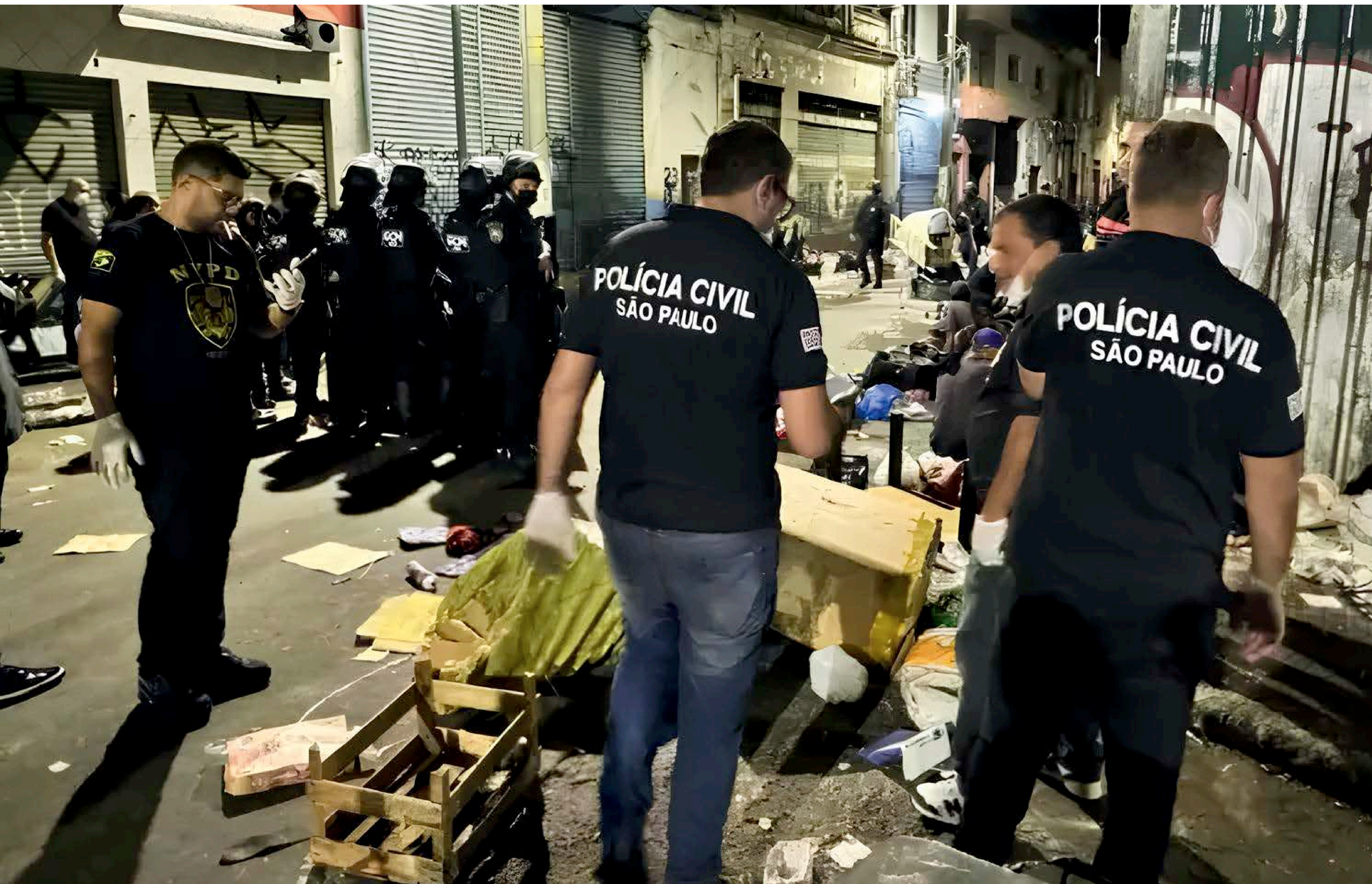
O plano do governo para tentar reduzir os índices de violência no país reúne boas propostas, mas corre o risco de não sair do papel se for tragado por interesses menores **LARYSSA BORGES**



O MINISTÉRIO da Justiça ainda orbitava em torno dos desdobramentos políticos e judiciais dos ataques de 8 de janeiro de 2023 quando Ricardo Lewandowski, juiz de carreira e por dezessete anos integrante do Supremo Tribunal Federal (STF), aceitou no início deste ano suceder ao mais popular dos auxiliares do presidente da República. Protagonista dos embates contra a turba que depredou as sedes dos Três Poderes em Brasília — que as investigações definiram como uma tentativa fracassada de golpe de Estado —, Flávio Dino havia sido escolhido para ocupar uma cadeira na mais alta Corte do país, mas sua sucessão estava emperrada. O PT reivindicava a vaga para diversos candidatos; o PSB, partido de Dino, tampouco abria mão do cargo; e ministeriáveis de turno se apresentavam sem maiores liturgias. A pedido de Lula, Lewandowski assumiu o posto depois de demover resistências da família e cancelar contratos de sua bem-sucedida banca de advocacia privada. Seis meses e muitos problemas depois, o ministro está diante de um grande desafio.

Além do fogo amigo de petistas e socialistas, que não dão trégua, o ministro tem servido como uma espécie de para-raios das críticas à letargia do governo em apresentar respostas aos alarmantes índices de violência urbana, que, segundo as pesquisas, estão no topo da lista das maiores preocupações dos brasileiros. Há duas semanas, Lewandowski foi instado pelo próprio presidente da República. Em ano de eleição municipal, a segurança públi-

DIVULGAÇÃO/SSP



MÁFIA PCC: criminosos estão infiltrados em vários setores da sociedade

ca pode definir disputas em cidades importantes. A resposta do ministro estava pronta. Desde que assumiu o cargo, a equipe de Lewandowski já havia se debruçado sobre o assunto e elaborado um plano nacional para atacar o problema. A minuta da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) foi então apresentada a Lula. Em linhas gerais, ela amplia a área de ação da Polícia Federal (PF) e da Polícia Rodoviária Federal (PRF). Os dois órgãos ganhariam atribuições para atuar em casos que envolvam organizações criminosas e milícias.

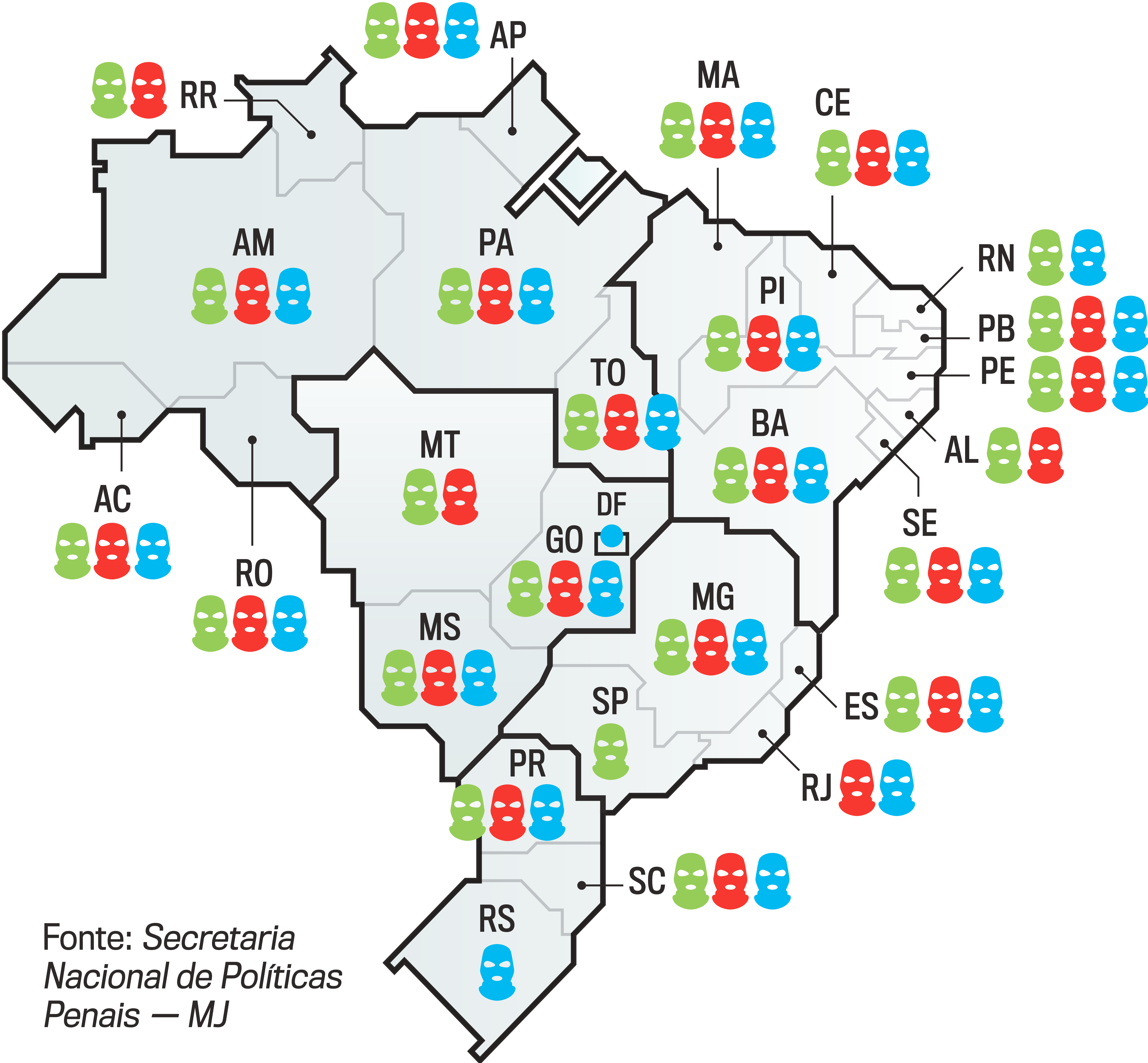
TUDO DOMINADO

Há mais de uma centena de organizações criminosas atuando no país. As duas principais, PCC e Comando Vermelho, estão presentes em praticamente todos os estados

PCC
(Primeiro Comando da Capital)

CV
(Comando Vermelho)

OUTRAS



Fonte: *Secretaria Nacional de Políticas Penais — MJ*

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP



CENTRALIZAÇÃO Polícia Federal: investigações contra o crime organizado e milícias

Segundo dados do Ministério da Justiça, existem hoje mais de 100 organizações criminosas diferentes atuando em todo o país. As duas maiores, PCC e Comando Vermelho, têm ramificações em praticamente todos os estados e também no exterior, especialmente em países da América do Sul, como Colômbia, Peru, Bolívia e Paraguai. Esses grupos controlam o tráfico de drogas, assaltam bancos, sequestram, extorquem, corrompem e matam. Também atuam em atividades legais, como transporte público, hotelaria e prestação de serviços — utiliza-

das para lavar o dinheiro. E ainda estão infiltrados em órgãos públicos e nas polícias. Essas facções alimentam a violência cotidiana das grandes cidades. No ano passado, foram registrados em todo o país impressionantes 37 000 assassinatos, uma média de 103 mortes por dia — número, aliás, que pode ser bem maior, já que hoje nem sequer existe um sistema fidedigno que reúna esses dados de maneira organizada.

Em vez de adotar políticas meramente reativas ou populistas, como o envio de equipamentos, armamento ou tropas da Força Nacional para cidades em apuros, o Ministério da Justiça pretende ativar o Sistema Único de Segurança Pública (Susp), criado em 2018 mas que nunca saiu do papel. A medida vai permitir que a União defina diretrizes nacionais de combate ao crime e reúna informações de todas as polícias — PF, PRF, polícias penais, militares e civis, além da Força Nacional — para investigar e executar operações. Na prática, serão concedidos às polícias federal e rodoviária poderes para combater diretamente as milícias e os grupos criminosos que atuam nas cidades, independentemente se o crime for ou não transnacional. O ministro tem no retrovisor o exemplo recente do assassinato da vereadora Marielle Franco, caso que permaneceu travado por cinco anos no Rio de Janeiro e só foi completamente elucidado quando a PF assumiu as investigações. A PRF, além das estradas, passaria a ser responsável pelo patrulhamento de rios e ferro-

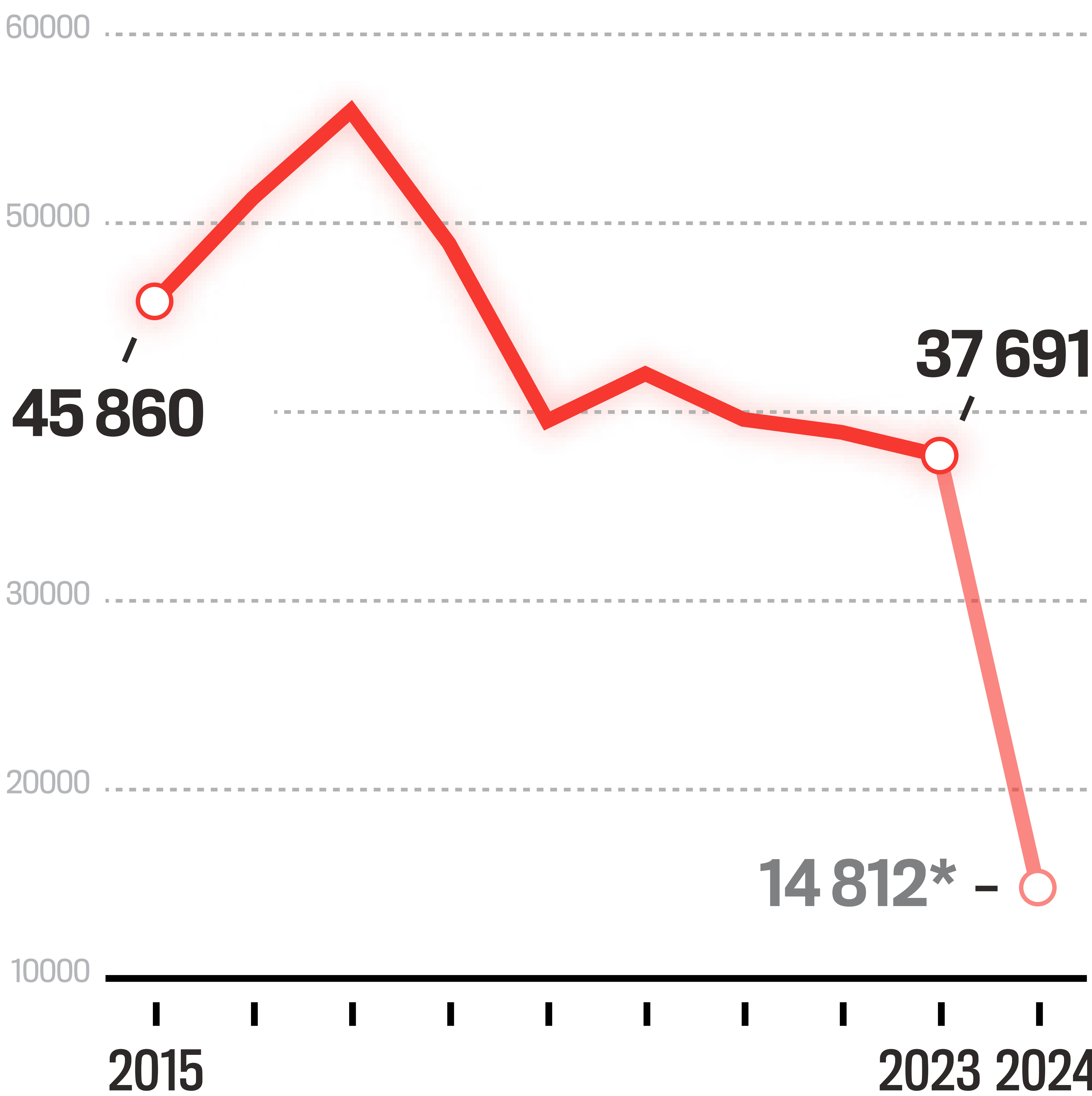
vias, utilizadas como rotas pelas organizações criminosas, especialmente nas áreas de fronteira.

Hoje, existem mais de 1 500 órgãos municipais, estaduais e federais envolvidos com a segurança pública. Eles atuam segundo suas próprias diretrizes, não se comunicam e nem sempre têm objetivos comuns. Esse cenário,

A VIOLÊNCIA COTIDIANA

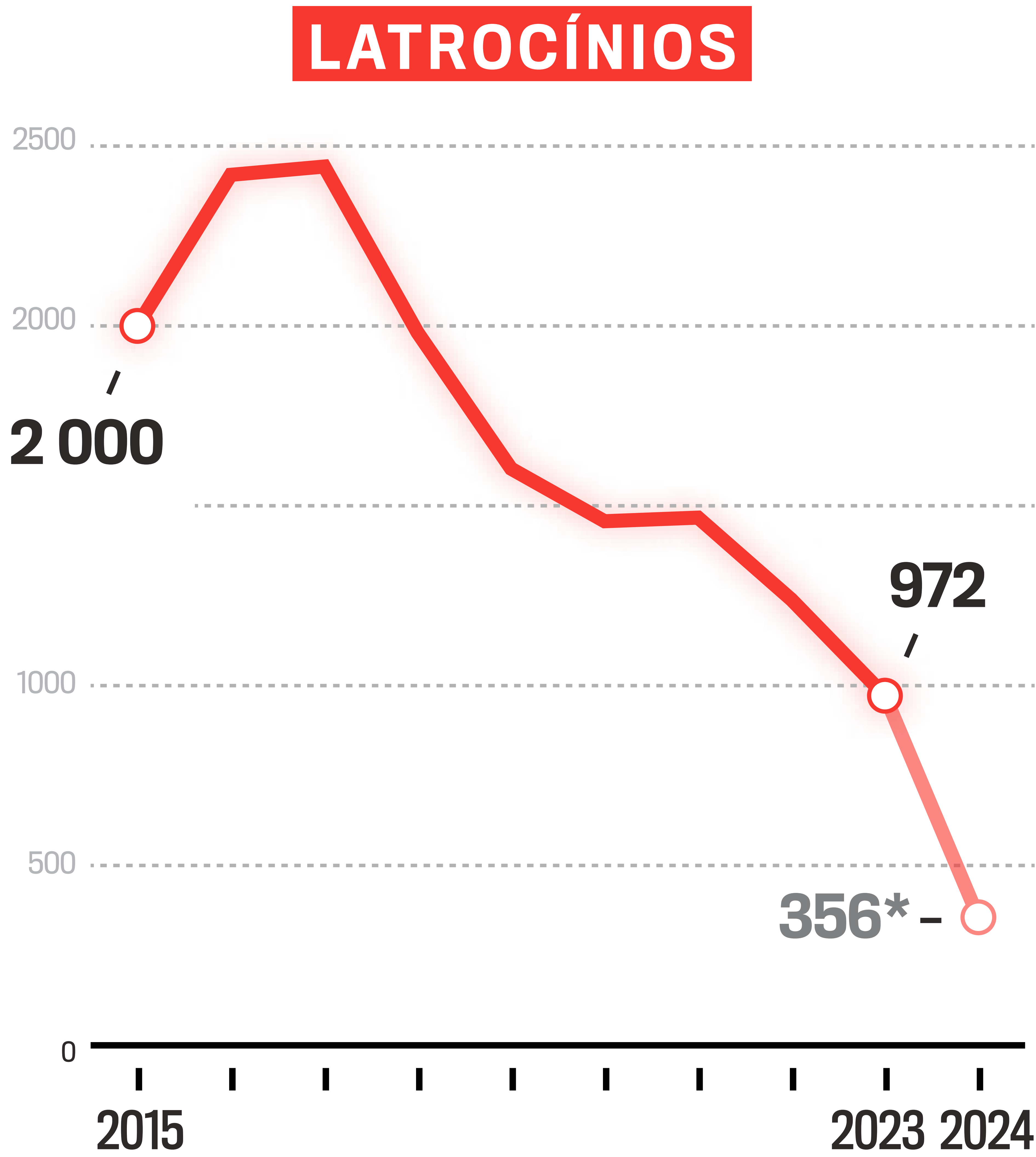
Apesar de alguns índices apresentarem queda, a criminalidade de rua no Brasil ainda é extremamente alta

HOMICÍDIOS



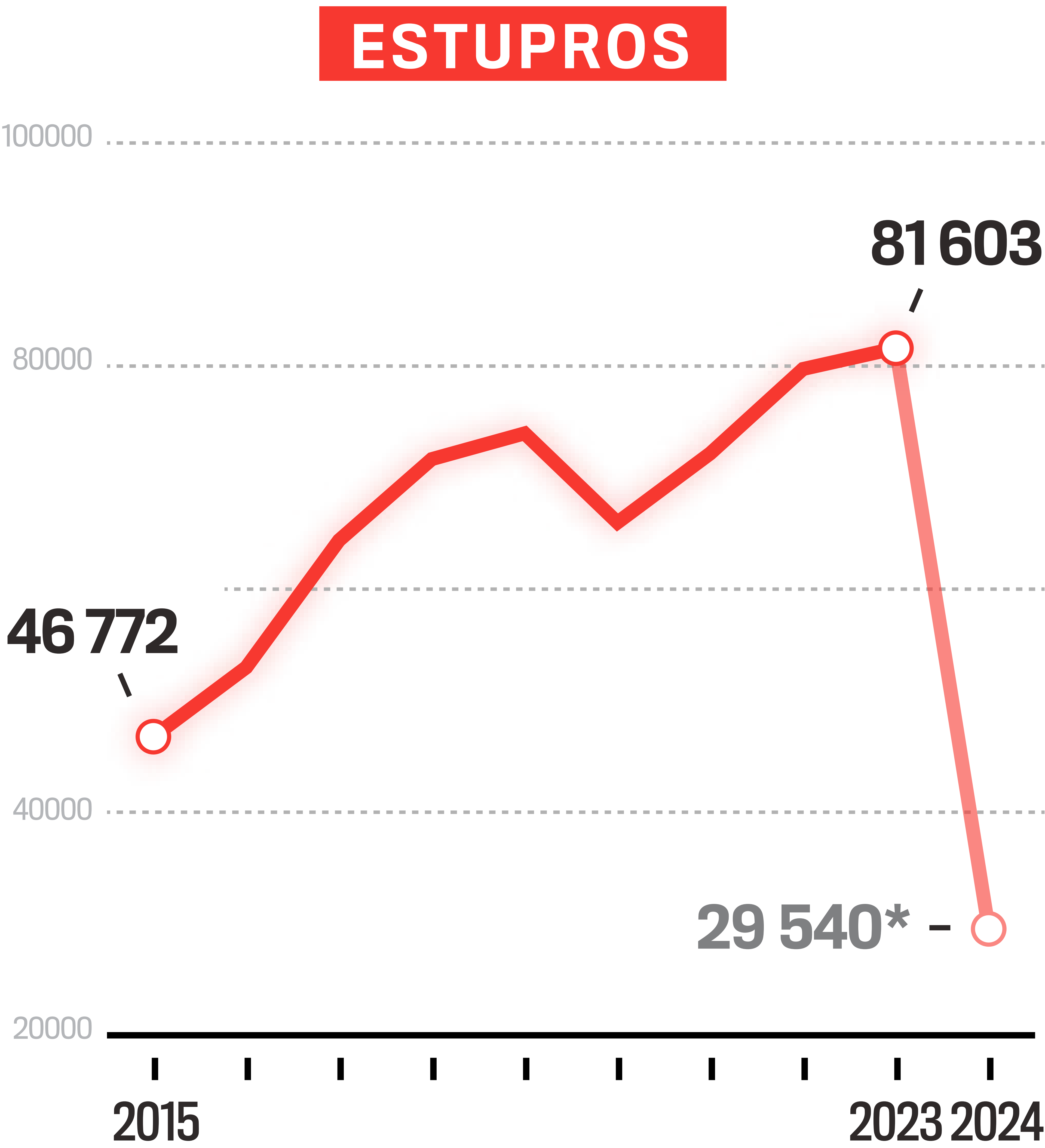
*Até maio

aliado à corrupção, cria um ambiente propício para a expansão do crime e permite que as milícias continuem se estabelecendo nas comunidades mais carentes. Nos últimos dezesseis anos, por exemplo, as milícias triplicaram seu domínio no Rio de Janeiro. Unir as forças e estabelecer uma meta comum é uma proposta que encontra amparo na lógica. O problema é quando a lógica se curva a interesses políticos de ocasião. Pesquisa Genial/Quaest divulgada na quarta-feira 10 mostra que a segurança pú-



blica perde apenas para a economia entre os principais problemas do país. Não à toa, nos cinco municípios com as maiores taxas de homicídios em 2023 — Rio de Janeiro, Salvador, Manaus, Fortaleza e Recife —, o combate à violência urbana é plataforma de campanha de todos os pré-candidatos a prefeito.

O PT, por exemplo, resistia à ideia de um plano nacional de segurança, até o momento em que percebeu o tamanho do desgaste político do governo e o reflexo desse



Fonte: *Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (Sinesp) - MJ*

desgaste nas campanhas municipais. Era preciso reagir. Lula então pediu ao Ministério da Justiça que apresentasse o plano. A proposta já estava pronta havia mais de três meses, mas encontrava-se convenientemente embarreirada na Casa Civil, que queria evitar atritos com alguns governadores. Atritos que, aliás, serão inevitáveis. O governador Ronaldo Caiado, de Goiás, por exemplo, já disse que não cabe ao governo federal estabelecer o que é e o que não é prioridade na área de segurança. Muitos como ele, e não só de oposição, pensam da mesma maneira. No Congresso, a proposta corre o risco de cair na vala comum da disputa ideológica e do lobby corporativo. "Ampliar as prerrogativas da Polícia Federal em detrimento da Polícia Civil e da Polícia Militar é o governo querendo formar uma superpolícia para estabelecer uma ditadura", disse a VEJA o presidente da Comissão de Segurança Pública da Câmara, Alberto Fraga (PL-DF), coronel reformado da PM.

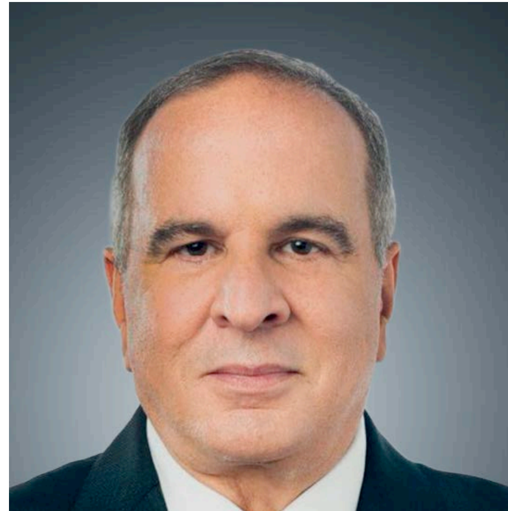
Antes de enviar a proposta ao Congresso, Lula pretende reunir os governadores de todo o país para discutir o plano. Ouvir é sempre uma boa iniciativa, mas, neste caso, as chances de chegar a um consenso são pequenas. O governo sabe disso, mas aposta na pressão da sociedade. "Não há de se falar de um momento ideal para se enviar ao Congresso uma legislação como esta porque o momento ideal o Brasil já perdeu ao ter deixado o crime organizado ter o tamanho que tem hoje", diz Renato Sérgio

PRF/DIVULGAÇÃO



REFORÇO Polícia Rodoviária: patrulhamento de estradas, rios e ferrovias

de Lima, presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O próprio Lewandowski entrou em campo para tentar convencer os parlamentares de que a proposta não deve ser reduzida a uma disputa de poder. “A PEC da Segurança é um instrumento necessário para combater de forma mais eficaz o crime organizado, que cresce a cada dia e representa uma ameaça à segurança de todos os cidadãos”, disse o ministro da Justiça a VEJA. É um importante e necessário primeiro passo. ■



MURILLO DE ARAGÃO

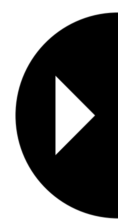
INSEGURANÇA JURÍDICA NO BRASIL

O impacto do excesso de medidas arbitrárias, confusas e ilegais

O BRASIL enfrenta uma grave crise de insegurança jurídica, o que afeta a confiança nas instituições e a estabilidade econômica do país. Esse cenário se deve a uma série de fatores que permeiam os diferentes Poderes da República, criando um ambiente de incerteza para cidadãos e empresas.

Uma das principais fontes de insegurança jurídica reside na atuação do Executivo, que, em sua busca incessante por arrecadação, impõe medidas muitas vezes de caráter inconstitucional. Essas ações são justificadas pela necessidade de aumentar a receita pública, especialmente em tempos de crise fiscal, mas acabam criando um ambiente de incerteza.

Nestes dois anos tivemos exemplos de iniciativas arbitrárias e confusas por parte do Executivo, como a taxação da exportação de petróleo e a polêmica decisão sobre a compensação de créditos de PIS-Cofins, cujo efeito nas exportações foi quase imediato. Práticas agressivas de fiscalização resultam em multas exorbitantes que, muitas vezes, desrespeitam o devido processo legal e os direitos dos contribuintes.



A insistência em propor medidas inconstitucionais mesmo sabendo que, adiante, elas podem ser revertidas na Justiça deveria sofrer punições. Tal prática visa a ganhar tempo arrecadando, especialmente, dos contribuintes menos aparelhados. Com isso, muitas empresas e cidadãos acabam pagando tributos indevidos ou sendo penalizados injustamente porque não conhecem seus direitos.

O Judiciário também contribui para a insegurança jurídica ao adotar a aplicação retroativa de decisões em matéria tributária. Faltam também critérios claros para a modulação dos efeitos retroativos das sentenças.

A situação ainda é agravada pelo excesso de legislação. Desde 2000, foram aprovadas quase 4 300 leis ordinárias, além de milhares de portarias, atos e regulamentações, confirmando a máxima de que "a burocracia aumenta para atender à necessidade do aumento da burocracia".

"A insistência em propor medidas inconstitucionais mesmo sabendo que elas podem ser revertidas deveria sofrer punições"

O excesso normativo torna o sistema jurídico complexo e confuso. A multiplicidade de normas exige um aparato administrativo robusto, o que eleva os custos operacionais do governo e das empresas. A constante mudança de leis gera incerteza, dificultando o planejamento e a previsibilidade.

A insegurança jurídica gerada por todas essas práticas tem um impacto profundo na economia brasileira. Investidores, tanto nacionais quanto internacionais, são dissuadidos de operar em um ambiente em que as regras são instáveis e frequentemente alteradas sem aviso prévio.

Além disso, a confiança nas instituições públicas é minada quando as ações do Executivo e do Judiciário são percebidas como arbitrárias e desrespeitosas ao estado de direito.

As consequências práticas são nefastas para os brasileiros, e o governo não é sensibilizado pela situação. Isso porque, no final das contas, ele se aproveita dessa insegurança jurídica para exercer uma hegemonia autoritária sobre a cidadania e fazer o Estado trabalhar para o bem do Estado e não da sociedade. ■

INDEFINIÇÃO TOTAL

Candidatos à presidência da Câmara intensificam suas campanhas — e, sem consenso, acordo para evitar disputa parece cada vez mais distante

MARCELA MATTOS



EXIBIÇÃO Antonio Brito *(de gravata azul):* festa em Brasília para testar poder e popularidade entre os colegas

CLÁUDIO ARAÚJO/PSD

“ALÔ, ANTONIO BRITO!”, celebrava o cantor Dudu Nobre, intercalando entre um samba e outro uma homenagem ao anfitrião da noite. Abaixo do palco, um sorridente Brito, como é chamado o deputado do PSD, circulava entre figuras como Gilberto Kassab, presidente do seu partido, e Valdemar Costa Neto, o mandachuva do PL de Jair Bolsonaro, além de ministros e parlamentares aliados a Lula, numa festança regada a camarões, uísques e vinhos, num restaurante de Brasília, na última terça-feira, 9. “O negócio está bom, não está?”, comemorava o parlamentar, que promoveu o evento para, oficialmente, parabenizar os aniversariantes de sua bancada. No dia seguinte, foi a vez de o deputado Elmar Nascimento (União Brasil-BA) figurar como a estrela da noite. Para comemorar os seus 54 anos, ele também preparou um cardápio etílico e gastronômico caprichado, com direito a costelão e churrasco a noite inteira. Embalada pelo batuque do grupo Timbalada, a festa recebeu a nata da política nacional, e ao menos doze ministros do governo, entre eles o vice-presidente Geraldo Alckmin, marcaram presença. Os rega-bofes bem frequentados são comuns na capital federal, mas esses tinham uma motivação diferente.

Tanto Brito quanto Nascimento, os donos das festas, foram chamados de “presidente” por alguns de seus convidados, numa referência à campanha, já na rua, para decidir quem vai assumir o comando da Câmara dos Depu-



DIVULGAÇÃO/UNIÃO BRASIL

FAVORITO Elmar Nascimento *(o segundo da dir. para a esq.)*: aniversário comemorado ao lado de ministros e deputados

tados a partir do ano que vem. Ambos são candidatíssimos, disputam palmo a palmo o apoio dos colegas, promovem esse tipo de evento para demonstrar poder, mas sabem que a peleja pode acabar sendo decidida de maneira indireta. Se nada mudar, foi combinado entre os partidos que Arthur Lira (PP-AL), o atual ocupante da cadeira, vai submeter ao presidente Lula o nome de quem vai sucedê-lo. Se o presidente der sinal verde, o escolhido será ungido ao cargo. Em contrapartida, garantirá uma vida tranquila ao governo e influência política a Lira, que quer manter o protagonismo quando deixar a função, a partir de fevereiro de 2025.

Por esse roteiro, todos, em tese, sairiam ganhando. Ou quase todos. Há um movimento silencioso nos bastidores do Congresso. Alguns deputados veem os planos de Lira com desconfiança, traçam alternativas ao roteiro, aumentam a cobrança por barganhas e planejam uma reação caso não se sintam contemplados na escolha do cacique. Sabedor do movimento, o presidente da Câmara tenta costurar um acordo com os insatisfeitos para afastar surpresas mais à frente. O tal acordo, claro, passa por negociação de cargos relevantes, divisão de emendas parlamentares, promessa de dar guarida a pautas que atendam à esquerda e à direita e até mesmo uma cadeira de ministro do Tribunal de Contas da União. Lira quer evitar dissidências que possam minar o pacto que existe entre ele e os candidatos que já estão postos. Além de Elmar Nascimento e Antonio Brito, o deputado Marcos Pereira, presidente do Republicanos, é o terceiro nome na disputa — ele, aliás, foi o primeiro a promover uma “festa de campanha”, que reuniu centenas de autoridades para comemorar seu aniversário, em abril deste ano.

Hoje, o trio se esforça para aglutinar o apoio do maior número de partidos, o que vai ser decisivo para a definição de Lira. Amigo pessoal do presidente da Câmara, daqueles que frequentam a casa e juntam a família durante finais de semana e feriados, Nascimento é apontado como o preferido. Na última semana, a executiva do PDT aprovou um indicativo de apoio à candidatura de

Elmar — antes, João Campos, o prefeito do Recife e um dos principais líderes do PSB, também anunciou apoio a ele, num gesto de flexibilização das legendas mais à esquerda ao nome do parlamentar. O deputado baiano também tenta se consagrar por meio de uma aproximação com o PT e o governo e até fez as pazes com o chefe da Casa Civil, Rui Costa, um antigo adversário na Bahia, mas que compareceu à sua festa de aniversário. Para Elmar, os problemas com o "meu amigo Rui" são águas passadas. Para políticos que acompanham a disputa de perto, a bandeira branca é apenas fictícia. Ou seja: Lula pode vetá-lo.

Em meio às articulações, os demais postulantes também são alvos de intrigas. Marcos Pereira, por exemplo, acumula versões de que estaria se distanciando de Lira, teria resistências do ex-presidente Jair Bolsonaro e que seu sonho, de fato, seja assumir uma cadeira no Supremo Tribunal Federal, e não o comando da Câmara. Antonio Brito, por outro lado, apesar de ser um "amigão" de deputados dos mais diferentes espectros políticos, é tratado como alguém que não aguentaria pressão do Palácio do Planalto diante de uma crise política e seria sempre tutelado pelo seu "chefe", o dirigente do PSD, Gilberto Kassab. Todos, claro, negam divergências, embora eles mesmos às vezes alimentem as intrigas contra os concorrentes. Em público, se cumprimentam, se abraçam e frequentam as festas um do outro.

Para o governo Lula, a escolha do próximo chefe da Câmara é crucial para a garantia da estabilidade no fim do terceiro mandato do presidente. Cada vez mais poderosos, os deputados direcionam o Orçamento federal e podem fazer avançar as temidas pautas-bomba ou engavetar projetos prioritários que renderiam ativos eleitorais à gestão petista. Hoje, entre os partidos com candidatos, inclusive uns de menor chance, como Isnaldo Bulhões (MDB-AL) ou Doutor Luizinho (PP-RJ), nenhum dá garantia de estar com Lula ou o PT nas eleições de 2026, apesar de todos serem formalmente aliados ao governo e ocuparem ministérios. Por isso, a cadeira da Câmara pode ser fonte de sossego ou de uma enorme dor de cabeça para o presidente da República. ■

DRIBLANDO OS "MAGNATAS DA FÉ"

A vereadora é uma das apostas de Lula para romper a resistência que o presidente enfrenta junto ao eleitorado evangélico **HUGO MARQUES**





FOTOS INSTAGRAM @AAVASANTIAGO

MALOCRENTE A vereadora tem mais de 100 000 seguidores nas redes sociais, defende pautas de esquerda como o feminismo e o combate à homofobia e critica o bolsonarismo e as lideranças evangélicas tradicionais



aavasantiago Quando o feminismo for legalizado serão comuns as cenas de dois belos homens levando café na cama pra uma grande gostosa antes dela sair pra conquistar o mundo e tomar o poder.

DESDE que assumiu o governo, Lula tem buscado caminhos para tentar se aproximar do eleitorado evangélico. O presidente passou a usar termos como “Deus”, “fé” e “milagre” nos pronunciamentos oficiais, pediu aos parlamentares do PT que se afastassem o máximo possível das discussões públicas de temas polêmicos como aborto e drogas e ampliou a isenção de impostos das igrejas. Esses acenos, ao que parece, produziram alguns resultados. Segundo pesquisa da Genial/Quaest, 62% dos evangélicos avaliavam em fevereiro o governo como ruim ou péssimo. No último levantamento, divulgado na quarta-feira 10, a rejeição caiu para 52% — um recuo considerável, mas ainda um índice muito superior à média geral de desaprovação do presidente, que é de 43%. Ainda sem uma fórmula definida para superar as resistências, Lula tem procurado driblar as lideranças religiosas mais hostis e se aproximado de fiéis com potencial de influenciar opiniões, especialmente nas redes sociais, como a vereadora goiana Aava Santiago.

Apresentada como uma expressão da “esquerda evangélica”, Aava foi convidada pela primeira-dama Janja para uma reunião com Lula no Palácio do Planalto. Se ela vai conseguir ajudar a romper a barreira de rejeição que separa o presidente da maioria dos mais de 70 milhões de evangélicos do país, não se sabe. Mas, se o objetivo era polemizar, a vereadora foi bem-sucedida. No encontro, Aava disse que a estratégia do governo para tentar se aproximar dos religiosos estava equivocada, que era preciso conver-



RICARDO STUCKERT/PR

CONSELHO Aava com Lula e Janja: não aos pastores que "gostam de fazer negócios"

sar diretamente com as bases e que acenos como a ampliação da isenção de impostos só beneficiariam determinados grupos. Quais grupos? "As igrejas que têm empresas, que possuem editoras, rádio, televisão, os pastores que gostam de fazer negócios." E quem são eles? "São aqueles adesistas. Aqueles que apoiaram Bolsonaro, mas já apoiaram Lula, Dilma, Temer, Fernando Henrique... Os magnatas da fé." Na conversa com Lula, dois desses personagens tiveram nome e sobrenome citados.

Aava recomendou ao presidente que deixe de lado esses líderes evangélicos tradicionais, que vá às igrejas e tente conversar diretamente com os fiéis. "Eu falei para ele: 'Enquanto o senhor Silas Malafaia, o Valdemiro Santiago e essa turminha, que não passa de dez, têm avião particular para ficar batendo perna, a minha igreja e centenas de outras precisam vender carnê se quiser comprar um carro novo. Estamos neste momento, por exemplo, vendendo carnê pa-

ra reformar o prédio para nosso aniversário de 50 anos do ministério'", disse a vereadora a VEJA. Líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, a maior das ramificações evangélicas do país, que tem mais de 200 000 fiéis, o pastor Silas Malafaia rebateu: "Em primeiro lugar, quem é ela? O que ela representa? O desespero de Lula é tão grande que ele pega uma vereadora, que não é nem um senador, nem um deputado federal, para servir de voz para atacar os pastores. Essa moça é um zero à esquerda. Vou processá-la". Valdemiro Santiago, o outro "magnata da fé" citado pela vereadora, não quis se pronunciar.


RICARDO BORGES

POLÊMICA
Silas Malafaia: "Em primeiro lugar, quem é ela?

Eleita pelo PSDB, Aava participou da campanha de Lula e integrou o governo de transição. Filha de pastores da Assembleia de Deus em Santíssimo, uma das muitas ramificações evangélicas, ela cresceu em uma comunidade controlada pelo tráfico de drogas no Rio de Janeiro, de onde a família se mudou mais tarde para fugir da violência — é por isso que a vereadora se autodenomina uma "malocrente" (maloqueira e crente). Em Goiás, ganhou notoriedade depois de gerir um programa estadual que concedeu passe li-

vre aos estudantes. Candidata em 2020, foi eleita para a Câmara de Vereadores de Goiânia. Em 2022, disputou, sem sucesso, uma vaga de deputada federal. O Ministério Público Eleitoral acusa a tucana de irregularidades na campanha, o que ela nega, e pede a devolução de 873 000 reais aos cofres públicos. Os procuradores apontaram inconsistências na prestação de contas, incluindo gastos com 104 latas de cerveja e 50 litros de chope — bebidas que teriam sido compradas para um evento de arrecadação de fundos.

Casada e mãe de um filho, Aava Santiago, 34 anos, é socióloga, defende pautas tradicionalmente de esquerda e também é atuante nas redes sociais. Mais de 112 000 seguidores acompanham sua rotina em publicações que a mostram portando cartazes com mensagens contra a homofobia e imagens cotidianas como a de um passeio em que anuncia estar usando um “lookinho bem Madalena”. Em um post um pouco menos discreto, a vereadora apareceu sentada na cama, de camisola, ao lado da seguinte legenda: “Quando o feminismo for legalizado serão comuns as cenas de dois belos homens levando café na cama pra uma grande gostosa antes dela sair para conquistar o mundo e tomar o poder”. Depois da reunião com Lula, as opiniões sobre Aava se dividiram. “Eu recebi muitas críticas, mas também muito apoio. Há uma parcela muito significativa de crentes que estava se sentido oprimida dentro das igrejas por causa de um bolsonarismo quase impositivo”, disse. Chamar atenção ela já conseguiu. ■

MULHERES, VOLVER!

Marinha do Brasil dá um passo histórico ao formar a primeira turma feminina de combatentes, mas inclusão nas Forças Armadas ainda enfrenta vários obstáculos no país **VICTORIA BECHARA**



PIONEIRAS Formatura no Rio de Janeiro: 114 soldados compõem o precursor contingente de fuzileiras navais do Brasil

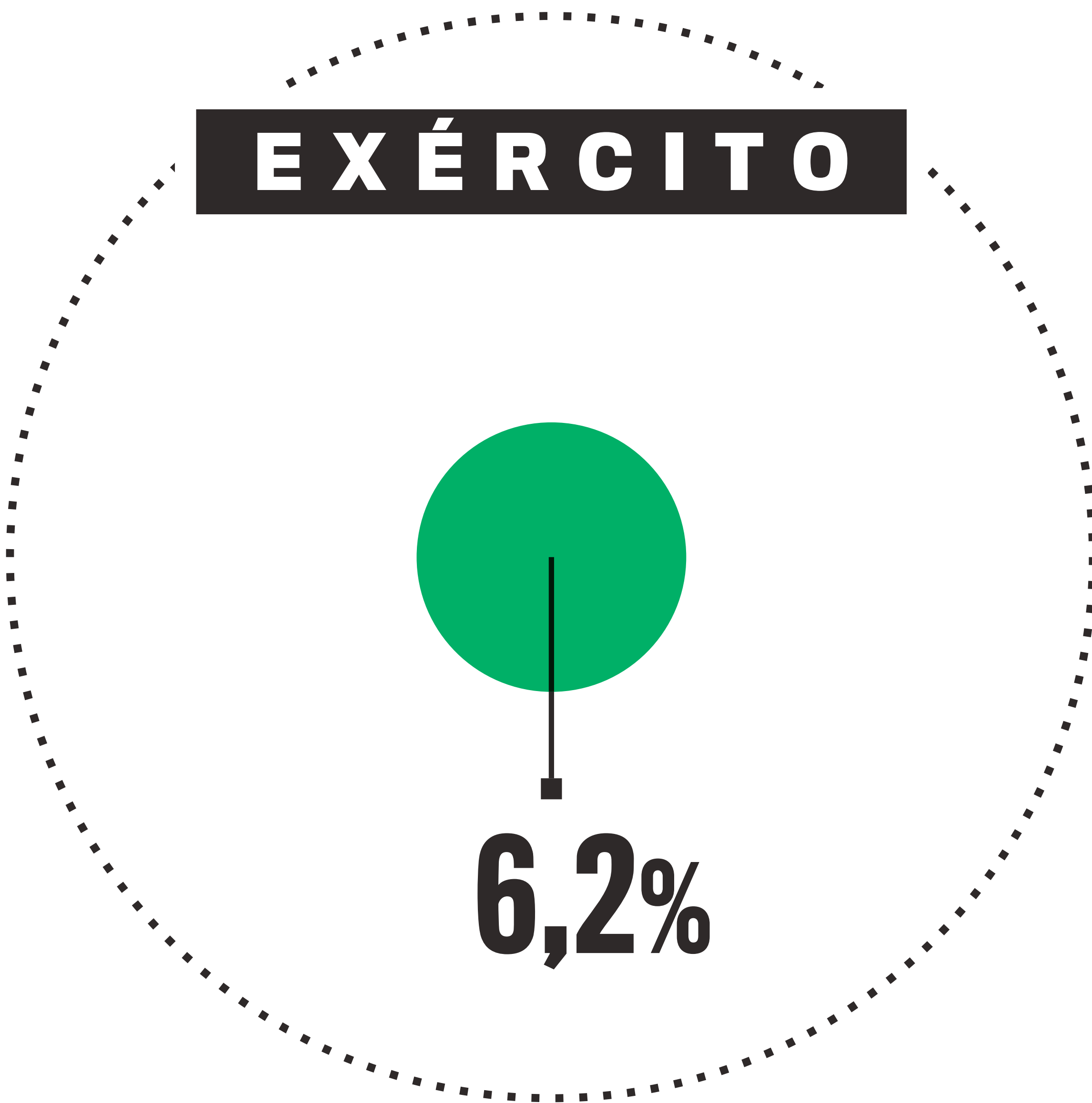
MARINHA DO BRASIL/DIVULGAÇÃO

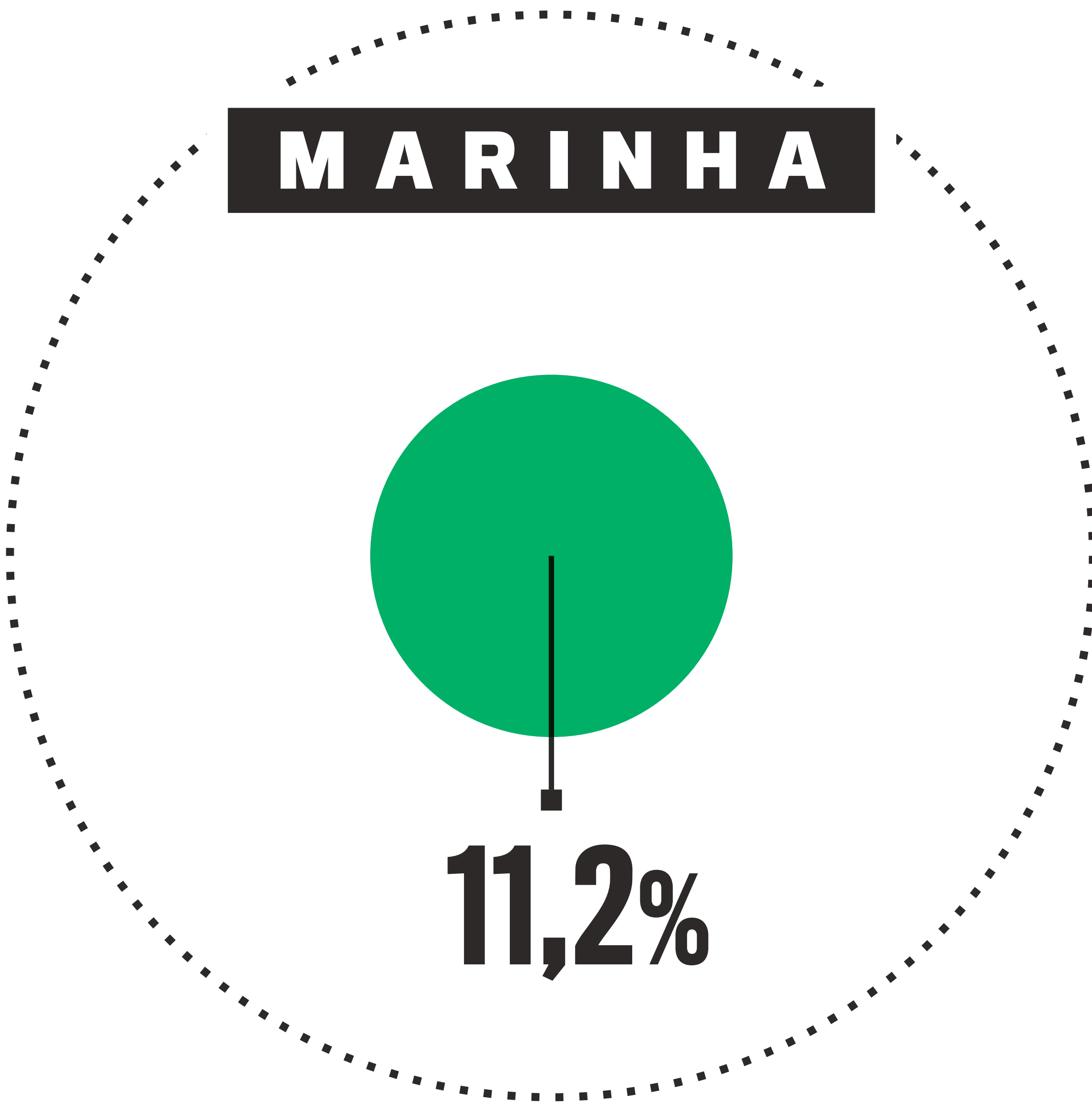
AOS 19 ANOS, Letícia Alves deixou a família em Navegantes, em Santa Catarina, e partiu para o Rio de Janeiro com um objetivo claro: seguir a carreira militar, inspirada pelo pai, sargento do Exército. Após quatro meses de treinamento intenso no Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves (Ciampa), acordando diariamente às 4 horas, ela se formou no dia 5 deste mês com outras 113 alunas, na primeira turma de fuzileiras navais da história do país. O marco é duplamente relevante. Primeiro, porque elas irão integrar uma das corporações de elite das Forças Armadas nacionais. Segundo, porque é a primeira vez que mulheres irão ocupar postos de combate, um dos tabus mais resistentes nas casernas brasileiras. "É um lugar muito fechado para homens. Essa primeira turma mostrou que a gente consegue fazer as mesmas coisas que eles. Ou, às vezes, melhor", celebra Letícia. A importância histórica foi ressaltada pelo ministro da Defesa, José Múcio. "Vocês estão desbravando um caminho", discursou no evento. Apesar do real avanço, há, porém, muita estrada para percorrer. Hoje, há pelo menos 35 900 mulheres em um contingente total de 346 900 militares nas três forças, ou cerca de 10% — no Exército, é pouco mais de 6% *(veja o quadro).*

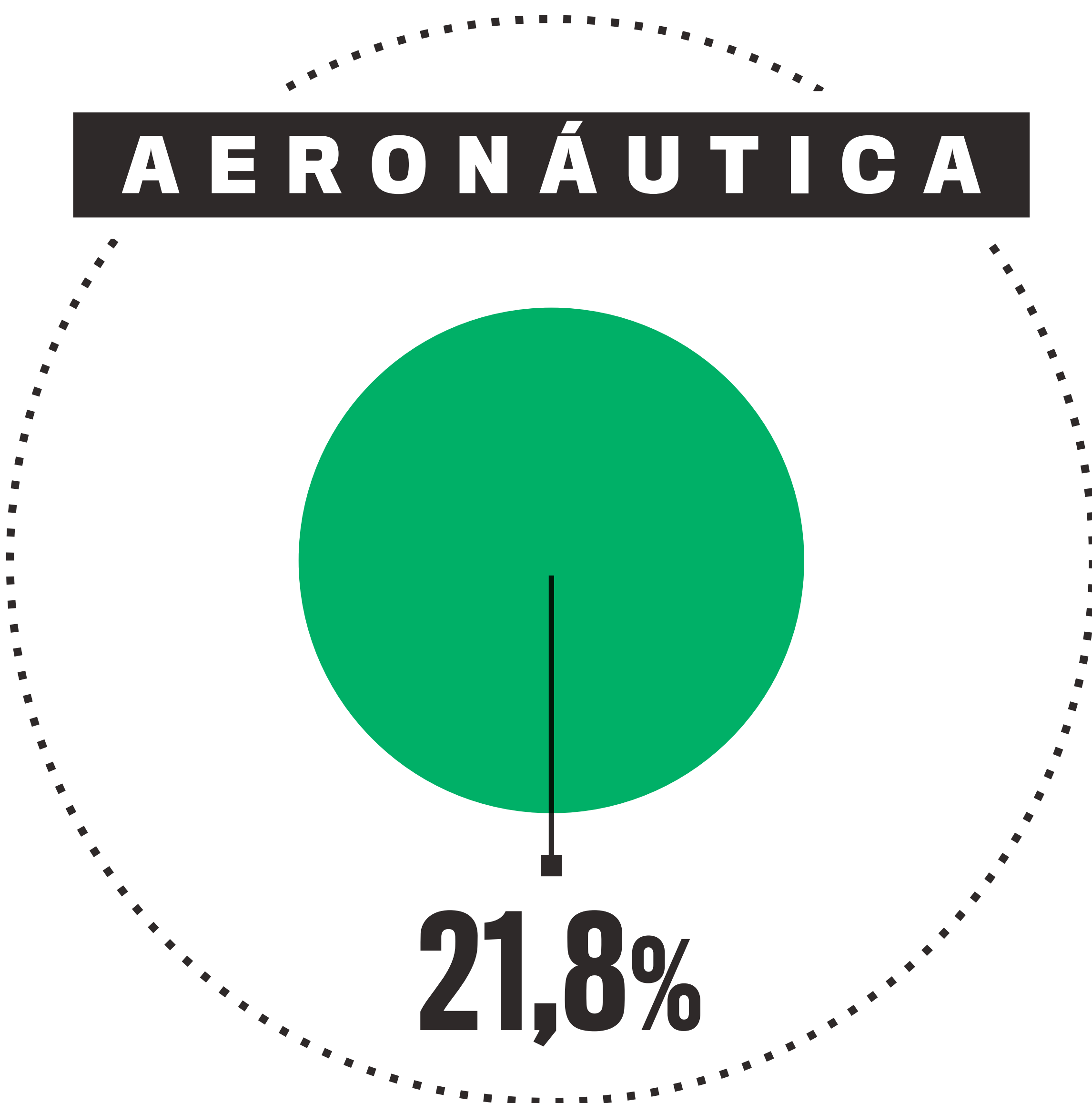
A Marinha, que agora colocou as mulheres na linha de frente, foi pioneira no país ao admitir a participação feminina em seus quadros já em 1980. Na década seguinte, uma reestruturação permitiu a inovação também em cargos de comando, mas apenas em 2012 uma mulher se tornou ofi-

DESEQUILÍBRIO DE GÊNERO

A presença das mulheres nas Forças Armadas brasileiras







Fonte: *Forças Armadas*

cial-general. “Com a formatura dessa turma, completamos o ciclo, permitindo mulheres em todos os corpos e quadros da Marinha”, diz o capitão de Mar e Guerra Vanderli Nogueira Júnior, comandante do Ciampa. Para isso, foi preciso fazer reformas no quartel, adaptar banheiros e adotar medidas de segurança, como reconhecimento facial na entrada de alojamentos. Homens tiveram palestras sobre comportamento e conscientização.

A pressão pela mudança vem aumentando nos últimos tempos. Em outubro de 2023, a Procuradoria-Geral da República entrou com ações no Supremo contra as três forças para acabar com barreiras (como o veto à ocupação de alguns postos) e cotas (às vezes inferior a 10%) impostas à participação feminina. Os processos estão em tramitação, mas o grau de dificuldade é tamanho que até o governo Lula, em tese progressista, se manifestou contra a derrubada das restrições. Um dos argumentos da Advocacia-Geral da União (AGU) é de que o ofício militar tem “peculiaridades” que justificariam a existência de cargos restritos aos homens. O governo cita “resiliência física, intelectual, moral e emocional para enfrentar as agruras do treinamento”. Mas a gestão também acena na outra direção. O Ministério da Defesa prepara decreto para permitir o alistamento militar voluntário de mulheres a partir de 2025. A norma, redigida em acordo com os chefes do Exército, Marinha e Aeronáutica, deve ser encaminhada à Casa Civil em agosto. Será preciso adaptar a estrutura dos quar-


DIVISION OFFICIAL PHOTOGRAPHER/IMPERIAL WAR MUSEUMS/GETTY IMAGES

HISTÓRIA Fábrica de bombas nos EUA na década de 1940: esforço de guerra

téis e alojamentos em todo o país, mas ainda não há estimativas de tempo e orçamento necessários.

O titubeio brasileiro contrasta com o que ocorre na maioria dos países. Na Noruega e em Israel, as mulheres são até obrigadas a cumprir serviço militar e já ocupam cargos de liderança. Desde 1983, as francesas têm acesso à maioria das carreiras militares. Os Estados Unidos, cujas normas serviram de inspiração à Marinha do Brasil, têm mulheres em altos cargos da hierarquia militar — a derrubada das restrições ocorreu em 2013, com Barack Obama. O Reino Unido acabou com suas barreiras em 2018.

A caminhada, porém, não foi fácil. As mulheres enfrentaram ao longo do tempo obstáculos como machismo e um grande período de apagamento. A história das guerras tende a ser contada da perspectiva masculina, como lembra a bielorrussa Svetlana Aleksiévitch, Nobel de Literatura, no livro *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*, que revela a história esquecida de centenas delas que atuaram na Segunda Guerra, de enfermeiras a franco-atiradoras. Se recuar no tempo, há Joana d'Arc, que liderou tropas francesas na Guerra dos Cem Anos, e a baiana Maria Quitéria de Jesus, que se passou por homem, lutou na Guerra da Independência e foi reconhecida como a primeira mulher do Exército Brasileiro. A pioneira turma de fuzileiras navais marca um capítulo importante na história das Forças Armadas, mas é preciso ainda marchar muito mais. ■



BETTMANN/GETTY IMAGES

TRINCHEIRA Brigada feminina em Londres: à espera de um ataque aéreo

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes,
Felipe Erlich e Juliana Machado





TUANE FERNANDES/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

NOVOS ARES Loja Pão de Açúcar: empresa chilena está perto de fechar negócio

Mudança de dono?

A varejista chilena Cencosud negocia a compra do controle do **Grupo Pão de Açúcar** junto ao Casino. O empresário tcheco Daniel Kretinsky, dono do grupo francês, pede 100 milhões de euros (cerca de 600 milhões de reais) por 22,5% do GPA. A Cencosud aceita pagar. Kretinsky quer se livrar do GPA no Brasil para focar a operação do Casino na França.

Avanço chileno

Não se trata da primeira incursão do Cencosud no Brasil. O grupo está por aqui desde 2007 com os supermercados GBarbosa, no Nordeste. Em 2022, com-

prou a rede Giga por 100 milhões de dólares — 550 milhões de reais hoje.

Quero mais

A operadora de hospitais Rede D'Or segue em busca de oportunidades no mercado. A empresa, que acaba de anunciar parceria com a Bradesco Seguros para a construção de cinco hospitais, tem planos para desembolsos que podem chegar a 10 bilhões de reais em novas aquisições até 2027.

Gato escaldado

A fraude contábil da Americanas deixou sequelas no mercado de crédito. Quem se senta à mesa para negociar seus passivos com os bancos Safra e Daycoval notou que as tratativas ficaram mais duras e que as instituições estão mais receosas.

Expansão geográfica

A Fit, distribuidora de combustíveis em São Paulo e no Rio de Janeiro, está mapeando oportunidades para entrar em um novo mercado: o Nordeste. A empresa considera adquirir refinarias e firmar parcerias na região.

Juntando dinheiro

A massa falida do Grupo Itapemirim, empresa de transporte rodoviário e aéreo, espera arrecadar 98 milhões de reais com a venda do espólio restante — marcas, ônibus e guichês, entre outros ativos. A Justiça deverá autorizar um novo leilão em até sessenta dias.

Rastro de destruição

O valor esperado está longe de cobrir o passivo que o

Grupo Itapemirim deixou para trás. A companhia teve falência decretada em 2022, após declarar dívidas que somam 200 milhões de reais, além de 2 bilhões de reais em pendências com impostos e Previdência.

Marcha lenta

O setor de construção civil segue devagar. Cerca de 95% das obras no país estão menos da metade concluídas, segundo o Índice Swiss Capital de Andamento das Obras, que mensura as edificações de imóveis comerciais e residenciais. Trata-se de um mercado de 24 bilhões de reais.

Aceleração

Mesmo com o crédito caro, os financiamentos de veículos aceleram no país. Em abril, 611 000 carros trocaram de mãos por meio dessa modalidade — trata-se de um aumento de 45% em relação ao mesmo mês do ano passado. Os dados são do Radar Autor, relatório produzido pela loja eletrônica OLX.

Canadenses na área

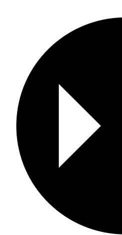
A canadense Volaris, subsidiária do grupo Constellation Software, com capital aberto na Bolsa de Toronto, concluiu a compra da Maximatech, companhia brasileira que produz softwares para o atacado. O valor do negócio é de cerca de 100 milhões de reais e a transação foi assessorada pela área de fusões e aquisições da consultoria Kroll. ■

TODOS CONTRA A CHINA

Brasil, EUA e Europa impõem barreiras a produtos asiáticos, mas medidas trazem desafios diplomáticos

LUANA ZANOBIA E **PEDRO GIL,** de Xangai

NO PORTO Navio da BYD carregado de carros elétricos chega ao Brasil: ameaça à indústria nacional



COSTFOTO/NURPHOTO/GETTY IMAGES

A cena não poderia ter sido mais simbólica. Há alguns dias, o navio Explorer Nº 1, pertencente à fabricante chinesa de automóveis BYD, atracou no Porto de Suape, em Pernambuco, com um carregamento de 5 500 carros elétricos e híbridos. Os modelos foram trazidos para atender à crescente demanda dos brasileiros por veículos produzidos no país da Muralha. De janeiro a junho, as vendas de carros chineses no Brasil subiram 450% ante o mesmo período do ano passado, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Trata-se, praticamente, de uma invasão. Com preços menores que os praticados pelos concorrentes e dotados de mais recursos tecnológicos, os autos da China tomaram o mercado nacional, provocando desequilíbrios e ameaçando a indústria local. “Precisamos ter muito cuidado com o que está acontecendo”, disse, em evento recente, Ciro Possobom, presidente da Volkswagen do Brasil.

O enxame de carros chineses é um fenômeno global que obrigou o Ocidente a se mobilizar para evitar a destruição em massa de seus parques industriais. Recentemente, a União Europeia anunciou tarifas de até 38% sobre veículos elétricos importados da China, alegando “ameaça de danos econômicos para os produtores europeus”. De seu lado, os americanos quadruplicaram o imposto cobrado na importação de carros movidos a eletricidade — a tarifa passou de 25% para 100%. Por aqui, o governo também agiu. Em janeiro, determinou que a alíquota que incide sobre esses modelos será

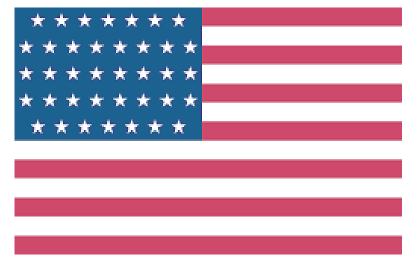
MERCADO PROTEGIDO

As medidas que os países tomaram para conter a invasão chinesa



BRASIL

Elevou a alíquota do imposto de importação de 11 derivados do aço de 12% para 25%; anunciou a retomada da taxa de importação de veículos híbridos e elétricos após isenção que vigorava desde 2015; e implementou a “taxa das blusinhas”, criando a taxação de 20% para produtos importados de até 50 dólares



ESTADOS UNIDOS

Quadruplicaram o imposto cobrado na importação de veículos elétricos (passou de 25% para 100%) e duplicaram o imposto sobre painéis solares chineses (de 25% para 50%). No caso do aço, criaram uma sobretaxa de 25% para o produto



UNIÃO EUROPEIA

Impôs tarifas de até 38% sobre veículos elétricos importados da China

Fonte: *governos*

gradualmente aumentada até atingir 35%, em julho de 2026. Atualmente, a taxa de importação é de 18% para elétricos e 25% para híbridos. Segundo o presidente da Anfavea, Márcio de Lima Leite, a medida é insuficiente para proteger a indústria automotiva brasileira. "Se isso não for revisto, podemos ter o fechamento de fábricas já no segundo semestre", afirma ele, defendendo uma taxação imediata de 35%.

Várias políticas estratégicas adotadas pelo governo chinês nas últimas décadas tornaram o país a grande fábrica do mundo. Roberto Dumas, professor de economia do Insper, lembra que o câmbio é deliberadamente manipulado para manter a moeda chinesa desvalorizada, favorecendo as exportações. Subsídios concedidos pelo governo a diversos setores econômicos e políticas salariais restritivas também formam o contexto que permite ao país produzir mais com menos e, assim, desfrutar de vantagem competitiva em comparação com outras nações. "Precisamos ter uma abordagem inteligente para defender os interesses brasileiros, mas não podemos ficar alheios aos movimentos que Estados Unidos e União Europeia fizeram", diz Rafael Lucchesi, diretor da Confederação Nacional da Indústria.

Na economia, há uma palavra para definir a concorrência desleal: *dumping*, que consiste em exportar produtos a preços menores a um determinado país em relação aos que são praticados no mercado local. No início do ano, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços abriu investigações sobre o suposto *dumping* de produtos in-

ANTÔNIO GAUDÉRIO/FOLHAPRESS



DESAFIO Produção de aço: o setor sofre com o avanço chinês

dustriais asiáticos. No setor de insumos médicos, como luvas e máscaras cirúrgicas, os órgãos de comércio exterior comprovaram danos à indústria doméstica, o que levou à adoção de medidas antidumping, com sobretaxas que chegaram a 119%. "No curto prazo, a política está correta, precisamos nos proteger", diz Dumas. "Mas, a longo prazo, para termos uma economia crescente e sustentável, precisamos focar no aumento da produtividade."

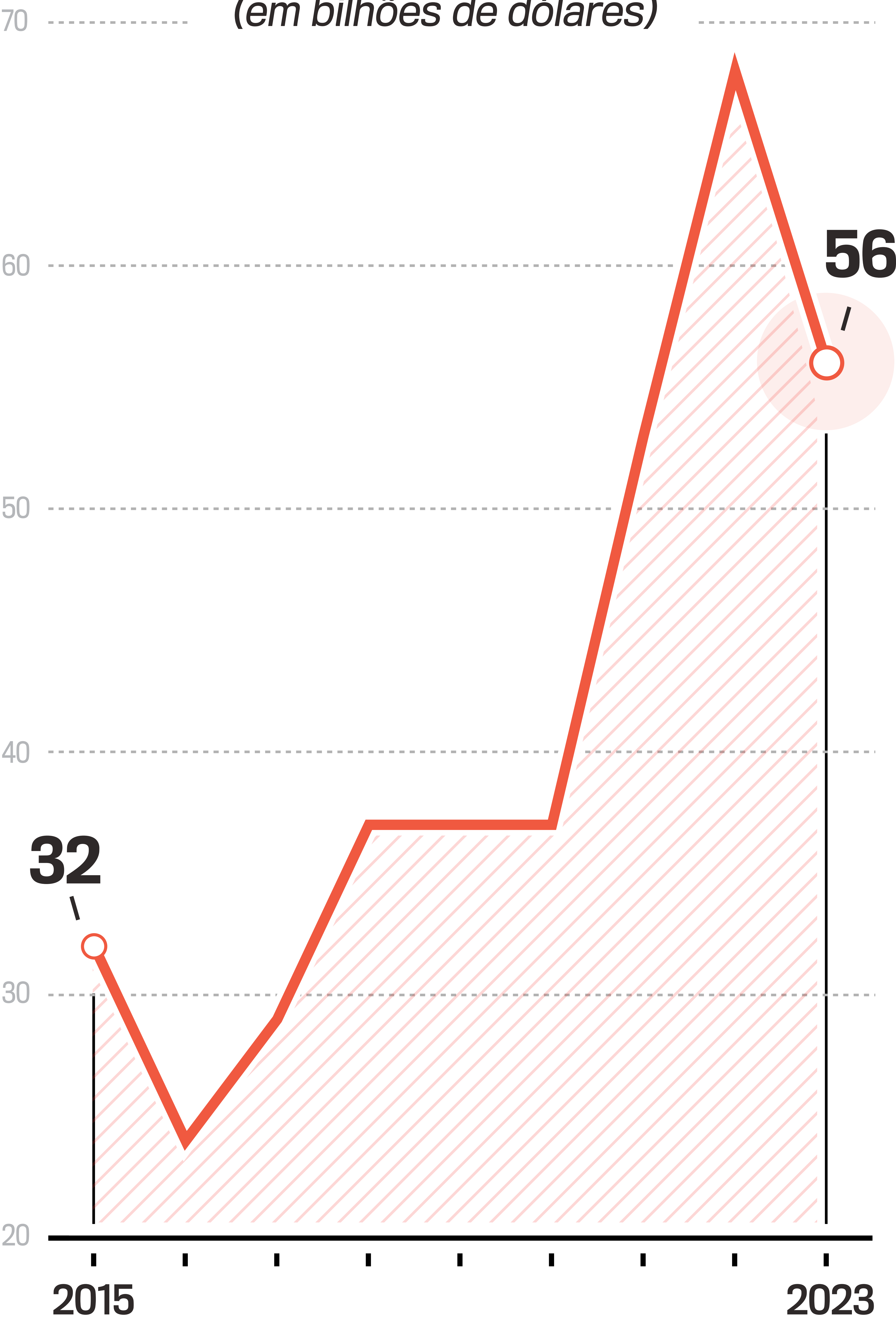
O Brasil, de fato, vem adotando uma série de medidas para conter o avanço chinês. Em abril, o governo elevou a alíquota do imposto de importação do aço para 25% e estabeleceu um volume de cotas de importação. A ação mais recente foi a taxação de compras internacionais de até 50 dólares feitas em lojas eletrônicas, que antes eram isentas de tributo. A iniciativa atinge especialmente as varejistas chinesas, conhecidas pelos preços atraentes que conquistaram os consumidores brasileiros. Enquanto alguns setores criaram novas barreiras, outros começam a se movimentar.

A Associação Brasileira da Indústria Química mantém tratativas com o governo para a elevação temporária — com validade de um ano — do imposto de importação para 65 produtos químicos específicos. De acordo com a entidade, as importações do setor cresceram 30% no ano passado, fato que levou algumas fábricas a atingir o maior nível de ociosidade dos últimos trinta anos. A Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos também defende medidas emergenciais para conter o aumento expressivo da importação de pneus da China. As preocupações são válidas. Entre 2015 e 2023, as compras de produtos chineses de todos os tipos pelo Brasil dispararam 75%, passando de 32 bilhões de dólares para 56 bilhões de dólares.

Há um desafio em sobretaxar produtos chineses: a crescente importância da China para a economia brasileira. O país se tornou nos últimos anos o maior importador de mer-

ESCALADA

As importações brasileiras de produtos chineses cresceram 75% de 2015 para 2023 (em bilhões de dólares)



Fonte: *Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC)*

cadorias do Brasil — foram 104 bilhões de dólares em 2023. E tem mais. “A taxação torna os investimentos aqui menos atrativos”, diz Lia Valls, pesquisadora da Fundação Getulio Vargas e membro do Conselho Científico do Instituto de Estudos Brasil-China. Segundo ela, a China está diversificando as suas cadeias de produção, e a instalação de fábricas na América do Sul, especialmente no Brasil, faz parte dessa estratégia. “À medida que as tarifas de importação aumentam, os custos também aumentam, dificultando essa estratégia”, afirma Lia.

Existe outro complicador nessa equação, que consiste no alinhamento ideológico do governo petista com os chineses. Ainda assim, especialistas consideram pouco provável, pelo menos por enquanto, que haja algum tipo de retaliação ou impacto nas relações entre os países. “Enquanto para os Estados Unidos o que está em jogo é a supremacia global, no caso brasileiro o objetivo é apenas estimular o setor industrial do país”, diz Alana Oliveira, professora de relações internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do laboratório Observa China. “Precisamos de um mercado livre e de plena competição”, diz Dave Huang, diretor para a América Latina da Huawei, gigante chinês de tecnologia que foi proibido pelo governo dos Estados Unidos de utilizar chips produzidos por empresas americanas. O mundo vive uma nova era de protecionismo econômico, algo sempre complicado. Mas só haverá mercado livre se a competição for justa. ■

RIVAIS UNIDOS

Em vez de lutar contra os chineses, o Magazine Luiza decidiu juntar-se a eles

PATRICIA MONTEIRO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES



NOVA ESTRATÉGIA Trajano, do Magalu: "Parceria ganha-ganha"

Se você não pode vencer o inimigo, junte-se a ele. A velha máxima encaixa-se à perfeição no acordo anunciado recentemente entre o Magazine Luiza e o AliExpress, que pertence ao Grupo Alibaba, a maior empresa de comércio on-line da China. As empresas juntaram forças para vender produtos em ambos os marketplaces. “É uma parceria ganha-ganha”, disse Frederico Trajano, presidente do Magazine Luiza, em teleconferência com jornalistas. “As duas plataformas vão ampliar os sortimentos.” Negociada desde o fim do ano passado, a iniciativa ganhou força após a aprovação da taxa das “blusinhas”, que tributa produtos internacionais de até 50 dólares.

Juntas, as duas companhias recebem, em suas páginas eletrônicas, 700 milhões de visitantes mensais e têm 60 milhões de clientes ativos. Para o AliExpress, a vantagem é a inclusão de itens pesados, como geladeiras, que são bem recebidos no catálogo do Magalu mas ainda ausentes na plataforma chinesa. Segundo Felipe Cohen, diretor do marketplace da companhia brasileira, ela se beneficiará da vasta oferta do AliExpress, especialmente em segmentos como acessórios de informática, moda, ferramentas e itens para bebês.



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

CONVERSA PARA BOI DORMIR

A promessa de corte de gastos de 26 bilhões de reais não se sustenta

AS RECEITAS do governo federal cresceram nada menos do que 9% acima da inflação nos primeiros cinco meses do ano, variação de 88 bilhões de reais. Isso prova que o ajuste proposto pelo governo, pelo lado da arrecadação, está funcionando, certo?

Não. No mesmo período, as despesas aumentaram 13% acima da inflação, ou seja, pouco mais de 106 bilhões de reais. Por mais que a arrecadação venha bem — e parte dela não se repetirá no futuro —, o gasto público tem crescido ainda mais. A conclusão é óbvia: sem controlar as despesas, a estratégia de aumentar a receita está fadada ao fracasso. Não se trata de economia, mas de aritmética.

Isso é particularmente verdadeiro para o dispêndio obrigatório, que compreende o INSS, a folha de pagamento, programas sociais e afins, cujo aumento, 91 bilhões de reais, equivale a 85% do crescimento da despesa primária. É aqui que o jogo está sendo jogado.

Não há mistério algum sobre o que impulsiona tais gastos. É o aumento do salário mínimo acima da inflação, so-



mado à expansão dos beneficiados.

Caso o governo queira virar o jogo fiscal, é aí que terá de atuar. No entanto, as declarações do presidente deixam claro que não há disposição de atacar esses temas, não apenas impopulares, como também dependentes de reformas constitucionais. Embora o Congresso geralmente não se oponha a mudanças que permitam gastar mais (basta lembrar da PEC dos Precatórios, da PEC Kamikaze e da PEC da Transição), não tem o costume de se mexer para reduzir despesas, ainda mais quando o próprio Executivo não quer fazer força a respeito.

Dado, porém, o mal-estar das últimas semanas, expresso no encarecimento do dólar, o próprio presidente se viu obrigado a acenar com medidas de controle, o que obviamente não quer dizer elas venham a se materializar.

Pelo contrário, a proposta de reduzir o gasto obrigatório em 26 bilhões de reais "no ano que vem", por meio de um

"Persiste em nosso imaginário a ideia de que existe uma solução indolor para problemas dessa natureza"

"pente-fino" nos programas sociais, é apenas o que em tempos idos se qualificava como "palestra flácida para acalentar bovinos", ou, de maneira mais simples, "conversa mole para boi dormir".

Cálculo de meu colega Fernando Montero, um economista que entende do riscado, sugere que seria necessário cortar perto de 1,25 milhão de benefícios para chegar a tal economia, notando que o ministro da Previdência se gabava de ter suspendido perto de 57 000 até maio de 2024. E isso se o ajuste focalizar o valor médio (20 700 reais ao ano); caso fique mais concentrado naqueles de menor montante, seria necessário atingir número ainda maior de beneficiários.

Persiste em nosso imaginário a ideia de que existe uma solução mágica, indolor, para problemas dessa natureza, como alguns ainda veem o Plano Real, sem prestar maior atenção às manifestações dos economistas responsáveis pelo programa, do qual a reforma monetária foi parte importante, sem dúvida, mas longe da totalidade do projeto.

Não há, porém, pirotecnia que resolva a questão fiscal; apenas um conjunto de reformas bem articulado que aponte para a estabilização do gasto obrigatório. Ao insistir na mágica, o governo prepara o terreno para mais uma decepção. ■

VEM AÍ O REAL DIGITAL

O Drex, a versão digitalizada da moeda, entra em nova fase de testes com a promessa de revolucionar a indústria financeira do país **MÁRCIO JULIBONI**



LIDERANÇA Drex: nova moeda do Banco Central deverá colocar o Brasil na vanguarda das finanças globais

SHUTTERSTOCK

BATIZADO DE DREX e apresentado pelo Banco Central em agosto do ano passado, o real digital entra agora em sua segunda etapa de testes, na qual os bancos e demais participantes do projeto vão propor aplicações práticas para a novidade. “O Drex representa uma transformação completa da infraestrutura financeira”, diz Thamilla Talarico, sócia da EY Brasil e responsável pela área de ativos digitais da consultoria. A digitalização da moeda não é uma jabuticaba. Segundo o instituto americano Atlantic Council, 134 países e regiões, representando 98% do PIB global, estão se esforçando para criar suas moedas digitais e usufruir o crescimento econômico que elas podem destravar.

Para entender esse potencial, é preciso conhecer a árvore genealógica do real digital. Seus avós são as criptomoedas, como o pioneiro Bitcoin. Delas, o Drex herdou dois pilares. O primeiro é o *blockchain*, tecnologia de registro descentralizado de transações, que permite que os usuários de uma plataforma arquivem não apenas as suas próprias operações, mas a de todos os demais. O segundo é a tokenização, processo que gera uma representação digital de qualquer coisa do mundo real — de uma obra de arte a cabeças de gado. Os pais do Drex são as *stablecoins*, criadas para atenuar as fortes oscilações de preços das criptos convencionais. Para tanto, atrelam seu valor a outros ativos, como o dólar e o ouro. Com as *stablecoins*, o real digital aprendeu que é possível se ancorar em algum ativo para manter a estabilidade. Ao contrário de seus antecessores, o Drex será lastreado nele mesmo, já que é a representação vir-

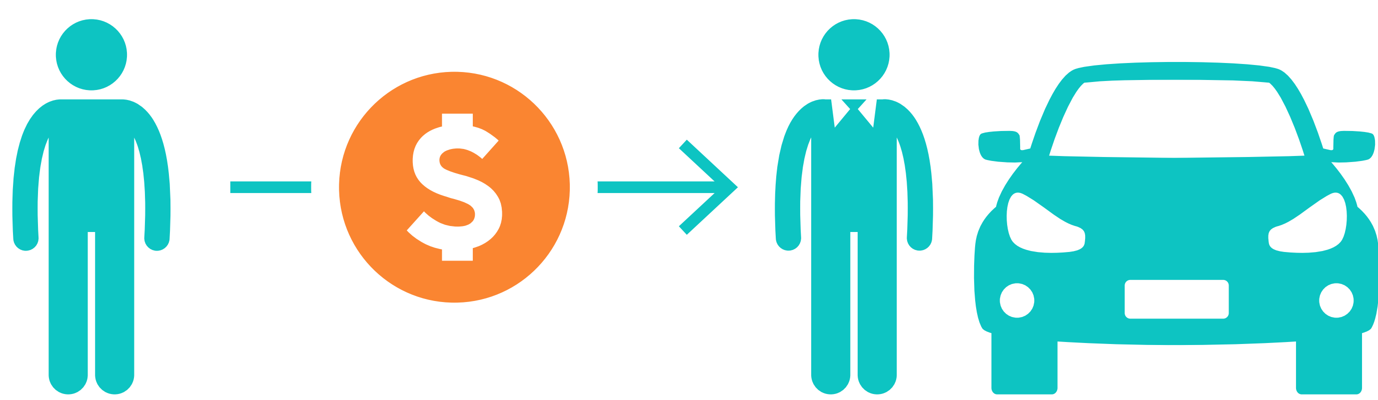
PARECE PIX, MAS NÃO É



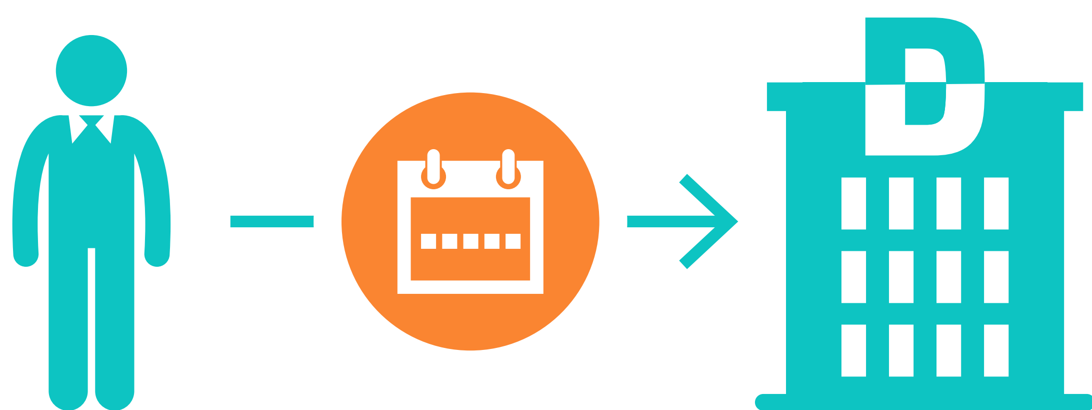
Veja como seria comprar um carro pelas diferentes modalidades de pagamento

NO 

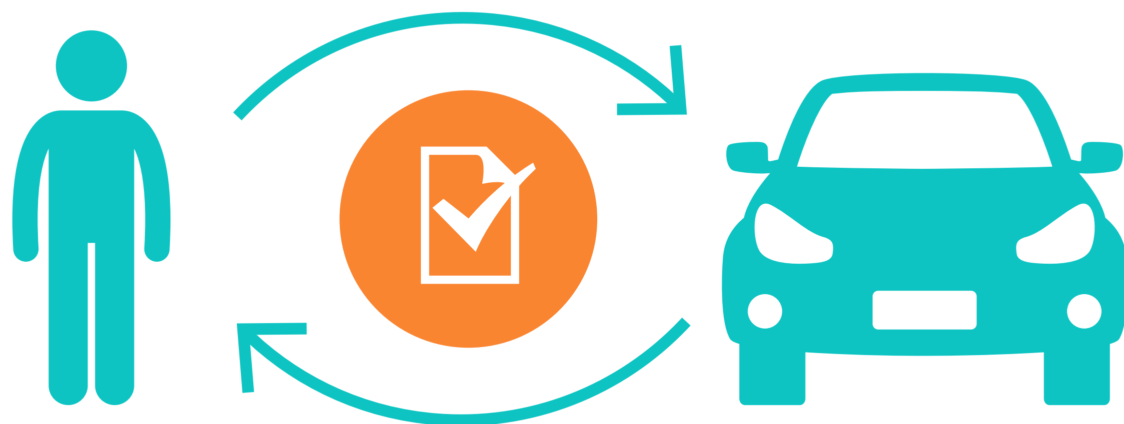
PASSO 1
O comprador transfere o dinheiro via Pix para o vendedor



PASSO 2
O cartório ou o vendedor têm até 5 dias para comunicar a venda ao Detran



PASSO 3
O comprador tem até 30 dias para transferir o carro para o seu nome



PASSO 4

Caso não transfira o automóvel, o comprador pode receber 4 pontos na carteira, mas nada o impede de circular com o veículo

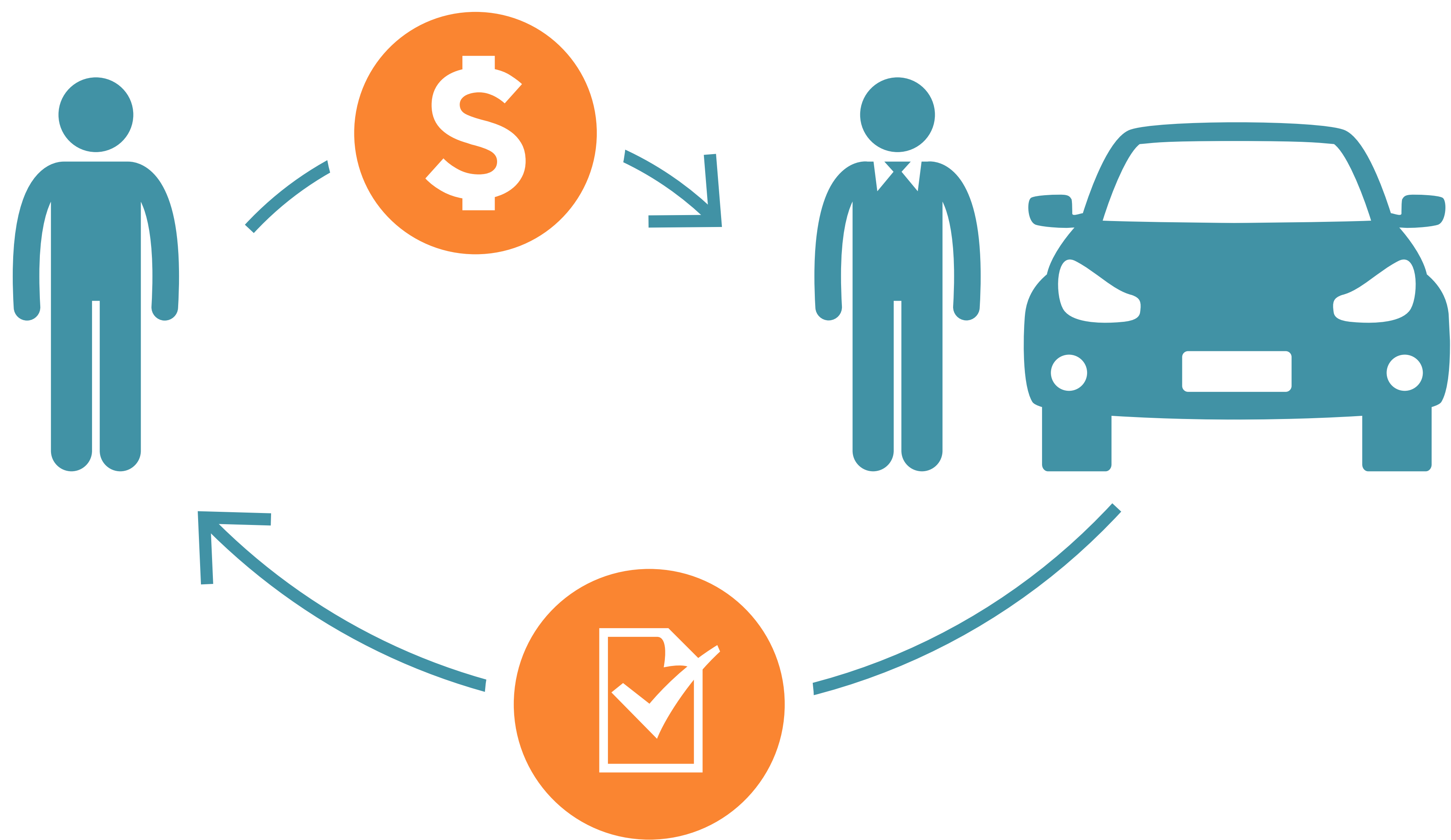




NO 

PASSO ÚNICO

O pagamento e a transferência da propriedade ocorrem simultaneamente, devido a uma inovação da moeda digital: os contratos inteligentes. Se uma das partes não cumprir o combinado, o negócio não é concluído





Fonte: *Banco Central*



EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

AGILIDADE Apartamentos à venda: negociar imóveis ficará mais fácil

tual do real, a moeda emitida e controlada pelo Banco Central do Brasil. Isso também a diferencia de seus "avós", criptomoedas que podem ser criadas por qualquer pessoa.

Um exemplo prático mostra como funciona a nova moeda. Quando o salário de alguém for depositado no banco, será convertido em Drex, mas, no extrato, constará apenas que a pessoa tem reais na conta. Não haverá, portanto, um salário em reais físico e o equivalente em reais digitais. É verdade que a maior parte do dinheiro já é virtual. Cada vez menos, usamos cédulas. Os reais digitalizados parecem gêmeos siameses do Drex, mas têm fortes limitações. Se pudessem falar, não saberiam responder por que saíram da conta de alguém e caíram na de outra pessoa. Já a nova moeda saberá, porque carregará os chamados contratos inteligentes.

O exemplo preferido de quem participa do projeto do BC é o da venda de um carro. O Pix realizado nesse negócio significa apenas que uma quantia de dinheiro trocou de mãos. Nada, a não ser a palavra dos envolvidos, garante que a pro-

priedade seja transferida para o comprador. É preciso vencer uma maratona burocrática para que o novo dono consiga, enfim, tomar posse do automóvel. Com os novos contratos inteligentes, a própria transferência do dinheiro será "carimbada" com as informações sobre a transação, incluindo as condições para que ela seja concluída. Assim, o contrato pode ser interrompido automaticamente se uma das partes não cumprir com o combinado.

Esse é apenas um exemplo das fronteiras abertas pelo real digital. O Banco Central e os dezesseis consórcios que participam do projeto mal começaram a arranhar as possibilidades. O que se sabe, contudo, é que ele tende a se desenvolver rapidamente na estruturação de novos produtos financeiros. Em vez de comprar uma ação, será possível investir apenas numa pequena parte dela. "Poderemos adquirir fatias muito menores de bens e ativos, e isso vai democratizar os investimentos", afirma Larissa Moreira, gerente do Itaú Digital Assets. Já transações que envolvem troca de propriedade devem demorar mais um pouco. Embora a tecnologia permita a transferência instantânea de titularidade de um bem, ainda é necessário resolver questões legais e acomodar interesses, como os dos cartórios. "Quem garantirá a propriedade de um imóvel que foi tokenizado para ser pago com Drex: o escrivão ou o dono do token?", indaga Renata Petrovic, líder de inovação do Bradesco. Espera-se que o Drex esteja disponível comercialmente até 2026. E então, quando esse problema for resolvido, as pilhas de papel e carimbos deixarão de bloquear a dinâmica da economia. ■

E AGORA?
Macron: barrou a extrema direita e agora tem de se entender com a extrema esquerda

MACRONIX, O GAULÊS

Isolado, em minoria e lutando contra tudo e contra todos, Emmanuel Macron, o Asterix da vez, busca uma saída para o impasse político criado por sua decisão de antecipar as eleições legislativas

ERNESTO NEVES

DYLAN MARTINEZ/AFP

Faltando pouco para o início da Olimpíada de Paris, competição que instalará a França no centro das atenções do mundo, o país passa por um momento de intensa movimentação política, com ondas de choques de interesses que podem durar semanas e ninguém sabe direito onde vão desaguar. Por trás da turbulência está justamente quem mais precisa de ânimos serenos para governar: Emmanuel Macron, o presidente que desencadeou uma tempestade de incertezas ao antecipar, sem necessidade, as eleições legislativas. Ao fim de dois turnos dramáticos, sua coalizão de centro, Juntos, contabilizou 168 assentos na Assembleia Nacional — 82 a menos do que tinha antes. Para aprovar projetos, ele terá que achar um jeito de conviver com a Nova Frente Popular, uma aliança de esquerda formada às pressas que, para surpresa geral, fez 182 deputados e se tornou a maior força parlamentar, demovendo para a terceira posição o Reagrupamento Nacional (RN), que, com 143 cadeiras, viu anulada a vantagem que conseguira abrir no primeiro turno.

Restou a Macron, isolado e encolhido, espernear para se impor em cenário adverso, tal qual Asterix, o gaulês dos quadrinhos que se insurge contra as legiões romanas — sem, no entanto, dar mostras até agora da esperteza do rebelde da ficção. A união de eleitores dos grandes centros, o apelo de celebridades como o jogador de futebol Kylian Mbappé e uma articulação que levou à desistência de mais de 200 candidatos sem chance de ganhar impuseram a derrota ao RN

DNAN FARZAT/NURPHOTO/GETTY IMAGES



RESISTÊNCIA Festa em Paris: união contra o partido de Le Pen

de Marine Le Pen, que já perdeu duas eleições presidenciais e que saíra na frente, com 33% dos votos, no primeiro turno. Na bela Place de la République, no centro da capital, uma multidão festejou mais uma manifestação do "cordão sanitário" que até agora vem impedindo a chegada da extrema direita ao poder — embora a cada votação ela conquiste mais representação. Nem por isso Macron, aparentemente conformado com o derretimento de seu partido mas ainda empenhado em preservar um legado respeitável ao fim de dez anos na Presidência, pode respirar aliviado.

No sistema misto da França, o presidente reparte responsabilidades com um primeiro-ministro, uma espécie de chefe de gabinete que toca o dia a dia do governo. Em geral, ele sai do partido mais votado na Assembleia. Como as eleições legislativas acontecem pouco depois da presidencial, a mesma legenda costuma ocupar os dois postos. Desta vez, com a votação antecipada, o arranjo se desfez — e agora o candidato natural seria Jean-Luc Mélenchon, esquerdista radical que, em sua plataforma polêmica, defende o aumento dos gastos públicos, promete reverter a reforma da previdência que a duras penas elevou a idade de aposentadoria e, no conflito do Oriente Médio, tece elogios ao Hamas. Não há coabitação possível entre eles — Macron passou a campanha desancando os “dois extremos”, à direita e à esquerda, e, de resto, Mélenchon, extremista da velha guarda que nunca foi muito levado a sério, é tão impopular quanto o presidente.

A França entra, assim, em um período de alta instabilidade, ainda mais porque o país, diferentemente dos vizinhos Itália e Alemanha, não tem tradição de criar coligações amplas, formadas por siglas de diferentes linhas ideológicas. “Será uma negociação complexa”, diz Françoise Boucek, do Centro de Pesquisa Europeia da Queen Mary University, de Londres. “A Nova Frente Popular é um arranjo frágil de quatro legendas que não têm um programa comum.” São citados como possíveis opções para o cargo de primeiro-ministro dois socialistas, Olivier Faure, primeiro-secretário de partido, e Raphaël Glucksmann, que se destacou na eleição

para o Parlamento Europeu, em junho. Mélenchon, de sua parte, parece disposto a brigar pela posição, causando arrepios na cúpula da União Europeia e nos investidores em geral — o país está sendo pressionado a conter sua imensa dívida pública, muito acima do limite estabelecido pela UE, e o novo orçamento anual, com previsão de cortes de gastos, precisa ser aprovado nos próximos meses. “A França corre risco de viver um grave impasse político, com seu Parlamento dividido e o presidente isolado”, alerta Rym Momtaz, do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos.

Tentando evitar maiores solavancos durante a Olimpíada, Macron rejeitou o pedido de renúncia do atual primeiro-ministro e seu aliado, Gabriel Attal, e adiou a decisão sobre um novo nome para agosto. Seja quem for o escolhido, ele não resolverá o problema maior do governo, que é conviver com a Assembleia Nacional mais fragmentada desde a fundação da Quinta República, em 1958, por Charles de Gaulle (1890-1970). As divergências entre os dois maiores blocos podem, inclusive, servir de munição para a extrema direita avançar com sua bandeira de que o establishment não funciona e precisa mudar. “A maré continuará subindo. Nossa vitória foi apenas adiada”, provocou Le Pen, logo após a divulgação dos resultados, garantido que será a próxima presidente da República, em 2027. Acuado no Palácio do Eliseu, lutando contra tudo e contra todos, Macronix paga o preço de sua ousadia, com a esperança de que o céu não lhe caia sobre a cabeça. ■

A PRÓXIMA DA FILA

Com a candidatura de Joe Biden à Presidência na berlinda, as atenções se voltam para a vice, Kamala Harris. Mas há sérias dúvidas se ela conseguiria empolgar o eleitorado **CAIO SAAD**



JUSTIN SULLIVAN/GETTY IMAGES/AFP

SEGUNDA OPÇÃO No páreo: atuação morna no governo é entrave para fazê-la forte diante do republicano Donald Trump

SEM CELULARES e apetrechos tecnológicos, deixados do lado de fora para evitar vazamentos, congressistas se reuniram a portas fechadas em uma sala do Comitê Nacional Democrata, em Washington, na terça-feira, 9, para discutir uma questão urgente: se o presidente Joe Biden deve ou não continuar na corrida pela reeleição após a desastrosa participação no debate com o republicano Donald Trump, assistido por mais de 51 milhões de americanos. Ao final, saíram fazendo de conta que a situação estava tranquila e sob controle. “Estou com Joe”, repetiu várias vezes Chuck Schumer, líder do partido no Senado. Na realidade, faltando quatro meses para a eleição e pouco mais de um mês para a convenção que vai validar a chapa presidencial, os caciques democratas estão mesmo é em polvorosa, divididos entre abafar as vozes que pedem que o presidente jogue a toalha e estimular a manutenção da candidatura como está. No meio do frenético zum-zum-zum, surge com frequência o nome de Kamala Harris, a vice que é vista como opção natural para substituir Biden. A dúvida é: teria ela cacife para derrotar Donald Trump?

O peso dos 81 anos, evidenciado no malfadado debate no fim de junho, em que Biden manifestou clara dificuldade para rebater o adversário, enfraqueceu sua candidatura e abriu caminho para pedidos públicos de desistência. Mais recentemente, o ator George Clooney, democrata de carteirinha, publicou artigo nesse sentido no *New*


JIM WATSON/AFP

VITRINE Biden na cúpula da Otan: chance de demonstrar liderança

York Times (que cravou seu apelo em editorial), enquanto a influente deputada Nancy Pelosi — 84 anos e concorrendo de novo em novembro —, mais sutilmente, pedia a Biden que tomasse "uma decisão rapidamente". Não precisava: o presidente insiste todos os dias, em discursos e entrevistas, que o mau desempenho frente a Trump se deveu a circunstâncias especiais (gripe, noite maldormida, jet lag) e que vai continuar no páreo.

O problema, a esta altura, é encontrar um nome com força suficiente para empolgar os eleitores anti-Trump, papel que Biden cumpriu em 2020, mas não parece capaz de repetir agora — as pesquisas pós-debate o colocam seis pontos atrás do adversário e perdendo para ele em todos

os estados "pêndulos", que definem o resultado. Kamala, 59 anos, sai com a vantagem de poder absorver automaticamente os milhões de dólares em doações já arrecadados pela campanha, por estar na chapa — outro nome teria de partir do zero. Filha de mãe indiana e pai jamaicano, ex-procuradora-geral da Califórnia, eleita senadora em 2017, ela fez história como a primeira mulher vice-presidente e entrou na chapa de Biden com a missão implícita de concorrer à Presidência depois dele. Boa de briga, durona no combate à criminalidade, esperava-se que se destacasse no governo, o que não aconteceu. Sem muito trânsito na liderança do partido, desidratou e murchou nas duas atribuições que lhe foram dadas, a de buscar saídas para as hordas de imigrantes na fronteira com o México e a de defender o direito das americanas ao aborto. Sem inspirar grande confiança, ela tem posição ligeiramente melhor do que Biden nas últimas pesquisas. "Ela é uma péssima comunicadora quando o assunto sai de sua área de experiência", disse recentemente Elaina Plott Calabro, jornalista que passou meses traçando seu perfil.

Depõe contra Kamala ainda o fato de nunca ter tido de conquistar eleitores indecisos perante rivais poderosos — a única eleição que disputou sozinha, para o Senado, foi na democrata Califórnia, e seu rival era do próprio partido. "A história mostra que não há promoção certa de emprego no cargo mais alto da nação. Os eleitores não fazem escolhas baseados no título do candidato", argumen-

ta Jeffrey Sonnenfeld, professor da escola de administração da Universidade Yale. Dos 49 vice-presidentes americanos, dezenove concorreram à Presidência e apenas seis — entre eles, Biden — obtiveram votos suficientes para se eleger. “Quanto mais tempo durarem os pedidos para que o presidente desista da candidatura, mais chance há de que outros democratas se juntem ao coro. A Casa Branca sabe disso e já pôs em prática um plano de contenção de danos”, afirma Philip Klinkner, professor de ciências sociais da Hamilton College, em Nova York.

Frustrado com as especulações, Biden lança desafios: “Digo a qualquer um desses caras que acham que eu não deveria disputar que concorra contra mim. Anuncie sua candidatura, me desafie na convenção”, declarou em uma entrevista. Também usou o pódio do encontro de cúpula da Otan, em Washington, para pronunciar discursos incisivos e mostrar que tem o respeito de seus pares. Se resistir incólume até o encontro democrata, de 19 a 22 de agosto em Chicago, terá mais uma prova de fogo à frente: o segundo debate na TV com Trump, em 10 de setembro. Caso aconteça, a nação democrata vai tremer nas bases. ■

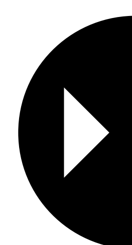
VALMIR MORATELLI



REAÇÃO IRADA

BEATRIZ DAMY/TV GLOBO

Acostumada a fazer mulheres ricas, mimadas e complexas, **CAMILA MORGADO,** 49 anos, virou a chave ao aceitar viver Dona Patroa em *Renascer,* novela das 9 da TV Globo. "Gostei de ser chamada, porque é uma personagem caseira. É raro ser escalada para papéis assim", diz. Imbuída de dogmas religiosos, a personagem tem despertado um nível de ira nas mulheres capaz de unir o improvável nas redes sociais: as feministas e as religiosas. Após uma fase de submissão em nome da fé – como os momentos em que o marido, o Coronel Egídio (Vladimir Brichta), a obriga a ter relações sexuais vestindo lingerie da amante –, agora ela vive um despudor que beira o humor canastrão. "Encaro esse papel com finalidade social. Muitas mulheres não conhecem seus próprios desejos", defende Camila.



EM ALTA VELOCIDADE

Mesmo já não tendo a idade de um atleta do mundo real, vale o esforço do faz de conta. Ao interpretar no ainda inédito *F1* um ex-piloto de automobilismo que retorna à equipe fictícia APXGP, tendo de lutar contra seus dramas particulares e adversários mais velozes, **BRAD PITT,** 60 anos, mergulhou de cabeça no mundo da velocidade. Ele agora circula pelos circuitos de Fórmula 1 pelo mundo, unindo suas aparições a uma estratégia de marketing prévio do filme, com data de estreia para o começo de 2025. No domingo 7, esteve no Grande Prêmio da Grã-Bretanha, na cidade de Northampton, levando a tiracolo a namorada, a designer de joias **INES DE RAMON,** 34, para ver de perto a vitória de Lewis Hamilton. "Até entrar num carro desses, ninguém experimentou velocidade igual. É realmente emocionante", disse, empolgado.



KYM ILLMAN/GETTY IMAGES

ORGULHO EXPLÍCITO

Após uma pausa na carreira para cuidar da saúde mental *(leia na matéria "Desafio olímpico")*, **SIMONE BILES,** 27 anos, o grande destaque americano para os Jogos de Paris, tem recebido seguidos mimos do marido, o jogador de futebol americano **JONATHAN OWENS,** 28. Primeiro, ele pediu férias prolongadas da equipe do Chicago Bears para apoiar a preparação da inigualável ginasta. Depois, fez uma surpresa: uma tatuagem de "S" no dedo anelar, que a deixou derretida, em vídeo imediatamente postado nas redes sociais. "Saber de tudo o que você passou e ver que conseguiu voltar no topo, como sempre, me deixa sem palavras", escreveu Owens ao vê-la campeã no individual geral da seletiva nos Estados Unidos, último torneio antes de Paris. Simone voa alto.

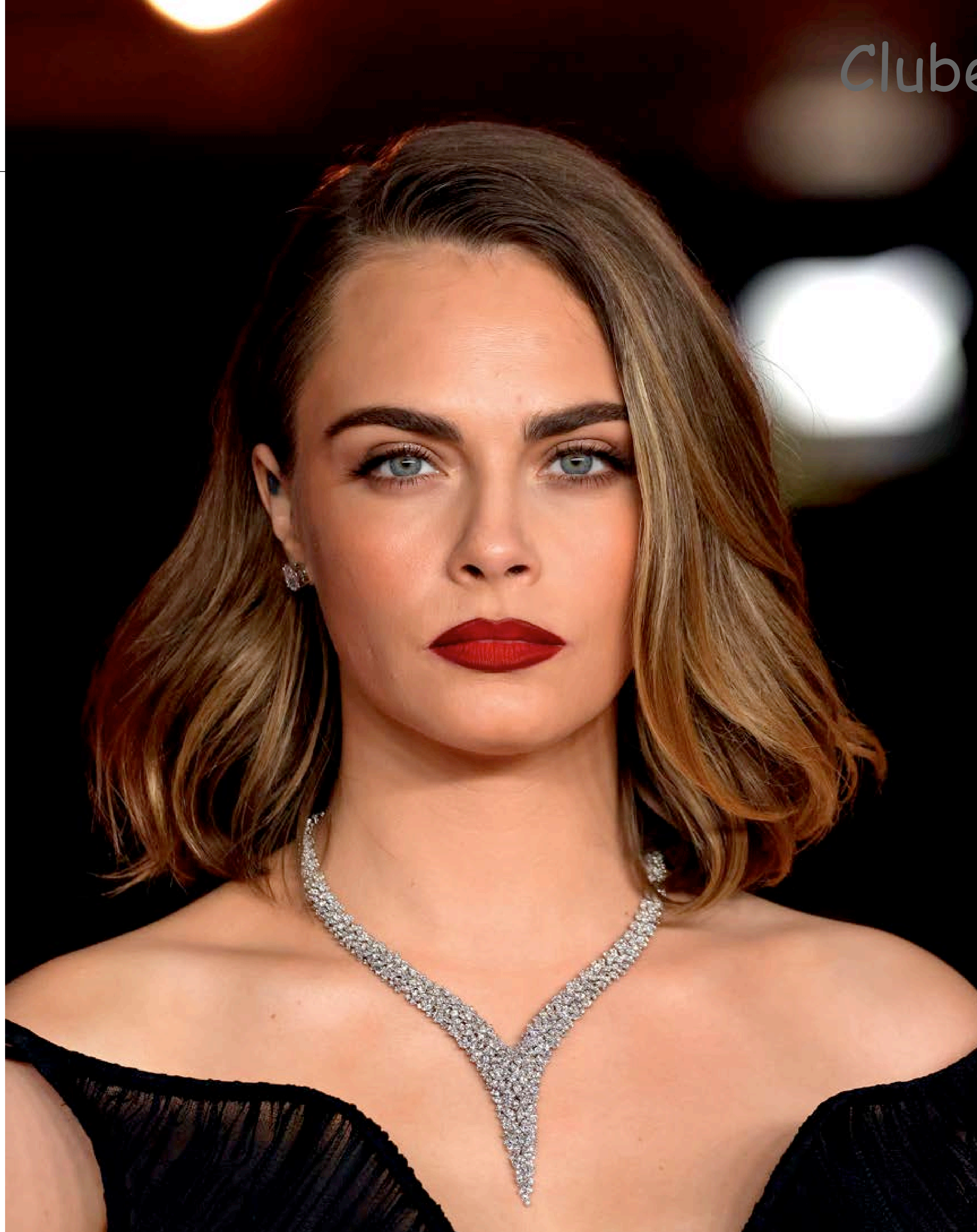


INSTAGRAM @JOWENS; INSTAGRAM @SIMONEBILES

SAUDOSA VILÃ


JOÃO MIGUEL JÚNIOR/TV GLOBO

Conhecida pela vasta coleção de vilãs na carreira – como a Perpétua, da novela *Tieta* (1989), e Yolanda Pratini, de *Dancin' Days* (1978) –, **JOANA FOMM,** 84 anos, está longe das novelas da Globo desde 2016, quando integrou o elenco da extinta *Malhação,* e não quer nem ouvir falar em remakes de seus personagens. "Papel que fiz e amei, não quero que ninguém se meta", proclama. Aliás, a onda atual de refilmagens mexe com o humor da atriz. "Não acho bom. Se a novela foi tão marcante assim, vai ser difícil fazer coisa melhor", argumenta. Em casa, recuperando-se de um acidente doméstico que a deixou com pouca mobilidade nas pernas, Joana não esconde o desejo de voltar a trabalhar. "Fazem falta os atores de antigamente, afastados por causa da idade. Queria ser vilã de novo. Mas não de remake", reforça, categórica.



FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES

PÁGINA VIRADA

O episódio em que foi fotografada perambulando pelo aeroporto de Los Angeles, de meias e visivelmente embriagada, há dois anos, é classificado por **CARA DELEVINGNE,** 31, como “divisor de águas” na luta contra o vício em álcool e drogas. Depois daquele momento, fartamente estampado em tabloides, a modelo se internou numa *rehab* em Londres, passou a fazer terapia toda semana e desde então enfrenta seus fantasmas expondo-os em entrevistas sem papas na língua. Na mais recente, ao *Sunday Times,* revelou que a primeira bebedeira foi aos 8 anos, no casamento da tia. “Que idade insana para ficar bêbada”, comentou. Cara garante que virou de vez a página. “Costumava pensar que drogas e álcool me ajudavam a lidar com meus dramas, mas não. Hoje recuperei meu poder”, afirma. ■

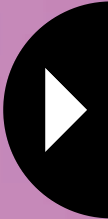
MUDANÇA DE PESO

A nova geração de remédios para obesidade, por trás de reduções corporais antes inimagináveis, representa um divisor de águas no tratamento da condição que já afeta um em cada cinco brasileiros — só não podemos banalizar esse recurso

DIOGO SPONCHIATO

MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS DE PIKASO/FREEPIK

SEM PRECEDENTES Canetas para tratamento: diminuição de cerca de 20% do peso corporal



CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS DE PIKASO/FREEPIK

A ciência do desenvolvimento de remédios é também a arte de decifrar e imitar a natureza. É princípio praticado ainda hoje, no século XXI, e representado com pompa pela novíssima família de medicamentos para obesidade prestes a chegar ao Brasil. Com o lançamento do Wegovy, o irmão mais novo e potente do Ozempic, previsto para 1º de agosto, inaugura-se oficialmente uma era de tratamentos que, ao simular hormônios fabricados pelo organismo, induzem perdas de peso antes inconcebíveis com fármacos. As “canetas” do laboratório dinamarquês Novo Nordisk são ansiosamente aguardadas pelos médicos e aspirantes às picadas semanais. É fenômeno aquecido pelo sucesso de vendas e pelas polêmicas envolvendo o primogênito da turma: aprovado originalmente para o diabetes, o Ozempic bombou como atalho para o emagrecimento.

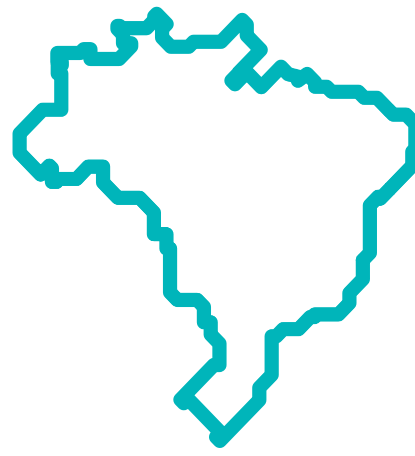
Há uma verdade inconveniente: boa parte das pessoas não consegue perder peso apenas com mudanças no estilo de vida. Há quem se esfalfe nas academias de ginástica, viva à base de dieta e, mesmo assim, pareça condenado ao insucesso por fatores genéticos, ambientais e comportamentais. Dadas as evidentes dificuldades, a descoberta e o desenvolvimento de substâncias inéditas — desde que ministradas com zelo e acompanhamento — representam uma revolução. É marco seminal no tratamento de um problema de saúde pública que afeta mais de 1 bilhão de pessoas no mundo e segue em ascensão.

O TAMANHO DO PROBLEMA... E DA SOLUÇÃO

Números da obesidade preocupam e seguem em crescimento. Mas novas medicações colocam um rival à altura no tratamento



Mais de 1 bilhão de pessoas no mundo convivem com a obesidade — **14% dos homens e 18% das mulheres** se encontram nessa condição



55% dos brasileiros estão acima do peso, sendo que quase **20% apresentam obesidade.** Estima-se que **13% das crianças** já teriam esse diagnóstico



A **semaglutida** (Wegovy) proporcionou **perda de 17%** do peso corporal após 68 semanas de uso. A **tirzepatida** (Mounjaro) gerou **perda de peso de 22,5%** em 72 semanas



O valor de mercado dos medicamentos antiobesidade é da ordem de **30 bilhões de reais** neste ano e **poderá crescer 16 vezes até 2030**

Fontes: *The Lancet; Mapa da Obesidade da Abeso; estudos clínicos com semaglutida e tirzepatida; Goldman Sachs*

O Wegovy e outras medicações no horizonte vêm ampliar o arsenal terapêutico para essa condição crônica, capaz de encurtar a qualidade e a expectativa de vida. Ao promover reduções corporais expressivas e superiores às produzidas pelas poucas drogas disponíveis até então, a mais recente geração medicamentosa — encabeçada pela semaglutida (princípio ativo de Ozempic e Wegovy) e pela tirzepatida (Mounjaro), medicação criada pela Eli Lilly que deve chegar ao país nos próximos meses — protagoniza congressos médicos, redes sociais, almoços de negócios e movimentos nas bolsas de valores. Não à toa, a americana Lilly e a Novo Nordisk são hoje as farmacêuticas com os maiores (e mais estrondosos) valores de mercado — quase 740 bilhões e ao redor de 430 bilhões de dólares em 2024, respectivamente. Seus produtos integram a classe das incretinas, hábeis a mimetizar a orquestra hormonal para o controle glicêmico e o balanço energético. A atenção inicial das pesquisas nesse campo era o diabetes, mas, com o tempo, desvendou-se o efeito poderoso no peso — aliás, o desequilíbrio do açúcar no sangue anda de mãos dadas com os quilos a mais.

Os análogos de GLP-1 — eis a denominação científica da família — imitam, reafirme-se, a substância de mesmo nome naturalmente produzida pelo intestino, via para a promoção da saciedade e freio ao apetite. Chegaram ao mercado, no início, em versões injetáveis de uso diário, como a liraglutida, do Victoza e do Saxenda, que perma-



IULIIA BURMISTROVA/MOMENT/GETTY IMAGES

USO SEMANAL Wegovy e Mounjaro: doença crônica exige terapia contínua

necem na ativa. Mas a semaglutida e a tirzepatida vieram oferecer não só a comodidade da aplicação uma vez por semana como perdas de peso significativamente maiores. “Um terço dos pacientes apresenta redução superior a 20%”, diz Priscilla Mattar, vice-presidente da área médica da Novo Nordisk no Brasil, sobre o Wegovy. Enquanto ele emula o GLP-1, o concorrente Mounjaro imita esse e outro hormônio, o GIP, sendo, assim, chamado de duplo

CARSTEN SNEJBJERG/BLOOMBERG/GETTY IMAGES



EXPANSÃO Fábrica da Novo Nordisk: ampliação para não faltar medicamento

agonista. Nos estudos clínicos, os pacientes perderam, em média, 22,5% do peso corporal depois de um ano e quatro meses de uso do remédio, aprovado no Brasil para tratar diabetes tipo 2 e, nos Estados Unidos, para essa finalidade e a obesidade propriamente dita. “Estamos diante de produtos capazes de salvar vidas”, afirma o endocrinologista Carlos Eduardo Barra Couri, pesquisador da USP de Ribeirão Preto.

SANDY HUFFAKER FOR THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES



O PRÓXIMO Tirzepatida, da Lilly: aprovação para diabetes e efeito emagrecedor

O êxito comprovado é animador, sem dúvida, mas impõe alguma preocupação a especialistas. Tome-se, como exemplo dos temores, o dito "efeito Ozempic": a droga, utilizada em larga escala por pessoas que queriam enxugar medidas, muitas vezes sem prescrição e orientação médica, pode resultar em náuseas, diarreia, dor de cabeça e mudanças na aparência, derivadas da perda de peso acentuada. Não há dúvida: a banalização no uso, seja da semaglu-

tida, seja da tirzepatida e toda a companhia, é desaconselhável. "Não se trata de remédio para emagrecer, mas de um tratamento para obesidade, uma doença que exige controle contínuo", diz o endocrinologista Bruno Halpern, presidente da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica. "O uso não se destina a quem quer perder 4 ou 5 quilos porque deseja ficar magro. Falamos, na verdade, de perda de peso, manutenção no longo prazo e melhora da saúde e da qualidade de vida."

Se a compra sem receita e supervisão preocupa, que dirá quando a mercadoria é uma versão falsificada. Na internet, fora cápsulas manipuladas, vende-se até chá de semaglutida, item sem qualquer garantia de resultado e segurança. As medicações legítimas são fruto de anos de pesquisas, em ensaios clínicos envolvendo milhares de pacientes, que dão origem a um dossiê depois avalizado por agências reguladoras. Ainda assim, convém lembrar, podem ter contraindicações e efeitos colaterais, por ora considerados toleráveis e administráveis. E elas seguem monitoradas por órgãos de vigilância. Denúncias de que o Ozempic promoveria ideação suicida e cegueira, por exemplo, são investigadas, mas nada desabona o fármaco quando utilizado corretamente. O benefício de qualquer remédio, é evidente, depende de prescrição médica amparada em dados científicos. A semaglutida não é exceção. O Wegovy é indicado a pessoas que vivem com obesidade e têm índice de massa corporal (IMC) igual ou maior a 30 ou apresentam

sobrepeso, com IMC entre 27 e 29, e ao menos uma comorbidade, como diabetes e hipertensão. Pode ser recrutado, ainda, para adolescentes acima de 12 anos e com pelo menos 60 quilos.

E, se o problema é crônico, a terapia terá de acompanhá-lo e persegui-lo. Como em qualquer plano abandonado pelo caminho, as pesquisas sugerem que parar o tratamento com os novos fármacos culmina em ganho de peso. "A obesidade é uma doença que requer tratamentos eficazes e de longo prazo, não pode ser percebida como uma escolha de vida ou algo que os pacientes devam resolver sozinhos só com dieta e exercício", diz Rachel Batterham, vice-presidente de assuntos médicos internacionais da Eli

O ARSENAL TERAPÊUTICO

Ele engloba de mudanças no estilo de vida a remédios e cirurgia

DIETA E EXERCÍCIO



Esse binômio está na base do tratamento e deve ser aliado ao cuidado com o estado de saúde geral e, se preciso, ao suporte psicológico

SIBUTRAMINA



O comprimido age no sistema nervoso inibindo o apetite e estimulando o emagrecimento, mas possui diversas contraindicações

Lilly *(veja mais na entrevista no final da matéria)*. "Do contrário, eles viverão ciclos de emagrecimento e reganho de peso, o famoso efeito sanfona." Assim, o acompanhamento clínico, com os ajustes ao longo da rota, é algo indissociável da conquista e preservação das metas — e também do equilíbrio do organismo.

Diante da imposição do tratamento contínuo e com tanta gente acima do peso por aí — sem falar nas febres das redes sociais —, é fácil entender por que houve desabastecimento de Ozempic e Wegovy nos Estados Unidos, uma das nações que lideram o ranking da obesidade. Preparar-se para dar conta da demanda foi o que motivou a Novo Nordisk a levar mais de um ano, desde o sinal verde da Anvisa, para anunciar a chegada às drogarias. "Precisamos de um tempo para a companhia se organizar e adequar a produção às necessidades regionais", diz Priscilla, a vice-presidente da empresa no país. "Estamos em processo

ORLISTATE 

O medicamento reduz a absorção de gordura pelo intestino, podendo ser um coadjuvante no tratamento

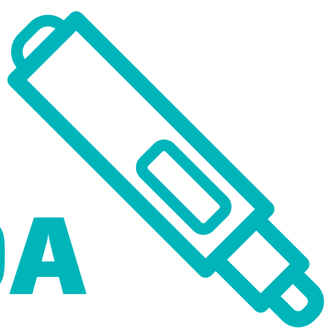
NALTREXONA + BUPROPIONA 

A combinação integra o remédio Contrave (Merck), indicado para obesidade e quadros de compulsão alimentar

de expansão das nossas fábricas pelo mundo e anunciamos um investimento de 4 bilhões de dólares para construção de uma unidade nos EUA depois de ter aportado 6 bilhões na ampliação da planta na Dinamarca." Raciocínio semelhante guia a Lilly, que ainda não definiu a data de lançamento do Mounjaro. "O compromisso de fornecer e garantir o medicamento aos pacientes que recebem a prescrição é um dos fatores que consideramos antes de levá-lo a outros mercados", afirma Luiz André Magno, diretor médico da farmacêutica no Brasil.

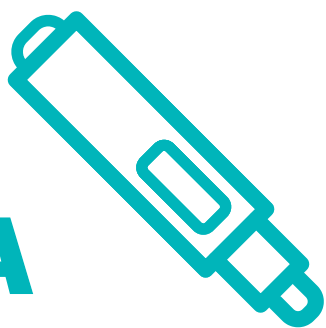
De fato, as companhias pioneiras terão de expandir suas linhas de montagem para dar vazão à procura e às necessidades globais, bem como aos achados das pesquisas e às inovações recém-saídas dos laboratórios. "Trabalhos divulgados recentemente mostram que, além do peso, esses medicamentos tratam gordura no fígado e apneia do sono, entre outros problemas, e protegem o coração", afirma o pes-

LIRAGLUTIDA



O Saxenda (Novo Nordisk) é uma injeção diária de um agonista de GLP-1, que induz maior saciedade e perda de peso

SEMAGLUTIDA



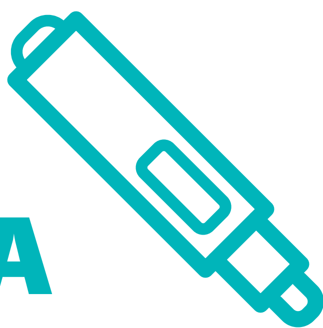
Aplicado com uma caneta, o Wegovy (Novo Nordisk) é um agonista de GLP-1 de uso e ação semanal. Entra no mercado a partir de 1º de agosto

quisador Eduardo Couri. Um estudo com a semaglutida envolvendo 17 000 pacientes, inclusive brasileiros, demonstrou que ela reduz a propensão a infartos, derrames e mortes decorrentes disso. “Houve diminuição de 20% no risco de eventos cardiovasculares maiores”, diz Priscilla.

Se o cenário já é de ebulição, tudo leva a crer que fórmulas ainda mais potentes estejam por vir. A Eli Lilly publicou resultados de ensaios clínicos com a retatrutida, o primeiro triplo agonista (ele imita GLP-1, GIP e glucagon). Projeta-se que a medicação possa atingir perdas de peso na faixa de 30%. No duelo de gigantes, a Novo Nordisk investiga uma injeção que combina o princípio ativo do Wegovy com um agente chamado cagrilintida — a expectativa é de mais um petardo para domar a glicemia e o excesso de peso.

As reduções corporais propiciadas por essas drogas ao longo de meses fizeram especialistas indagar se, no futuro,

TIRZEPATIDA



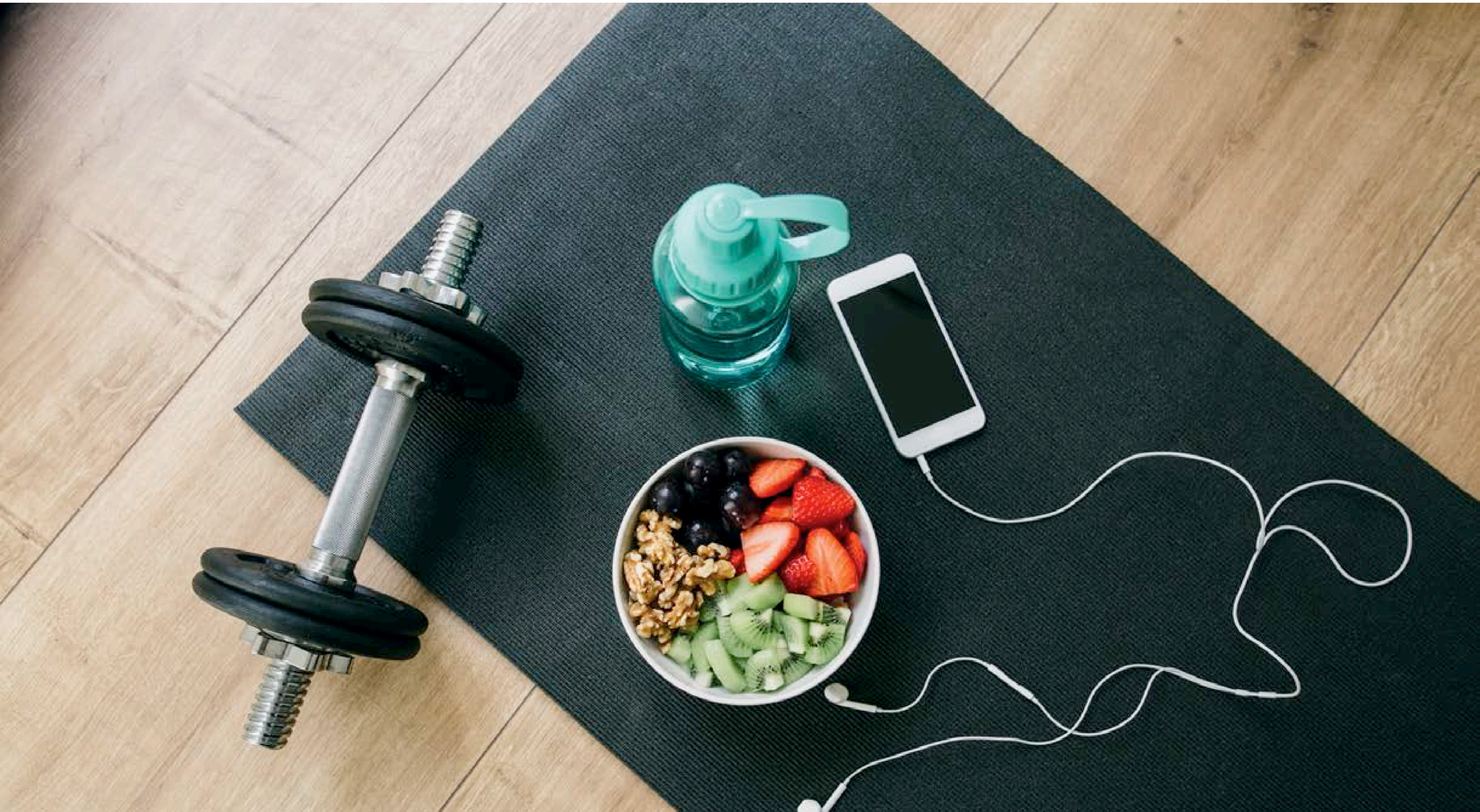
Primeiro duplo agonista (simula os hormônios GLP-1 e GIP), o Mounjaro (Lilly) é uma injeção semanal já aprovada no país e que aguarda lançamento

CIRURGIA BARIÁTRICA



Existem várias técnicas, geralmente indicadas a pessoas com IMC acima de 40 ou a partir de 35 com doenças associadas (como diabetes e hipertensão)

WESTEND61/GETTY IMAGES



BASE DE TUDO Dieta e exercício: binômio é prescrito com ou sem remédios

elas aposentarão as operações de redução do estômago. “Mas a cirurgia promove um nível de emagrecimento maior e tem melhor relação de custo e benefício, se considerarmos que esses medicamentos são caros e devem ser usados a vida toda”, diz Antônio Carlos Valezi, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica. Realmente, o preço é um dos principais limitadores do acesso. O Wegovy, por exemplo, deve custar em torno de 2 500 reais a caixa. Fora as conversas entre as farmacêuticas e o governo, a esperança no fim do túnel para o bolso do cidadão é a quebra das patentes da precursora liraglutida, ainda em 2024, e o surgimento de versões similares, presumidamente mais em conta.

E+/GETTY IMAGES



ALÉM DO IMC Visão ampla: abordagem deve considerar outros critérios de saúde

Há, nessa direção, discussões para a incorporação de medicamentos com esse propósito no SUS, enquanto ganha visibilidade a ideia de que a obesidade não se resume a um número de IMC ou dígitos na balança. “A abordagem do paciente não pode restringir-se à perda de peso, mas deve incluir múltiplos aspectos metabólicos, emocionais e sociais”, diz Paulo Miranda, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Sem entender a natureza humana, em toda a sua complexidade, dificilmente a medicina superará o colossal desafio. Que a nova era de tratamentos ajude profissionais e pacientes a acertar o alvo. ■

“NÃO HÁ CULPA... É UMA DOENÇA”



ANDREW MASON

EXPERIÊNCIA A médica inglesa: “Medicação é parte da solução”

A endocrinologista britânica Rachel Batterham, professora da University College London e um dos maiores nomes no estudo da obesidade, acaba de ser anunciada como vice-presidente de assuntos médicos internacionais da Eli Lilly para atuar na prolífica fase de desenvolvimento de suas medicações. Ela concedeu entrevista a VEJA com exclusividade.

O mundo acordou para o fato de que a obesidade é um problema de saúde? Passei mais de 25 anos como médica tratando de pessoas com obesidade. Infelizmente, a visão mais comum é a de que o peso é, de alguma forma, culpa ou responsabilidade delas. Isso é uma das maiores barreiras que as impedem de ter acesso aos cuidados de que necessitam. A ciência é clara: obesidade não é culpa de ninguém. É uma doença crônica e progressiva que merece a mesma atenção que outros problemas de saúde.

Mas muita gente ainda não faz essa ligação... Há mais de 1 bilhão de pessoas com obesidade no mundo e ela está por trás de mais de 200 complicações de saúde. Apesar desses números, não recebe o mesmo nível de diagnóstico, assistência médica, cobertura de planos ou cuidados de longo prazo que outras doenças.

Os novos remédios representam o maior trunfo da ciên-

cia nesse contexto? Há uma necessidade urgente de prevenir e tratar a obesidade. A prevenção primária é importante, mas não podemos ignorar tantas pessoas que já vivem com a doença e precisam de ajuda. Os medicamentos para o controle do peso podem desempenhar um papel relevante, desde que sejam usados adequadamente, dentro de uma abordagem de saúde integral. A medicação é parte da solução.

A banalização do uso é um perigo? Tenho muitas preocupações em relação ao uso de remédios para fins estéticos ou sem cuidados médicos. Eles não são aprovados nem devem ser usados para isso. Mas também me preocupo com a desinformação sobre perda de peso e as promessas de solução rápida nas redes sociais, e isso inclui a proliferação de vendas de versões manipuladas e falsificadas das medicações.

O futuro é ainda mais promissor? Além da tirzepatida, temos outros remédios em estudo, como a retatrutida. Os primeiros resultados mostraram uma perda de peso média de 24% em 48 semanas. Há quem compare esses efeitos aos da cirurgia bariátrica, mas cada tratamento tem seu papel. Cada pessoa é impactada de forma diferente. Por isso, a obesidade não pode ser tratada com uma abordagem única.

NASCE UM NOVO PAI

Pesquisas apontam que os homens estão cada vez mais presentes na vida dos filhos, repartindo (de verdade) com as mulheres as tarefas de cuidar e de educar

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **MAFÊ FIRPO**

AFETO É COISA MASCULINA

Pai de quatro crianças, o psicanalista **Thiago Queiroz,** 42 anos, passou por um processo de autoconhecimento para exercer a paternidade. “Antes de ensinar meus filhos a lidar com as emoções, lidei com o que eu sinto. Sou muito mais consciente”, diz.



INSTAGRAM @THIAGOQUEIROZ/@ BABUSKAFOTOGRAFIA

JÁ FAZ TEMPO que, ao menos nos lares mais esclarecidos, o cuidado e a educação dos filhos deixaram de ser função exclusivamente da mulher. Por força do movimento feminista, dos empurrões na direção da igualdade de gêneros e da inserção delas no mercado de trabalho, as incumbências do parceiro ganharam nova definição, fazendo emergir um outro tipo de pai — mais presente, mais cuidadoso e mais atento. Um dos resultados dessa transformação de pensamento está refletida no aumento da guarda compartilhada no Brasil: segundo recente pesquisa do IBGE, entre 2014 e 2022 houve um crescimento de quase 40% no número de casais que, ao se separar, optam por dividir meio a meio todas as responsabilidades pelos filhos — situação em que eles deixam de ser "ajudantes" da mãe, arregaçam as mangas e põem a mão na massa da criação dos rebentos.

A legislação brasileira estabelece, desde 2014, a guarda compartilhada como regra, independentemente do consenso entre os genitores. "Todos os pais que se separam têm o dever de dividir a responsabilidade igualmente. Eles não podem abandonar seus filhos material nem afetivamente", diz Rolf Madaleno, diretor do Instituto Brasileiro de Direito da Família (IBDFAM). A norma, no entanto, se aplicava mais ao aspecto financeiro do que ao afetivo — situação que está mudando, com



o aumento das horas e dias que as crianças passam com o pai. Essa divisão igualitária é cada vez mais comum no Brasil e em outros países. Nos Estados Unidos, um estudo publicado no periódico *Demographic Research* mostrou que a parcela de divórcios que resultam em guarda amplamente compartilhada saltou de 13% até 1985 para 34% no início da década de 2010. Na Suécia, além de compartilharem responsabilidades, os pais procuram parcelar igualmente o tempo das crianças —a dinâmica já é realidade em 42% das famílias que vivem em mais de uma casa. Foi esse sistema que o especialista em marketing Marcelo Bentes, 52, adotou quando se separou, em 2013, para não perder o convívio com as filhas. “Precisei disso para criar um laço afetivo forte com elas. Sempre as escutei, dei minha opinião e participei ativamente de processos decisivos, como troca de escola”, afirma Bentes, satisfeito com a boa relação que construiu com as meninas, hoje com 19 e 21 anos.

Conectar-se com os filhos pode ser uma experiência profundamente transformadora e de amadurecimento para os homens, com impacto inclusive na fisiologia masculina. Lançado em maio, o livro *Father Time: A Natural History of Men and Babies* (O tempo do pai: uma história natural de homens e bebês), da antropóloga Sarah Blaffer Hrdy, explora as evidências científicas de que eles são capazes de desenvolver uma espécie de instinto paterno — a contrapartida do célebre instinto


ARQUIVO PESSOAL

SINTONIA

O lutador **Flávio Figueiredo,** 41 anos, morava nos Estados Unidos quando se separou e, ao voltar para o Rio de Janeiro, decidiu trazer consigo o filho **Matheus,** hoje com 14 anos, que cria sozinho há dez anos. “Ele, que é autista, sempre foi mais ligado a mim do que à mãe”, diz Figueiredo, que se desdobra para dar conta de todas as atividades do adolescente.

materno. Os homens pesquisados, todos adeptos da convivência constante com seus pequenos, apresentaram mudanças hormonais como queda da testosterona e aumento da ocitocina (chamada de "hormônio do amor") e da produção de prolactina, responsável pela lactação das mulheres. "Essas alterações só ocorrem quando há uma proximidade real com os bebês. Hoje vemos que homens são tão capazes de cuidar quanto as mães", disse a antropóloga a VEJA.

A ascensão de uma nova paternidade está diretamente ligada ao questionamento do significado da masculinidade. Características como ser afetuoso e sensível, vistas no passado como femininas, são cada vez mais incorporadas por eles. O psicanalista Thiago Queiroz, 42, quebrou um ciclo que se repetia em sua família quando decidiu mergulhar de cabeça na paternidade. "Meu pai sempre foi uma figura de autoridade, responsável por colocar comida na mesa. Não tive referência de carinho e quis ser totalmente diferente", diz Queiroz, pai de quatro rebentos com idade entre 2 e 11 anos. "Fui completamente transformado. Antes de ter filhos, mal sabia o significado da palavra empatia", completa. "Além de trazerem segurança e acolhimento para as crianças, pais presentes descobrem coisas sobre si mesmos. Muitos acessam um lado lúdico e criativo que estava adormecido", ressalta a psicóloga Joselene Alvim, da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Além dos benefícios para os homens e para a prole, o conceito contemporâneo do que é ser um pai presente tem importantes reflexos na vida das mulheres, historicamente sempre sobrecarregadas com jornadas duplas ou triplas (casa, trabalho e filhos). "Há um processo de mudança em curso. Hoje eles aprendem que devem ser muito mais participativos. Alguns chegam até a assumir uma paternidade solo, algo impensável antigamente", diz a socióloga Lidia Valesca Pimentel, pesquisadora do Observatório da Violência contra a Mulher da Universidade Estadual do Ceará. O lutador Flávio Figueiredo, 41, vive há quase dez anos sozinho com Matheus, 14. "Morava nos Estados Unidos quando me separei. Decidi trazer o Matheus comigo para o Brasil. Ele, que é autista, sempre foi mais ligado a mim do que à mãe", conta Figueiredo, que divide seu apertado tempo entre trabalho e terapias e atividades para o garoto. Para Pimentel, o cenário é otimista: "Estamos finalmente superando a divisão injustificada dos papéis dentro de uma família e descobrindo que todos devem se dedicar à formação da criança". Tomara que a novidade se espalhe rapidamente. ■

ADEUS, CÉU DE BRIGADEIRO

Em consequência das mudanças climáticas, turbulências imprevisíveis se tornam mais comuns, aumentando a busca por soluções tecnológicas na natureza **LUIZ PAULO SOUZA**



CALMA!
Aeronave no ar: voar é estatisticamente mais seguro do que andar de carro

JOSÉ RENTERÍA COBOS/MOMENT/GETTY IMAGES

DE GABRIEL García Márquez (1927-2014), o colombiano Nobel de Literatura: "O único medo que nós, latinos, confessamos sem vergonha e até com um certo orgulho machista é o medo de avião. Talvez porque seja um medo diferente, que não existe desde nossas origens, como o medo do escuro ou o próprio medo de que se perceba que sentimos medo. Pelo contrário: o medo de avião é o mais recente de todos, pois só existe a partir do momento que se inventou a ciência de voar". E dá-lhe aflição e paúra modernas quando brota uma turbulência, momento em que as aeronaves entram em um fluxo de ar caótico e irregular. É ruim mesmo sentir o corpo balançar para cima e para baixo, mesmo estando preso à cadeira por um cinto de segurança.

De algum tempo para cá, inúmeros episódios de desconforto aéreo ganharam as manchetes. No fim de junho, um Boeing 787-9 que levava 325 passageiros de Madri, na Espanha, rumo a Montevidéu, no Uruguai, chacoalhou violentamente poucas horas depois de decolar do aeroporto de Barajas. Após a parada de emergência, em Natal, no Rio Grande do Norte, deu-se o resultado do desastre: além de uma pessoa sem cinto arremessada ao teto, ao menos trinta tiveram ferimentos e quatro foram internadas na Unidade de Terapia Intensiva de um hospital da capital potiguar. Em maio, um voo da Singapore Airlines, também um Boeing, que saíra de Londres em direção a Singapura, despencou 54 metros em menos de cinco segundos, pouco tempo depois de sair do aeroporto de Heathrow. No pouso de emergência,

em Bangcoc, na Tailândia, o saldo: um passageiro morto e 28 internados.

A sucessão de casos não é coincidência, segundo recentes estudos. O aquecimento global tem aumentado drasticamente o número das chamadas turbulências de ar claro (CAT, na sigla em inglês), perturbações invisíveis para satélites e sensores meteorológicos, mas que são capazes de causar solavancos intensos nas aeronaves. Uma investigação realizada pela Universidade Reading, no Reino Unido, mostra que a ocorrência de formas graves desse tipo de fenômeno aumentou muito nos últimos cinquenta anos, enquanto os eventos leves cresceram de forma moderada *(veja no quadro ao lado).* "Após uma década de trabalho, temos evidências concretas de que o fenômeno é real", diz o climatologista Paul Williams, que conduziu o levantamento.

Há solução? Sim, e em belo movimento da ciência, ela pode vir do mundo animal. Para além dos bicos e asas, que inspiram o formato dos aviões desde Santos Dumont, as pesquisas sobre como os pássaros enfrentam turbulências inspiram novas mudanças. O segredo dos bichos para enfrentar a agitação está no controle da rigidez das asas, capaz de amortecer o impacto das variações repentinas. No futuro, mecanismos semelhantes poderão ser adotados pela aviação. "A rigidez das aeronaves transmite toda a carga da turbulência aos passageiros", disse a VEJA James Rojas Waterhouse, professor do Departamento de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP). "Há pro-

BALANÇO INCÔMODO

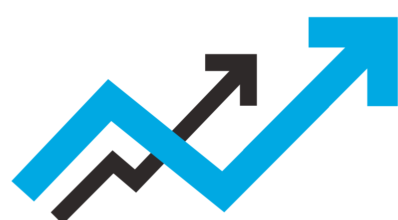
Estudo da Universidade Reading mostra que os episódios de turbulência aumentaram em decorrência das mudanças climáticas



Entre 1979 e 2020 o fenômeno

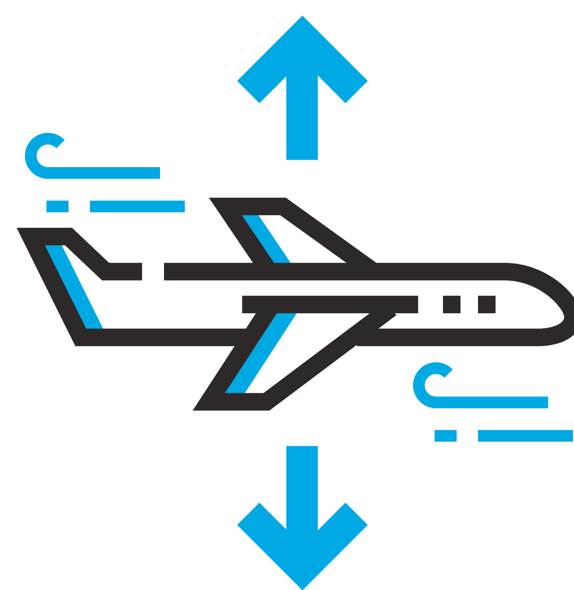
aumentou 55%

em rotas movimentadas do Atlântico Norte



Até 2050, cientistas preveem que aumente entre

10% e 40%



Mais de 20%

dos pilotos de companhias aéreas comerciais relatam casos pelo menos uma vez por mês


JOE MCDONALD/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

tótipos com dispositivos de amortecimento, mas ainda são inviáveis economicamente.”

Em teste recente, sensores acoplados a aves revelaram a capacidade de algumas espécies de voar por quilômetros em meio aos alvoroços. Um condor-dos-andes, por exemplo, animal que habita faixas próximas das aeronaves, quebrou recordes ao planar por mais de cinco horas ininterruptas,



INSPIRAÇÃO Exímios voadores: ciência olha para pássaros como o condor-dos-andes em busca de respostas

sem bater as asas uma única vez, a 6 quilômetros de altitude. Olhar para o céu, portanto, pode vir a representar resposta a enigma ainda obscuro mesmo para os modelos matemáticos mais avançados. Buscam-se, também, mecanismos que permitam identificar o balanço com quilômetros de antecedência, com o uso de laser.

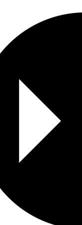
Tudo somado, apesar dos sustos, não é o caso de desistir de aviões. As turbulências podem, sim, causar danos às aeronaves, mas voar nunca foi tão seguro — é mais perigoso andar de carro. Contudo, cabe prudência. Com as mudanças climáticas em ritmo acelerado e sem previsão de arrefecimento, sinônimo de irresponsabilidade da civilização, é provável que os fenômenos extremos se tornem ainda mais comuns. Vale cobrar as autoridades por respostas contundentes e investir em tecnologias que garantam melhor segurança. Enquanto isso não acontece, vale sempre seguir os conselhos do comandante e ter a certeza que logo, logo a turbulência passa. E, como na prosa de García Márquez, não é preciso ter vergonha de sentir medo. ■

OS BILHÕES SÃO DELAS

Seja por herança, por divórcio ou por negócios bem-sucedidos, enormes fortunas estão sendo transferidas para o controle feminino. A filantropia agradece **PAULA FREITAS**

MUSTAFA YALCIN/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

DESTINO CERTO Melinda, a ex de Bill Gates: 5 bilhões de dólares “em prol das mulheres e das famílias”



ATÉ PELO MENOS a metade do século passado, lidar com dinheiro era coisa de homem — e ainda é, em muitos pontos do planeta. Mas, por motivos diversos, sendo os principais o fato de elas viverem mais tempo e seu considerável avanço na seara do empreendedorismo, as mulheres estão se apoderando das fortunas que movem o mundo. Na lista de bilionários da revista *Forbes,* elas ocupam 369 posições, número que ainda é uma gota d'água diante dos 2 412 homens do ranking, mas que representa um salto de 114% na última década. E devem ser as maiores beneficiárias do que está sendo chamado de "a grande transferência de riqueza" — trilhões de dólares acumulados pelos *baby boomers,* a geração de americanos nascidos no pós-guerra, que até 2030 devem ser repassados para as esposas à medida que os maridos milionários morrem ou ficam incapacitados.

Um efeito colateral desse fenômeno pode repercutir pelo mundo todo e, em última instância, contribuir até para a redução da desigualdade social: prevê-se, com a expansão do universo das muito ricas, um aumento correspondente no volume de doações para a filantropia, visto que elas são notoriamente mais generosas do que eles.

Ex-mulher de Jeff Bezos e seu braço direito na fundação do império Amazon, MacKenzie Scott saiu do divórcio com 35,6 bilhões de dólares e em apenas três anos já doou 14 bilhões deles para 1 621 instituições de caridade. Outra divorciada no clube dos bilionários da tecnologia,







MÃO ABERTA MacKenzie *(à esq.),* Taylor e Priscilla: donas de bilhões de dólares, costumam fazer generosas doações

Melinda French Gates, ex do dono da Microsoft, reservou 5 bilhões de dólares “para pessoas e organizações que trabalham em prol de mulheres e famílias em todo o mundo”. Outras megarricas de conhecida mão aberta são a cantora Taylor Swift, novata no time; Melanie Perkins, criadora da plataforma Canva; e Priscilla Chan, mulher de Mark Zuckerberg, da Meta e do Facebook. “Mulheres são ensinadas a ser altruístas, a colocar o outro em primeiro lugar”, explica a socióloga Clara Maria Araújo. A motivação para a filantropia também tem raízes na neurociência: uma pesquisa conjunta entre cientistas da Alemanha, Suíça e Holanda mostrou que a liberação de dopamina, hormônio da felicidade, aumenta no

cérebro de mulheres, mais do que no de homens, quando dividem o dinheiro. “Elas sentem necessidade de partilhar para não serem interpretadas como egoístas, algo incentivado nas meninas desde a infância”, afirma Marta Souza, da Sociedade Brasileira de Psicologia.

Os cálculos sobre “a grande transferência de riqueza” variam, mas, em geral, antecipa-se que quase 85 trilhões de dólares vão ser repassados pelos *baby boomers* entre agora e 2045, sendo 16 trilhões nos próximos dez anos. Boa parte irá para viúvas, sem falar em filhas e netas, e na ordem geral das grandes fortunas poucas novidades devem acontecer, já que o grosso das heranças se concentra no célebre 1% que compõe os super-ricos. No entanto, a perspectiva de que um grande volume de dólares passe para o controle de mãos femininas pode ter impacto significativo na filantropia. Além de se sentirem bem praticando a generosidade, as mulheres estão mais atentas do que os homens às mazelas e desigualdades sociais, por serem mais expostas a elas em ações comunitárias — um campo dominado pelo sexo feminino.

Levantamento recente da Lilly Family School of Philanthropy, centro de estudos sobre filantropia da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, revelou que, entre os ricaços, elas doam com mais frequência e em quantias maiores do que eles devido à crença de que “podem fazer diferença na solução de problemas que as afetam ou a pessoas próximas”, como a luta por justiça ra-

cial e pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. Mulheres em geral, e não só bilionárias, são 20% mais dispostas do que homens a distribuir alimentos, roupas e itens de primeira necessidade. “Para os homens, dinheiro representa poder, realização e prestígio. Já as mulheres tendem a pensar em dinheiro em termos de segurança, liberdade e uma forma de atingir seus objetivos”, diz Debra Mesch, diretora do Instituto de Filantropia Feminina. É esperar para ver se, na conta bancária delas, mais recursos irão estreitar o fosso entre ricos — no caso, riquíssimos — e pobres. ■

DESAFIO OLÍMPICO

Pesquisa chama atenção para a relevância dos cuidados da saúde mental de atletas de alto desempenho, vítimas de depressão, insônia e ansiedade **VALÉRIA FRANÇA**



CORAGEM Simone Biles deixou a Olimpíada de Tóquio depois de um apagão: dois anos de pausa para cuidar da mente

RAMSEY CARDY/SPORTSFILE/GETTY IMAGES

A EXPECTATIVA pelo desempenho da fenomenal ginasta americana Simone Biles na Olimpíada de Paris, a partir de 26 de julho *(leia mais na seção Gente)*, tem como pano de fundo uma bela trajetória de superação. Nos Jogos de Tóquio, em 2021, em ginásio ocupado pelo silêncio imposto pela pandemia, ela desistiu da competição, pressionada. Durante a disputa por equipes, disse ter sofrido um bloqueio mental — o chamado "twisties", que leva o atleta a perder o controle da posição enquanto está no ar. Corajosa, ela parou e chorou. "Por mais desagradável que tenha sido, sei que eu ter falado sobre o assunto está ajudando outras pessoas", disse a campeã recentemente. "É o que eu sempre quis fazer, dentro do esporte e fora dele".

Michael Phelps, o mágico das piscinas, perdia dois treinos por semana porque não conseguia levantar da cama, mas o tamanho de sua depressão só ficou escancarado quando ele foi preso por dirigir bêbado, em 2014. A ex-número 1 do tênis, Naomi Osaka, também surpreendeu o público e os patrocinadores duas vezes, em 2021. Primeiro, pela decisão de não participar do torneio de Roland Garros. Depois, a exemplo de Simone e Phelps, por abrir o coração ao revelar fragilidades como a de seres humanos comuns, e não os ditos super-heróis de pódios e troféus, de quem se espera sempre o limite do limite. Testemunhos como o da trinca dourada iluminam um desafio que apenas agora começa a ser esmiuçado com olhares científicos, sem paixão e sem desdém.


SANJEEV VERMA/HINDUSTAN TIMES/GETTY IMAGES

SINTOMAS
Michael Phelps, o maior nadador de todos os tempos: somente depois de ter sido detido, bêbado, em 2014, é que se conheceu o drama que vivia e que o fazia perder treinos e pensar em suicídio

Uma pesquisa publicada recentemente pela Unicamp navega nesse terreno, o do equilíbrio de atletas de elite levados a desmoronar, no avesso do que deveria ser sinônimo de saúde. Ao entrevistar anonimamente 148 atletas e 106 treinadores brasileiros sobre saúde mental, o trabalho do educador físico Alexandre Conttato Colagrai chega a conclusões terríveis — e que, às vésperas do torneio em Paris, traz evidentes lições. De cada dez atletas, três sofrem com grau leve e moderado de depressão *(veja no quadro ao lado)*. Quase um quarto deles já pensou em suicídio. Algo em torno de 8% tomam remédios para dormir. “Casos de insônia, transtorno alimentar e ansiedade, entre outras doenças do humor, são cada vez mais frequentes”, diz Colagrai. Eis a resposta de corpo e alma ante a rotina abusiva de treinos e um cotidiano que nada tem de humano.

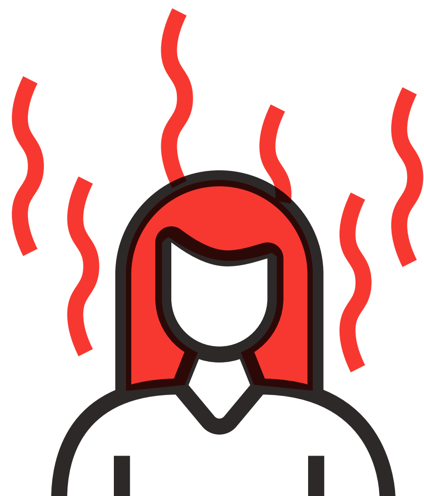
HUMOR EM DESEQUILÍBRIO

Doenças mentais provocadas pela alta pressão e rotina intensa de treinos atrapalham o desempenho dos atletas



30%

APRESENTARAM SINTOMAS MODERADOS E LEVES DE DEPRESSÃO



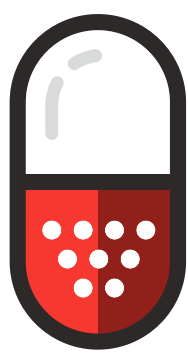
24%

JÁ PENSARAM EM COMETER SUICÍDIO



14%

SOFRERAM ABUSO



8%

TOMAM REMÉDIOS PARA DORMIR



6%

TENTARAM SE MATAR

Fonte: *Unicamp*

Reconhecer a existência de problemas, e saber do real por trás dos surreais desempenhos de grandes estrelas, é modo de tentar evitá-los. Serve para os profissionais e serve também para quem apenas se movimenta para fugir ao sedentarismo. “É fundamental diagnosticar os sintomas no início, para que a doença não se torne crônica a ponto de comprometer o desempenho das atividades, aumentando ainda mais o sofrimento do atleta”, diz Elton Kanomata, psiquiatra do Hospital Albert Einstein, de São Paulo. Há, contudo, um tabu a ser vencido. Ronaldo Fenômeno diz ter passado por duras travessias mentais, sentia-se inapto, mas não teve suporte. Segundo ele, por ser de uma geração onde não havia “espaço para drama”.

Não há dúvida: a depressão ainda é muito estigmatizada. “As habilidades físicas deveriam ser trabalhadas com as competências emocionais”, diz Wânia Rennó Sierra, psicóloga clínica que trabalha com atletas de alto desempenho. Agora, felizmente, a medicina do esporte começa a dar mais atenção à saúde psíquica, embora com passos demasiadamente pequenos. Explica-se a timidez: há a cobrança pela vitória, sempre. Vigora o desconhecimento das famílias, que dependem financeiramente dos vencedores. Os patrocinadores, que investem milhões, não deixam a roda parar, e, quanto maiores os valores envolvidos, maior é o estresse. “Os jogadores de futebol e os corredores da F1 são os mais cobrados”, diz Wânia.



DANIEL KOPATSCH/GETTY IMAGES

NA LUTA A tenista japonesa Naomi Osaka, ex-número 1 do ranking mundial: de coração aberto, ao se afastar do esporte para cuidar da cabeça e zelar pelas fragilidades

A rotina ainda exige abrir mão da vida social, que ajudaria na busca da mente tranquila. Some-se o controle alimentar, que suspende pequenas recompensas, como a dos prazeres da mesa. E dá-lhe frustrações. A medalha no pescoço pode vir a atenuá-las mas, descobrimos com Simone Biles, não são forçosas. Convém ter os pés no chão. Um conselho recente de Phelps é comovente, em palestras sobre o tema: “Preferia ter a oportunidade de salvar uma vida a ganhar uma nova medalha de ouro”. ■

ANNE-CLAIRE HÉRAUD





PONHO UM POUCO DE MIM NAS RECEITAS

A chef brasileira Alessandra Montagne, 46, foi escolhida para comandar um dos novos restaurantes do Louvre



COMECEI A COZINHAR muito cedo, incentivada pela minha avó, que fazia questão de me ensinar tudo o que sabia, e ainda criança já fazia coxinha para vender. Minha vida foi muito difícil. Nasci no Morro do Vidigal, no Rio de Janeiro, mas minha mãe viajou para tentar a sorte na França e eu, com poucos dias de vida, fui morar com meus avós em Poté, cidadezinha no interior de Minas Gerais. Passei uma infância muito simples, na roça, engravidei aos 16 anos e me casei. O relacionamento com o pai do meu filho foi bastante conturbado e sofri vários tipos de violência. Resolvi pedir ajuda à minha mãe, na época ainda morando na França e casada com um francês, para fazer um curso do idioma de três meses em Paris. Assim, repeti a história: aos 22 anos, deixei o André com minha tia em São Paulo e fui embora.

Quando vi a Torre Eiffel pela primeira vez, me apaixonei e soube que não voltaria mais. Sem dominar o francês, minha linguagem era a culinária. Eu cozinhava para os amigos e vizinhos e me matriculei em um curso na escola Médéric. Trabalhei muito como babá, secretária, faxineira, até juntar dinheiro suficiente para abrir meu primeiro restaurante, o Tempero. Depois de reformar o espaço, não sobrou verba nem para fazer cartões de visita, e eu não tinha planejado nenhuma estratégia para atrair clientes, mas, para minha surpresa, o restaurante lotou desde o primeiro dia. O sucesso do Tempero chamou a atenção de Alain Ducasse, chef dos mais premiados, que se tornou meu padrinho na gastronomia desde que provou da minha comida e gostou. Partiu de Ducasse o convite que jamais imaginei receber: comandar um dos novos restaurantes do Museu do Louvre pelos próximos dez anos. Não pensei duas vezes — aceitei. A realização desse sonho está perto. A casa vai ser inaugurada logo depois dos Jogos Olímpicos de Paris.

Sempre busquei colocar um pouco de quem sou nas minhas receitas, criando um equilíbrio entre a culinária francesa e a brasileira. Misturo pão de queijo com caviar e os franceses adoram. Desde que abri meu segundo restaurante, o Nosso, em 2021, investi ainda mais na diversidade cultural. Contratei funcionários de várias nacionalidades para compor a minha equipe, e isso com certeza trouxe mais riqueza para as minhas receitas. A sustentabilidade também se tornou uma questão cada vez mais importante

para mim. Os cardápios dos meus restaurantes estão sempre mudando, de acordo com os produtos da estação, porque compro todos os ingredientes de agricultores locais. Evito ao máximo o desperdício e faço compostagem de tudo o que não é utilizado. Ao longo dessa minha trajetória, pude trazer meu filho para morar comigo, me casei de novo e tive mais uma filha, a Thaís.

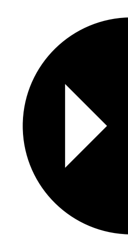
Passei mais de dezesseis anos longe do Brasil. E fazer as pazes com o meu passado, marcado por tantas dificuldades, tornou-se uma etapa crucial da minha vida. Quando enfim decidi revisitar minha terra, em 2017, fui recebida com carinho e apoio por diversos chefs brasileiros que admiro, como Alex Atala e Roberta Sudbrack. Não me passava pela cabeça que profissionais tão incríveis pudessem sequer saber o meu nome. Foi uma sensação indescritível — pela primeira vez me senti amada e acolhida pelo meu país. Como parte desse resgate das origens, publiquei no ano passado o livro *Do Rio a Paris: Minha Cozinha de Coração,* no qual conto minha história por meio das receitas que mais me marcaram. Ainda não me vejo voltando a morar no Brasil, mas não desisti de buscar uma alternativa para levar a experiência do Nosso e do Tempero até os brasileiros. Espero ter a oportunidade de algum dia abrir um restaurante aqui. Uma coisa é certa: agora que redescobri o Brasil, ele me faz muito feliz. ■

Depoimento a Sara Salbert

A REVOLTA ESQUECIDA

Como a Revolução de 1924 em São Paulo, iniciada com movimento tenentista que queria derrubar o governo federal, ajuda a entender a gênese das ditaduras **MARÍLIA MONITCHELE**

BOMBARDEIO Armazéns Nazareth Teixeira e Cia., na Mooca: incêndio



REPRODUÇÃO

HÁ EXATOS 100 ANOS, a cidade de São Paulo foi palco de um inesperado conflito armado urbano, um dos mais agressivos da América Latina no século XX. Na manhã de 5 de julho de 1924, aviões Curtiss H-12 da Força Aérea Brasileira atacaram o Campo de Marte, no bairro de Santana, Zona Norte da capital. Foi a reação do governo federal à revolta tenentista cuja meta era derrubar da presidência da República o mineiro Artur Bernardes (1875-1955), acusado pelos rebeldes paulistas de corrupção e de favorecer a oligarquia de seu estado na chamada "política do café com leite" — alternância de poder entre as elites de Minas Gerais e São Paulo durante a República Velha (1889-1930). Nos dias seguintes, os bombardeios se intensificaram, atingindo as regiões do Brás, Mooca, Belenzinho e Cambuci — bairros historicamente operários.

Ao longo dos 23 dias da revolta, forças revolucionárias e governistas espalharam o caos e o medo. O Palácio dos Campos Elíseos, sede da administração estadual, ocupado por tropas rebeldes, foi atingido por bombardeios. Os maiores afetados estavam na base da pirâmide social: uma enorme massa de imigrantes e trabalhadores. "Cortaram as luzes e, à noite, os tiros sacudiam a casa... era o barulho do canhão", relataria, nas páginas dos jornais, Alice, moradora da Liberdade, na região central. "Eu só tinha medo de morrer no escuro." Cerca de um terço da população, em torno de 700 000 habitantes à

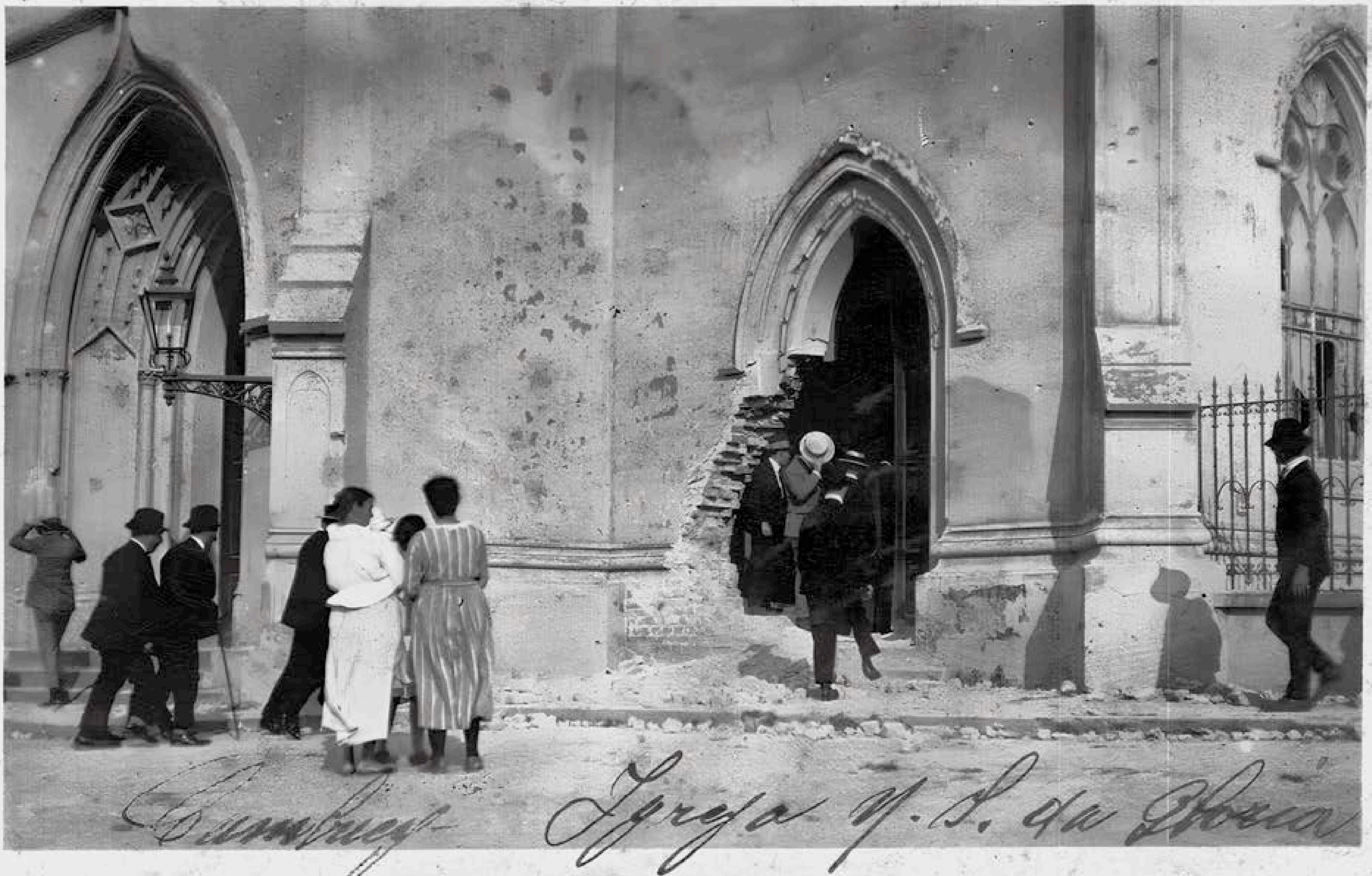


ANICETO DE BARROS LOBO/REPRODUÇÃO

DESALOJADOS Vila operária no Brás: um dos alvos das forças governistas

época, deixou a cidade. Quem não conseguiu sair se entocou em porões e abrigos improvisados. Houve pelo menos 500 mortos.

Ao término do conflito, Bernardes saiu vitorioso. Um de seus aliados, o deputado federal gaúcho João Simplício, disparou uma *boutade* de tom profético: o conflito seria esquecido por 100 anos. Apesar de razoavelmente bem documentado, com fotos e reportagens, o movimento nunca fez parte do calendário de efemérides de São Paulo, como ocorre com a Revolução Constitucionalista de 1932. É comum ser citado apenas como parte do levante tenentista deflagrado em 1922. O apelido de "revolta esquecida", portanto, é pertinente. "Não há nada na



MARCAS Igreja da Glória, no bairro do Cambuci, atacada por tropas federais: investidas contra os rebeldes deixaram cicatrizes por toda a cidade

cidade que remeta a esses acontecimentos", diz Moacir Assunção, autor de *São Paulo Deve Ser Destruída* (Editora Record). "Não há nenhum monumento de recordação, só restaram cicatrizes em alguns prédios atingidos pelos ataques."

Dada a relevância de tudo o que aconteceu, há, hoje, um trabalho de resgate das lembranças adormecidas. Tramitam na Assembleia Legislativa de São Paulo três resoluções que buscam despertar o legado de 1924. Uma delas pretende incluir o general Miguel Costa, líder dos revoltosos, entre os heróis da Polícia Militar. Outra propõe que o dia 5 de julho seja marcado no calendário do

estado como o Dia da Memória da Revolta Paulista de 1924. Por fim, há uma petição para a criação de um prêmio com o nome do líder militar para ser destinado a policiais que tenham se destacado na defesa da vida e da democracia. “Acho que, enfim, a memória de meu avô está segura”, diz Yuri Abyaza, neto de Costa e guardião natural de seu legado. “Ainda que tenha levado um século, terá valido a pena.”

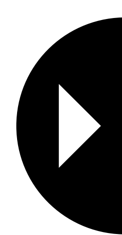
Os tenentes que deflagraram a grita armada eram militares que pretendiam “refundar” a República, frustrados com os caminhos seguidos pela elite fincada no poder, os oligarcas da cafeicultura. Queriam derrubar o governo e instalar uma suposta ditadura cívico-militar “provisória” para modernizar o Brasil ao instituir voto secreto, separar a Igreja do Estado e reestruturar os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Foram derrotados, mas de certa maneira alcançariam seus objetivos com a Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder e depois à autocracia, com apoio total tenentista, à exceção de Luís Carlos Prestes, que seguiria o comunismo. “É necessário entender as origens das ditaduras brasileiras”, diz Dácio Nitrini, autor de *Tenentes Rebeldes* (Editora Terceiro Nome). Cutucar o passado, ao tirar poeira dos arquivos, é sempre o bom caminho para entender o presente. ■

8 000 ANOS DE TAÇAS

Sempre surpreendentes, os vinhos da Geórgia, elaborados de forma tradicional com uvas que só existem lá, começam a conquistar o paladar dos enófilos brasileiros **ANDRÉ SOLLITTO**

VANO SHLAMOV/AFP

DIVERSIDADE Colheita na região georgiana de Kakheti: uma das maiores variedades de cepas em todo o mundo



HÁ ANOS, arqueólogos buscam os primeiros vestígios de elaboração do vinho, bebida que teve papel fundamental na aventura dos prazeres da humanidade. Já foram encontradas evidências no atual Irã, na Grécia e na região italiana da Sicília. Mas é na Geórgia, na interseção entre Europa e Ásia, que há a maior abundância de registros adequados a comprovar quanto a fermentação de uvas é uma tradição milenar. Há pelo menos 8 000 anos os habitantes da região domesticaram os cachos e já produziam exemplares de qualidade. De forma surpreendente, sabe-se agora que os métodos ancestrais continuam a ser usados na fabricação da bebida até hoje. A novidade: de forma gradual, alguns rótulos do país, pequeno em extensão, mas diverso em termos de variedades de cepas, se espalham pelo mundo, aparecendo nas cartas de restaurantes estrelados. Começam a desembarcar também em solo brasileiro.

Para entender o caráter único dos georgianos, é preciso compreender como são preparados. Em geral, no caso dos vinhos brancos, as uvas são prensadas e é a partir do suco delas que a bebida é feita. As cascas são descartadas. No caso dos tintos, o processo é diferente e o suco fica em contato com as cascas para ganhar pigmentação e taninos. Na Geórgia, há produtores que usam os dois métodos. Mas há uma terceira variação: brancos que ficam em contato com as cascas. No linguajar da moda, o estilo ficou conhecido como "vinho laranja". Parece novidade, mas trata-se de método tão antigo quanto a própria bebida, que dá uma coloração distinta e uma leve adstringência por causa da presença de tani-



EYESWIDEOPEN/GETTY IMAGES

MÉTODO ANTIGO Os *qvevri:* vinho amadurece nos potes de terracota

nos, típico dos tintos, também nos brancos. Não é só isso. Em vez dos tradicionais barris de carvalho, os georgianos usam os chamados *qvevri,* grandes vasos de terracota que ficam sob a terra, por vários meses. Juntas, essas técnicas dão origem a uma bebida surpreendente, que cativa paladares de quem se habitou aos clássicos da França e da Itália.

Um dos produtores que estão à frente desse resgate do vinho georgiano é o americano John Wurdeman. Nos anos 1990, então estudante de artes plásticas, ele descobriu a música folclórica da Geórgia e ficou encantado. Visitou o país e apaixonou-se também por sua cultura, incluindo, por óbvio, o vinho. Comprou uma casa lá e conheceu o viticultor Gela Patalishvili, que o convocou para divulgar os rótulos ancestrais. Assim, criou com o novo parceiro a Pheasant's Tears, em 2006. Em quase vinte anos de trabalho conjunto, montaram um portfólio extenso, atrelado a variedades autóctones, vinificadas de maneira tradicional. "Foi preciso recuperar vi-

BEBIDA ANCESTRAL

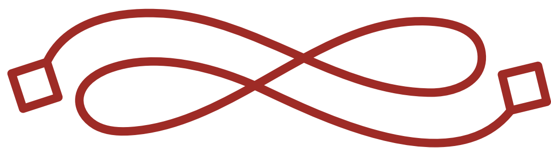
Quatro rótulos da Geórgia à venda no Brasil



PHEASANT'S TEARS POLIPHONIA 2020

300 reais

Tinto feito a partir de um vinhedo com mais de 200 variedades distintas, tem perfil rústico e complexo

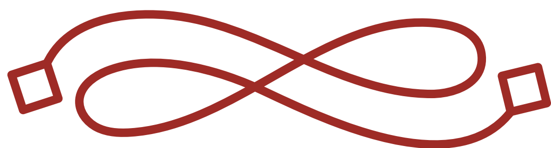


PHEASANT'S TEARS TSISTKA 2022

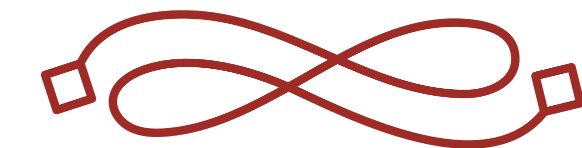
300 reais

Vinho laranja, feito com uvas brancas, mas que fica em contato com as cascas. É fresco, mas com leve tanino





FOTOS DIVULGAÇÃO

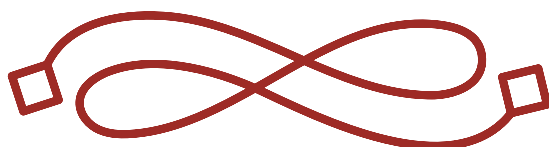




RUSTAVELI SAPERAVI QVEVRI 2022

262 reais

Elaborado com a uva saperavi, variedade tinta mais plantada no país, passa seis meses em jarros de terracota



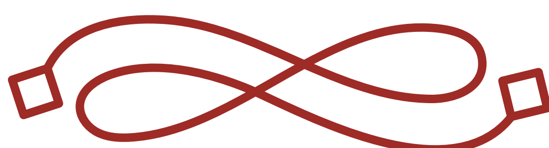
PRINCE IOANE BAGRATIONI 7

285 reais

Blend de seis variedades, cinco delas locais, é um branco encorpado de personalidade e complexidade



FOTOS DIVULGAÇÃO



nhedos, principalmente em regiões montanhosas, abandonados durante a era soviética, que privilegiou quantidade sobre qualidade", diz Wurdeman, que esteve no Brasil para participar da Feira Naturebas, especializada em vinhos naturais. A notoriedade não demorou, ao despontar em cartas de endereços refinados da Europa e Estados Unidos.

No Brasil, é possível encontrar cinco dos vários vinhos assinados pela dupla Wurdeman e Patalishvili *(veja alguns exemplos no quadro ao lado).*Não são os únicos, embora as alternativas disponíveis em território brasileiro não sejam exatamente abundantes. Algumas das novidades que desembarcam por aqui passam pelo crivo de André Baader e sua mulher, Karla, personagens cativantes no mercado. Formados em gastronomia, conheceram-se na cozinha de um hotel no Disney World, em Orlando. Apaixonados por vinho, viajaram pelo mundo estudando até decidirem mudar para a Geórgia. "Ela raramente está nos livros. Resolvemos então aprender com os locais sobre a história milenar de uma vinificação muito particular", diz Baader. Os Baader são típicos "wine hunters", ou caçadores de vinhos, especializados em vasculhar o leste europeu. Há interesse pelos rótulos vindos de lá, mas muitas vezes os apreciadores daqui ficam surpresos com os aromas e sabores, tidos como rústicos. "Para beber um rótulo georgiano, os amantes de vinho precisam abrir uma página em branco no seu caderninho do conhecimento", diz Baader. E vale a lição: convém sempre beber de tradições antigas, ao menos na gastronomia. ■

VESTIDAS PARA MATAR

Em 1994, Diana deu seu grito de independência da realeza com o chamado “vestido da vingança”, e trinta anos depois sua atitude ainda inspira estrelas em crise amorosa

SIMONE BLANES



ÍCONE A princesa com o vestido curto e decotado: Charles, sem eira nem beira, foi relegado ao anonimato

JAYNE FINCHER/GETTY IMAGES

DIZ O DITO POPULAR: a vingança é prato que se come frio. No caso da princesa Diana (1961-1997), porém, deu-se o avesso. Ao saber que o príncipe Charles, de quem já estava separada, daria uma entrevista na televisão admitindo a traição com Camilla Parker-Bowles, ela resolveu subir a temperatura, e como. Em sua primeira aparição depois do rompimento, em uma festa promovida pela revista *Vanity Fair,* na Serpentine Gallery, em Londres, trocou de última hora um discreto modelo de gala Valentino por um ousado vestido de chiffon preto, com as pernas à mostra e um enorme decote de ombro a ombro, da designer grega Christina Stambolian. Uau, uau e uau! Trinta anos depois daquela noite de verão, 29 de junho de 1994, o espanto ainda ecoa. Diana estampou todas as primeiras páginas dos jornais ao redor do mundo, declarando independência da realeza e do próprio futuro rei, relegado a segundo plano.

Do mercurial episódio nasceu o "vestido da vingança", o mais famoso dos trajes de nosso tempo, leiloado na Christie's em 1997 por 52 000 euros, em prol de instituições de caridade de combate e prevenção ao câncer e à aids. "Ela queria ter a aparência de 1 milhão de dólares", disse sua antiga stylist, Anna Harvey. "Conseguiu." Sim, a elegância virou ícone fashion, inaugurou uma tendência indelével, mas o que valeu mesmo foi o manifesto de resistência — o grito sensual de liberdade de uma mulher de sangue vermelho presa ao sangue azul.

RON DAVIS/GETTY IMAGES



MARC PIASECKI/FILMMAGIC/GETTY IMAGES



KARWAI TANG/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

PODEROSAS Mariah Carey *(à esq.)*, Shakira e Bella Hadid: modelos provocantes para mostrar ao mundo o que os tolos ex perderam na vida

A icônica aparição, é claro, foi retratada em um episódio da quinta temporada da série *The Crown*, da Netflix, intitulada, não à toa, como "O que vem pela frente". E o que viria está aí, diante de nossos olhos, fonte de inspiração para outras mulheres famosas, que passaram a apostar em modelitos provocantes depois de traições, da covardia dos companheiros. A lista de exemplos posteriores ao de Diana é longa. No início do ano, Miley Cyrus despontou esvoaçante no Grammy para cantar *Flowers,* sobre o fim de seu relacionamento com Liam Hemsworth. O que ela queria dizer: você não sabe o que está perdendo. Mariah Carey usou arma de calibre equivalente ao aparecer em um conjunto de saia e top cropped no MTV Music Video Awards em 1997, após a separação do executivo da Sony Music, Tommy Mottola, que, além de abusivo, tinha controle sobre sua imagem desde o lançamento de seu primeiro álbum.

Naquela ocasião, como ocorrera com Diana em meados dos anos 1990 e agora com Miley, a roupa virou símbolo da emancipação. Estrelas da música, aliás, dada a visibilidade e a ribalta nos palcos, são as mais adeptas a gritar pelo vestuário. Shakira usou um espetacular vestido preto no Festival de Cannes, em 2022, depois do escândalo da traição do jogador de futebol Gerard Piqué, que acabou em barulhento divórcio. "Quando uma mulher passa por essa situação, espera-se que fique abalada e desestruturada", diz a psicóloga Monica Machado, pós-

graduada em psicanálise e saúde mental pelo Instituto Albert Einstein. “Mas a raiva ou sentir-se ‘trouxa’ pode despertar um empoderamento que nem ela acreditava ter.” Quando as triangulações envolvem supercelebridades, sai de baixo. Jennifer Aniston, ao ser trocada por Angelina Jolie, quando era casada com o astro Brad Pitt, tirou sua melhor versão do armário na forma de um vestido curto da Chanel, em outubro de 2005. Deu o que falar, e ainda dá.

Em vez de expor vulnerabilidade, muitas mulheres decidem inovar o visual com cortes de cabelo e procedimentos estéticos. Mas a roupa ainda é a melhor saída, ao menos entre as estrelas, que terão sua imagem rodando o mundo. Uma das histórias mais curiosas de vestidos de vingança gira em torno da modelo Bella Hadid. Depois da separação do rapper The Weeknd, ela cortou o cabelo e ofuscou a aparição do ex com a nova namorada, Selena Gomez, no Met Gala de 2017, usando um macacão transparente assinado por Alexander Wang. Em outubro daquele ano, no entanto, foi a vez de Selena apelar para o recurso após o término com o próprio The Weeknd, usando um minivestido preto da grife Jacquemus. Diana estava certíssima: na hora da vingança, quanto mais quente, melhor. Fica a dica, e que o rei Charles III não bobeie. ■

TEMPESTADE PERFEITA

Remake do sucesso dos anos 1990, *Twisters* traz tornados maiores e mais imprevisíveis – um alerta de Hollywood sobre as mudanças climáticas, e também uma deixa para efeitos visuais ainda mais potentes

KELLY MIYASHIRO E **RAQUEL CARNEIRO**



AMEAÇA DUPLA Drone é usado para captar imagens de tornados gêmeos: velho inimigo e novas tecnologias

MELINDA SUE GORDON/WARNER BROS.

Em 1996, quando era adolescente, o cineasta Lee Isaac Chung achou incongruente a ideia de *Twister,* um filme sobre esses fenômenos climáticos que então chegava aos cinemas. Filho de imigrantes sul-coreanos e criado numa fazenda no Meio-Oeste americano, Chung cresceu marcado pelo temor causado por esses eventos naturais devastadores. “Tornado, para mim, era sinônimo de ‘corra e se esconda’. Achei que seria chato um filme sobre gente se escondendo de algo”, disse Chung, bem-humorado, a VEJA. A surpresa foi grande quando ele se deparou com um envolvente longa de aventura, no qual cientistas perseguiam esses gigantes violentos em vez de fugir deles. Conhecido pelo belo e introspectivo filme *Minari: Em Busca da Felicidade*, Chung não titubeou quando surgiu a oportunidade de assumir o remake da produção que marcou sua juventude. ***Twisters*** (Estados Unidos, 2024), já em cartaz nos cinemas, observa — com uma trama original e atualizada — a agitada vida de meteorologistas sedentos por conhecimento e que, munidos de uma dose excepcional de coragem, encaram tornados com o propósito de salvar vidas. Estudiosos se tornam, assim, astros descolados de um afiado exemplar do cinema de ação.

Se no primeiro filme a trupe liderada pelos personagens de Helen Hunt e Bill Paxton queria desenvolver um sistema de alerta climático mais eficiente, dando tempo hábil às pessoas para fugir, agora o longa estrelado por Daisy Edgar-Jones e Glen Powell vai além: os cientistas almejam,


MELINDA SUE GORDON/WARNER BROS.

CAÇADORES Kate, Javi e Tyler: trio tenta "domar" os monstrengos de vento

com um aparato inovador, "domar" tornados, furacões e derivados. A ambição do roteiro — ainda restrita ao campo da ficção científica — reflete um desejo de estudiosos do mundo real: com as mudanças climáticas, os fenômenos naturais estão mais intensos, avassaladores e difíceis de se prever — logo, impedir que saiam de controle seria uma solução notável. Um estudo alarmante de 2023, da Sociedade Americana de Meteorologia, aponta que até 2100 haverá um aumento na possibilidade da formação de tornados, acompanhado de um salto de 25% no seu tempo de duração e nas áreas atingidas. Esperto, *Twisters* mantém o tema delicado e complexo no subtexto, trazendo assim uma renovação providencial aos chamados filmes-ca-

tástrofe: enquanto parte dessas produções, como os populares *Interestelar* e *O Dia Depois de Amanhã*, usa os impactos ambientais como força motriz de apocalipses distantes da realidade, *Twisters* mostra que o perigo é real, possível e mora ao lado.



WARNER BROS.

O ORIGINAL
Cena de *Twister* (1996): Bill Paxton e Helen Hunt desafiam a natureza

Daisy interpreta Kate Cooper, meteorologista com um sexto sentido aguçado para caçar furacões, mas traumatizada pela morte trágica de sua equipe durante um tornado de categoria F5 — monstrengo com ventos de mais de 500 quilômetros por hora. Quando retoma a atividade ao lado do amigo Javi (Anthony Ramos), ela topa com o excêntrico Tyler (Glen Powell), que se diz "domador de tornados" em um popular canal do YouTube, e com um ricaço, vivido por David Born, que compra as terras dos que perderam tudo a preço de banana: dois representantes do sensacionalismo e da ganância humana, que atuam como agentes do caos em um cenário de destruição.

Novo galã pop de Hollywood, Powell não fica por muito tempo do lado errado da história: ele e Daisy desenvol-



MELINDA SUE GORDON/WARNER BROS.

ADRENALINA Daisy e Powell no filme: cenas de esforço físico intenso

"TORNADOS SÃO FASCINANTES"

O ator Glen Powell, 35 anos, falou a VEJA sobre os bastidores de *Twisters.*

***Twister*, de 1996, foi um grande sucesso. Guarda alguma recordação especial do filme?** Eu cresci no Texas, então tornados são fantasmas comuns no nosso quintal. Lembro de ficar admirado com aqueles cientistas tão descolados. Dava vontade de estar no carro com eles, em direção

ao perigo, mas com uma missão nobre, não só pela adrenalina. Nosso filme capta bem essa sensação.

Há alguma diferença de peso entre os dois longas? Os efeitos visuais estão mais elaborados. E, quase trinta anos depois, os tornados estão mais fortes e mais imprevisíveis por causa das mudanças climáticas.

O medo do imprevisível seria o apelo que faz dos filmes-catástrofe um filão tão popular? Sem dúvida. Nós somos tocados pelo embate dos humanos contra o mundo natural. Estamos todos sujeitos à natureza e a seus mistérios – e os tornados são fascinantes.

Qual tipo de preparação o filme demandou? A parte física foi intensa. Eu comecei minha carreira como dublê e fiz aqui algumas cenas extremamente difíceis, inéditas na minha trajetória. Mas a equipe de apoio de dublês era primorosa. A missão deles era nos manter vivos – e conseguiram! Também tivemos cientistas que serviram como consultores no set.

O que aprendeu com eles? Me marcou o modo como eles falavam. Mais do que os termos técnicos, me esforcei para passar a mesma paixão daqueles cientistas ao nos explicar com facilidade conceitos tão difíceis.

vem uma tensão romântica que dá sabor extra ao filme. Mas a superprodução investe, sobretudo, na abundância e na qualidade dos efeitos especiais. “Fomos acompanhados por cientistas que estudam e caçam tornados”, conta Chung. “Toda a parte visual é fiel ao que eles já registraram. Não posso nem quero reinventar as regras da natureza.” Powell, dublê de formação, se impressionou com a fisicalidade exigida no set. “Fiz algumas cenas extremamente difíceis, inéditas na minha carreira”, afirmou ele a VEJA *(leia a entrevista ao lado).*

Seu antecessor não ficava atrás em adrenalina: nos anos 1990, *Twister* foi sucesso de bilheteria — e, no Brasil, virou presença constante na *Sessão da Tarde.* Conquistou duas indicações ao Oscar, nas categorias de melhor som e de efeitos visuais, e resistiu ao teste do tempo: quase trinta anos depois, ainda é um filme impressionante. Especialmente memorável é a cena que até hoje mais mexe com as pessoas: em determinado momento, uma vaca passa voando diante do carro dos protagonistas, levada pelos fortes ventos de um ciclone duplo. “Perdi as contas de quantas pessoas tentaram enfiar uma vaca voando neste filme”, contou Chung, rindo. “Aquela cena é a minha favorita, não sei se conseguiria fazer algo à altura.” Com ou sem mamíferos voadores, *Twisters* honra o longa original: em ambos, a natureza exige respeito — mas nada impede que ela seja também entretenimento de qualidade. ■

ESSA LOIRA É UM TERROR

No deliciosamente perverso *MaXXXine,* o diretor Ti West converte sua bem-sucedida personagem em anti-heroína antológica — um papel que consagra Mia Goth, estrela com legítimo DNA nacional



DETERMINADA Mia Goth *(ao centro)* como Maxine Minx: atriz pornô que faz tudo — até matar — por sucesso em Hollywood

STARMAKER STUDIOS LLC/UNIVERSAL PICTURES

“NÃO VOU aceitar uma vida que não mereço”, repete a estrela pornô Maxine Minx (Mia Goth) a si mesma como mantra. O ensinamento — vindo do pai, um pastor evangélico do Texas — lhe garante o equilíbrio entre a suada rotina de trabalho e a ambição de ser estrela em filmes que lhe permitam manter as roupas. Mas também é útil na luta pela sobrevivência quando uma idosa maníaca tenta executar a jovem e seus amigos na fazenda onde gravariam mais uma produção erótica. É sua determinação que a ajuda na tarefa de matar a algoz ao fim de *X: A Marca da Morte* (2022), sem gritar ou chorar. Dentro de um veículo ensanguentado, a atriz zarpa para Hollywood, onde quer chegar ao topo com a mesma bravura. Já em cartaz no país, ***MaXXXine*** — terceiro filme da personagem — revela seus próximos passos na cidade dos sonhos, sem que a indústria amoleça seu caráter indócil.

Em Hollywood, ela enfim consegue seu primeiro papel num filme de estúdio. Ao ser escalada para um terror B, contudo, tem a oportunidade ameaçada por um assassino misterioso que ataca pessoas a seu redor e ameaça expor seu passado. Se em *X* a personagem encarnava a tradicional sobrevivente das tramas de terror que se convenciona chamar de “final girl”, ela agora se converte numa versão feminina dos anti-heróis que fizeram fama no cinema da década de 1980, quando dramas criminais como *Scarface* eram protagonizados por homens complexos, violentos e amorais em busca de justiça. Cigarros sem fim, locadoras

de vídeos para adultos, conspiracionistas de certo pânico satânico e o uso de cocaína sem cerimônia compõem esse olhar nostálgico, mas nada romantizado, do diretor Ti West, que resulta em uma das protagonistas mais transgressivas do século XXI.

Ao longo da trilogia, afinal, a marca de West consistiu em expor as entranhas de diferentes momentos do cinema. No primeiro filme, ironizou o moralismo com que se criticavam as produções de horror dos anos 1970; então, em *Pearl* — sobre a juventude da senhora assassina —, sobrepôs violência e crueldade ao visual colorido de musicais dos anos 1940. Agora, retrata como a explosão da indústria de entretenimento na década de 1980 ensejou uma obsessão global pela fama — com os resultados que estão aí. A variedade de fases só ressalta o talento de Mia Goth, a atriz de sangue brasileiro que se consagrou — merecidamente — com a franquia. Com sua heroína assassina, ela arrebata um público cansado de mocinhas indefesas. Como prova *MaXXXine,* ai de quem entrar no caminho dessa loira. ■

Thiago Gelli

O PECADO DA INTOLERÂNCIA

Em *O Sequestro do Papa*, o diretor italiano Marco Bellocchio retrata de forma magistral o caso real da criança judia confiscada dos pais pela Igreja Católica

AMANDA CAPUANO

ANNA CAMERLINGO/PANDORA FILMES

PEQUENO GIGANTE Enea Sala como o jovem Edgardo, no colo de Pio IX: caso que abalou o Vaticano



NA NOITE de 23 de junho de 1858, o comerciante judeu Momolo Mortara (Fausto Russo Alesi) voltava para casa, em Bolonha, quando foi surpreendido pela polícia papal em sua porta. Assustado, ele correu até seu apartamento, onde se deparou com a esposa, Marianna (Barbara Ronchi), sendo pressionada a listar todos que ali residiam. Com o nome dos oito filhos do casal em mãos, o líder dos *carabinieri* envolvidos na ação pediu que levassem as crianças até ele. Em seguida, proferiu uma frase que assombraria para sempre a família. “Senhor Mortara, sinto muito informar que o senhor foi vítima de uma traição. Seu filho, Edgardo, foi batizado, e tenho ordens para levá-lo comigo”, atestou o policial, para desespero dos pais do garoto de 6 anos de idade.

Descrita em livros como *O Caso Mortara*, de Daniele Scalise, e *O Sequestro de Edgardo Mortara*, de David Kertzer, a história do garoto judeu retirado da família pela Igreja Católica, então sob comando do papa Pio IX (Paolo Pierobon), ganha um retrato magistral em ***O Sequestro do Papa,*** longa do diretor italiano Marco Bellocchio que chega aos cinemas brasileiros na quinta-feira 18. “Fizemos questão de enraizar a narrativa em fatos históricos indiscutíveis, antes de permitir que nossa imaginação preenchesse os espaços vazios”, explicou o cineasta ao Festival de Cannes.

Traduzido para as telas por Bellocchio, o caso Mortara é um exemplo eloquente do poder da Igreja nos tempos do Santo Ofício e de seu antissemitismo na Itália do século



ANNA CAMERLINGO/PANDORA FILMES

EM FAMÍLIA Os Mortaras: pais judeus moveram o mundo para resgatar o filho

XIX: criado sob tradições judaicas até os 6 anos, Edgardo (Enea Sala, na infância, e Leonardo Maltese, na vida adulta) fora secretamente batizado nos primeiros meses de vida por uma doméstica. Católica, ela julgou que o garoto morreria de uma enfermidade e, sem o batismo, acabaria no inferno. Anos depois, a informação chegou aos ouvidos do padre Feletti (Fabrizio Gifuni), inquisidor de Bolonha, que ordenou — com base na lei vigente que proibia crianças cristãs de serem criadas por famílias não cristãs — que o menino fosse retirado da família e criado pela Igreja. Ele não fora o único: naquela época, o batismo clandestino e o sequestro legalizado de crianças eram uma realidade que assustava famílias judias, levando muitos a exigir que empregadas católicas assinassem documentos garantindo que

não batizaram suas crianças. A atitude era uma precaução desesperada para evitar que os filhos fossem tomados pela Igreja, já que "havia uma crença difundida na Itália de que judeus preferiam assassinar seus filhos a vê-los crescerem católicos", explica Kertzer no seu livro sobre o tema.

Embora Mortara não tenha sido o primeiro a ser subtraído da família em nome de Deus, sua história ganhou visibilidade inédita em razão da luta dos seus pais: determinados a conseguir o filho de volta, os Mortaras apelaram a todas as instâncias possíveis, inclusive ao próprio papa. O caso também foi altamente noticiado na imprensa internacional, que condenou as ações da Igreja. Diante da repercussão, Pio IX tomou a guarda do menino como uma questão de honra e afirmou que devolvê-lo contrariava



DEAGOSTINI/GETTY IMAGES



ARCHIVIO GBB/ALAMY/FOTOARENA

PODER O papa Pio IX *(à esq.)* e o Edgardo Mortara real *(acima):* mesmo tirado da família, ele foi fiel à Igreja

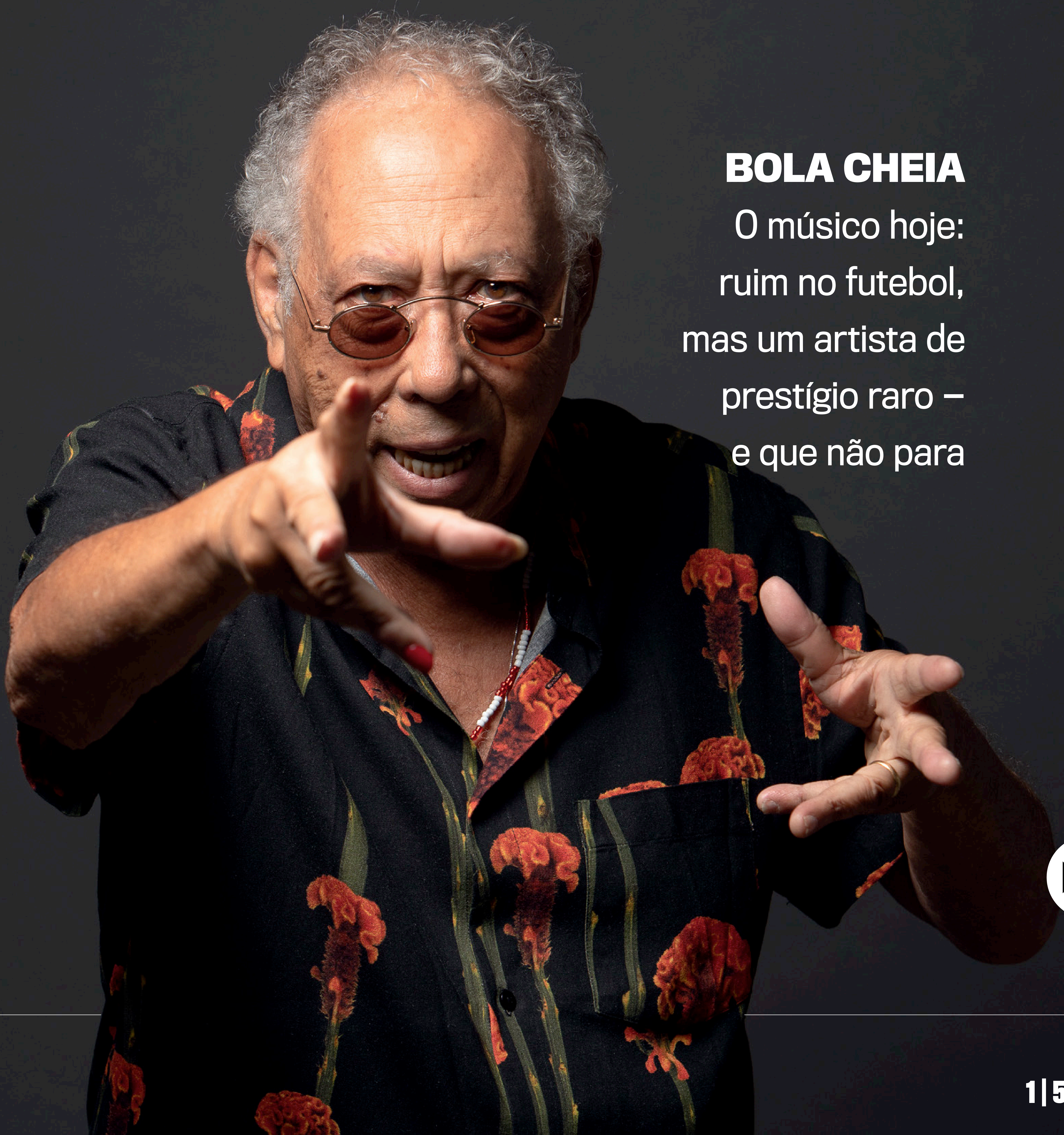
princípios cristãos. O poder da Igreja, no entanto, se deteriorou: o episódio insuflou os nacionalistas que buscavam a unificação da Itália, e o movimento tomou diversas áreas dos Estados Papais entre 1859 e 1860. No ano seguinte, Vittorio Emanuele II foi proclamado rei da Itália, e o inquisidor Feletti foi julgado em Bolonha pelo caso Mortara — mas acabou inocentado por ter agido de acordo com a absurda legislação da época.

Já o garoto Edgardo seguiu preso à Igreja. E, curiosamente, por vontade própria: convertido ao catolicismo, o jovem — depois chamado de Pio Edgardo Mortara, em homenagem ao papa — optou, aos 19 anos, por não retornar à família e deixou a Itália após o fim dos Estados Papais, em 1970. Pouco depois, virou padre e se manteve na Igreja até a morte, aos 88 anos — tentando, inclusive, converter a mãe. Além do resgate louvável da história esquecida, o filme se sustenta na fotografia soberba, inspirada nas pinturas italianas do século XIX, e na atuação digna de gente grande do pequeno Enea Sala, que vive Edgardo na infância. “Ele não é batizado, nunca foi à igreja e também não é judeu. O que serve na tela é sua resposta emocional ao personagem”, disse Bellocchio. Uma história a ser lembrada como alerta sobre um perigoso pecado, a intolerância. ■

O MALDITO FAVORITO

Aos 81 anos e quase sessenta de carreira, o carioca Jards Macalé se mantém um dos compositores mais requisitados da MPB e inspira a nova geração

FELIPE BRANCO CRUZ



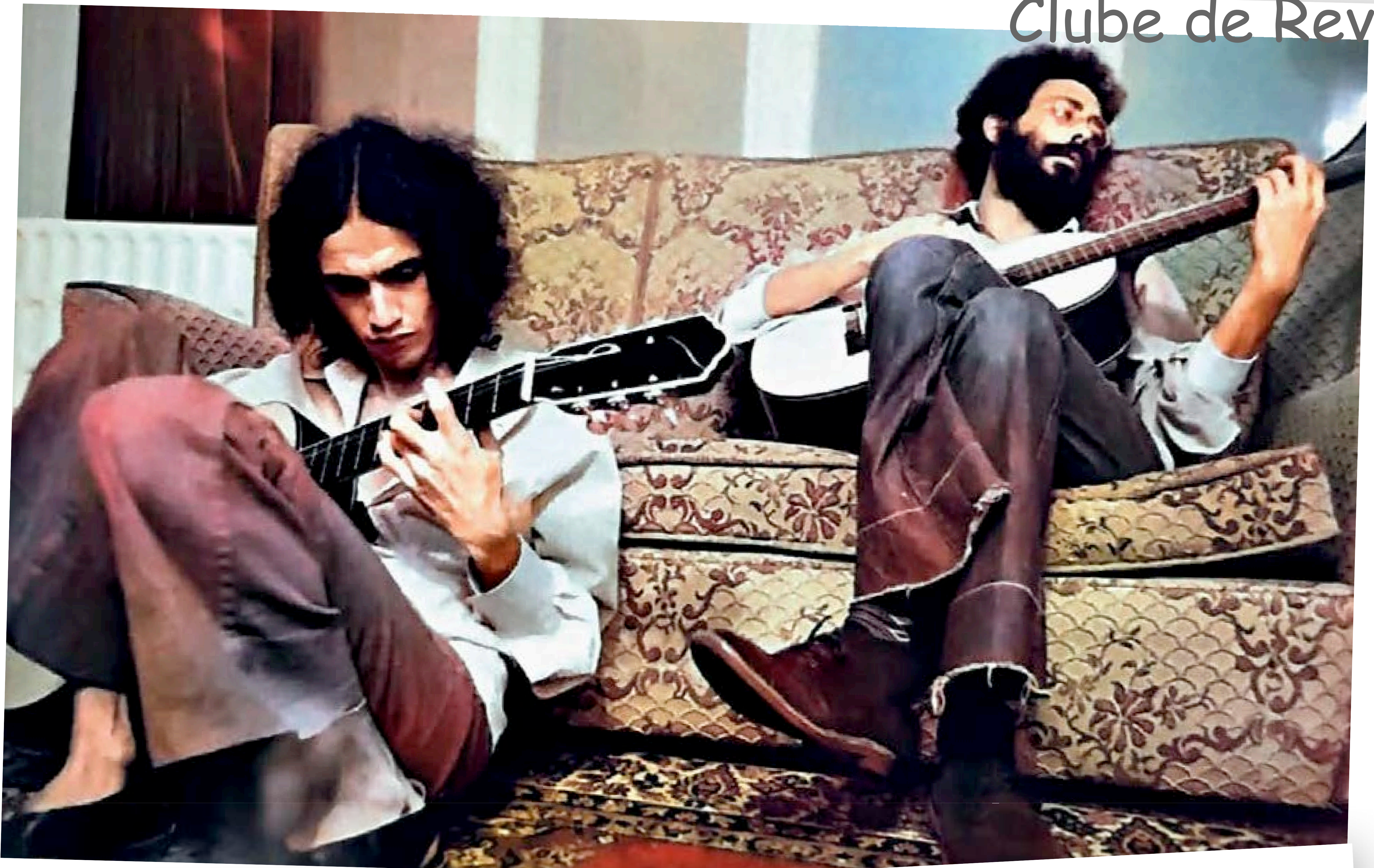
LEO AVERSA

BOLA CHEIA
O músico hoje: ruim no futebol, mas um artista de prestígio raro – e que não para

JARDS ANET DA SILVA nunca foi um bom jogador de futebol — mas o fato de ser um dos poucos músicos cariocas dos anos 1970 a ter um carro lhe garantiu uma vaga no time de Luiz Melodia, o Estácio Holly Futebol Clube. Sua principal missão não era fazer gols e, sim, dirigir cerca de 30 quilômetros do Estácio até o Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro, para levar a turma a uma partida no campo do Politheama, o time de Chico Buarque. Na primeira oportunidade, Jards deu uma canelada no próprio Chico, que caiu fazendo drama. "Foi o suficiente para o Melodia me tirar de campo. Não dava para fazer falta no dono da bola", diz ele — fazendo jus ao apelido que ganhou na infância e hoje carrega como sobrenome: Macalé é "homenagem" ao jogador perna de pau do Botafogo dos anos 1950.

Naturalmente, ele nunca mais foi convidado para jogar. "Imagina se eu quebrasse a perna do Chico?", riu em conversa com VEJA. Mas, como músico e compositor, jamais deixou de ser titular absoluto da elite da MPB — e, com o passar dos anos, só ampliou seu prestígio, acumulando também um manancial de causos divertidos da convivência com colegas famosos. Aos 81, o discreto Macalé dispensou qualquer grande comemoração de aniversário e não pretende fazer nada especial em 2025, quando completa sessenta anos de carreira. Recentemente, fez um emocionante show na Casa Natura, em São Paulo, com canções de seu novo álbum, *Coração Bifurcado,* lançado meses atrás.

Celebrado pela nova geração de cantores e compositores,

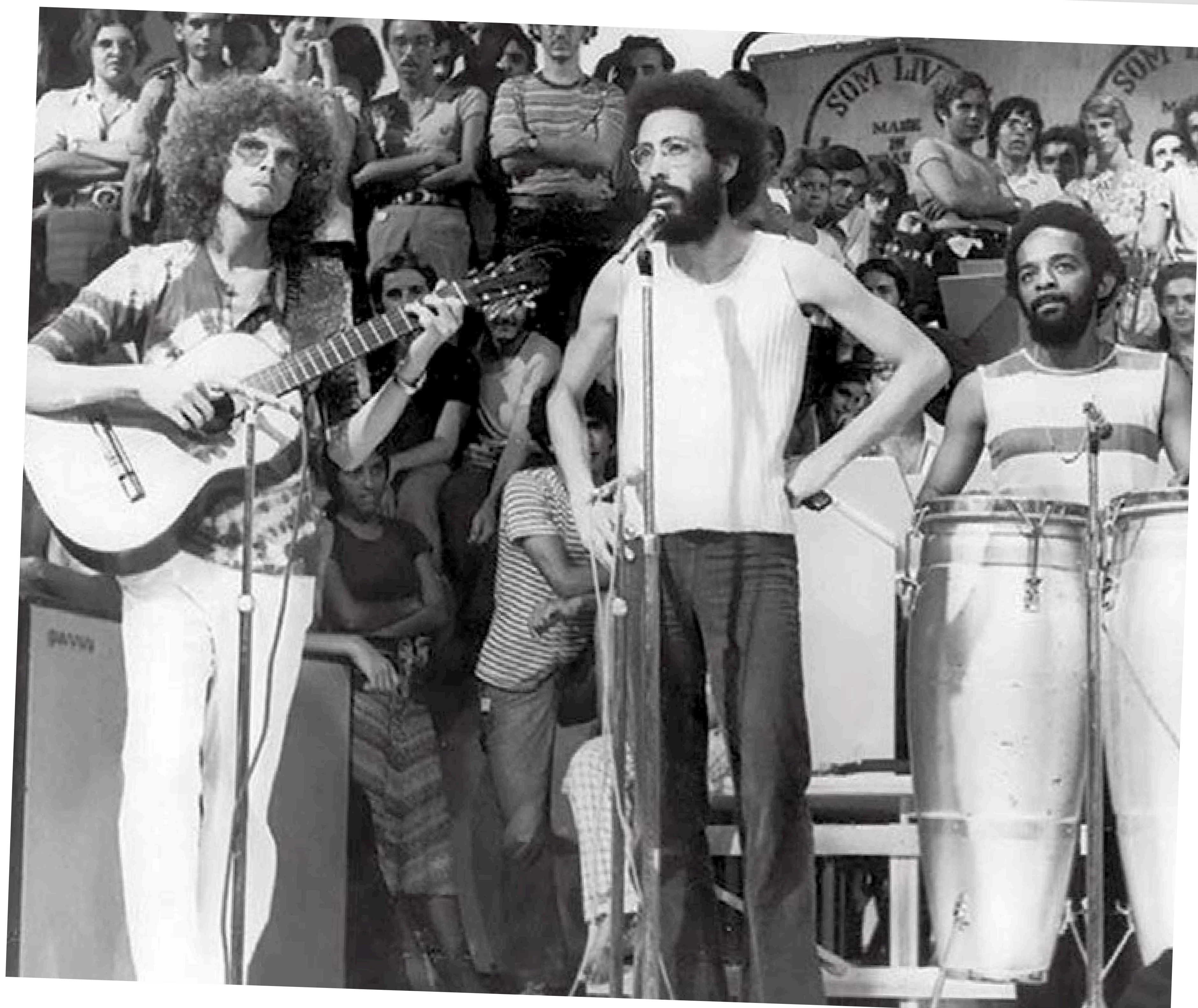


PEDRO PAULO KOELLREUTTER



INSTAGRAM @GALCOSTA

GRANDES MOMENTOS
No alto, com Caetano Veloso em Londres; acima, com Gal; e em um festival nos anos 1970: muitas histórias e parcerias



ARQUIVO PESSOAL

Macalé segue ativo e sem desejo de se aposentar, fazendo shows em pequenos espaços e mirando o futuro — inclusive, cuidando da saúde a seu modo curioso. Como odeia exercícios físicos, tomou uma atitude atrevida no prédio onde mora, no Leme. "Raptei o personal trainer da Zezé Motta", brinca. Ele explica que a atriz mora no sétimo andar de seu prédio e ele aproveitou a facilidade para contratar o profissional a fim de "destravar" seu físico para os shows. "Hoje sou mais cuidadoso, porque não sei como serão os próximos 80 anos", diz.

Nascido na Tijuca e criado em Ipanema, Macalé compôs, ainda adolescente, sua primeira música, *Amo Tanto*. Anos depois, os versos dramáticos ("Meu amor, vim te dizer que sem ti não sei viver / Vem comigo / Que sem teu amor melhor morrer") seriam gravados com primor por Nara Leão (1942-1989) no álbum *Nara Pede Passagem* (1966). Compor para mulheres, aliás, se tornou uma de suas especialidades, com gravações imortalizadas por Elizeth Cardoso (*Meu Mundo é Seu*), Clara Nunes (*O Mais que Perfeito*) e muitas outras. O novo disco também conta com várias dessas colaborações femininas, como a de Maria Bethânia em *Mistérios do Nosso Amor*. Com a cantora, Macalé guarda uma cumplicidade notável. Aos 18 anos, quando ela se mudou da Bahia para o Rio para substituir Nara Leão no espetáculo *Opinião*, ficou hospedada na casa de Macalé, que tocava violão na peça. Ainda que traga algumas de suas musas, o álbum tem uma ausência eloquente: a de Gal Costa, uma das principais intérpretes da obra de Macalé. Foi a voz de Gal que consagrou *Vapor Barato*, feita em parceria com

o poeta Waly Salomão (1943-2003). "Não sei qual é o segredo de *Vapor Barato*, talvez seja o tema. É uma canção de despedida e de exílio", explica. Gal gravaria a canção *Simples Assim* para o disco, mas sua morte em 2022 frustrou o projeto.

A carreira de Macalé, porém, também ficou marcada pelas ruidosas vaias que recebeu em 1969 no IV Festival Internacional da Canção, ao entoar a música *Gotham City*. "Como dizia Nelson Rodrigues, só a vaia consagra. No dia seguinte, só se falava de mim", diz. Nos anos posteriores, ganhou a fama de "maldito" da MPB, ao lado de Melodia, Jorge Mautner e Itamar Assumpção, por não se render aos desígnios das gravadoras. "Esse negócio de maldito ficou no ar. Em princípio, adorei a ideia de estar junto de poetas como Baudelaire e Rimbaud. Mas, com o passar dos anos, a pecha de maldito virou maldição."

Embora nunca tenha dado bola para o estigma, houve uma ocasião, em meados dos anos 1980, em que o alegre Macalé pensou em "desistir de viver". Com ideias terríveis na cabeça, procurou o amigo João Gilberto, pedindo para ouvir sua voz pela última vez. Ao saber de suas agruras, o pai da bossa nova o convidou para ir à sua casa e cantou *No Rancho Fundo* ao pé de seu ouvido, o que comoveu Macalé. Só que João ficou repetindo a mesma música ao violão pela madrugada inteira. "Cochilei. No outro dia, nem sabia mais por que estava triste", conta. Dessa forma singela, quem diria, João Gilberto prestou mais um belo serviço à MPB. O maldito favorito continua por aí cantando e compondo — só não o convidem para a próxima pelada. ■



TEMMA HANKIN/DISNEY

COMÉDIA DO ALÉM Gina Rodriguez *(à dir.)* em *Não Estou Morta!:* jornalista que fala com mortos

TELEVISÃO

NÃO ESTOU MORTA! – SEGUNDA TEMPORADA

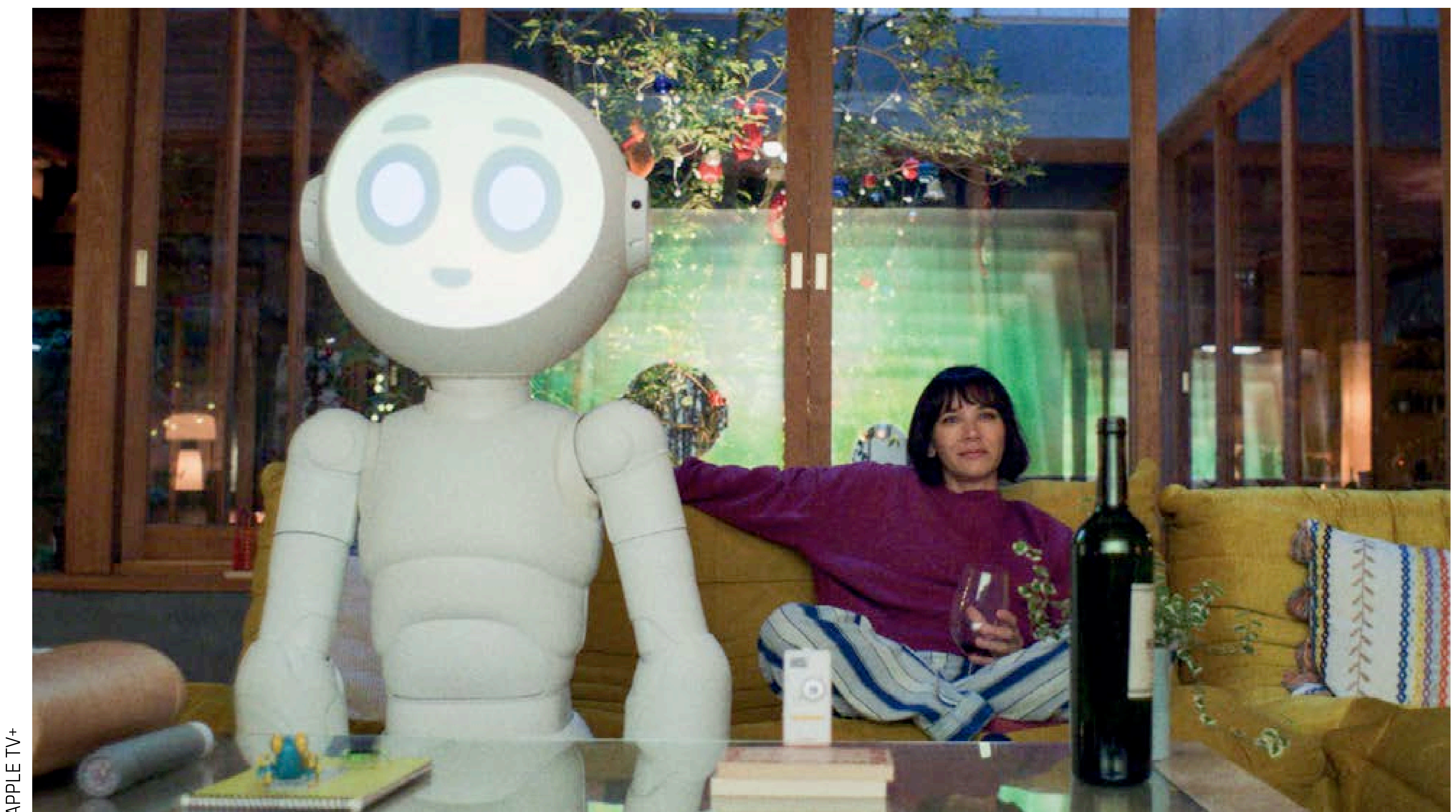
(disponível no Disney+)

A vida da americana Nell Serrano (Gina Rodriguez) tomou rumos inesperados. A jornalista deixou a carreira de lado quando ficou noiva e se mudou para Londres — e, após o fim dramático do relacionamento, voltou para a Califórnia, nos Estados Unidos, desempregada e sem perspectivas. Assim, ela assume uma função menor no jornal em que arranja trabalho: Nell fica encarregada dos obituários de personalidades locais. A atividade ganha ares bizarros quando os mortos sobre quem ela deve escrever passam a assombrá-la, de forma cômica, ora tentando interferir em seu trabalho, ora lhe dando lições de vida. De humor leve e ágil, a série ganha agora uma segunda temporada, na qual Nell continua a flertar com o além enquanto tenta dar sentido à própria trajetória.

TELEVISÃO

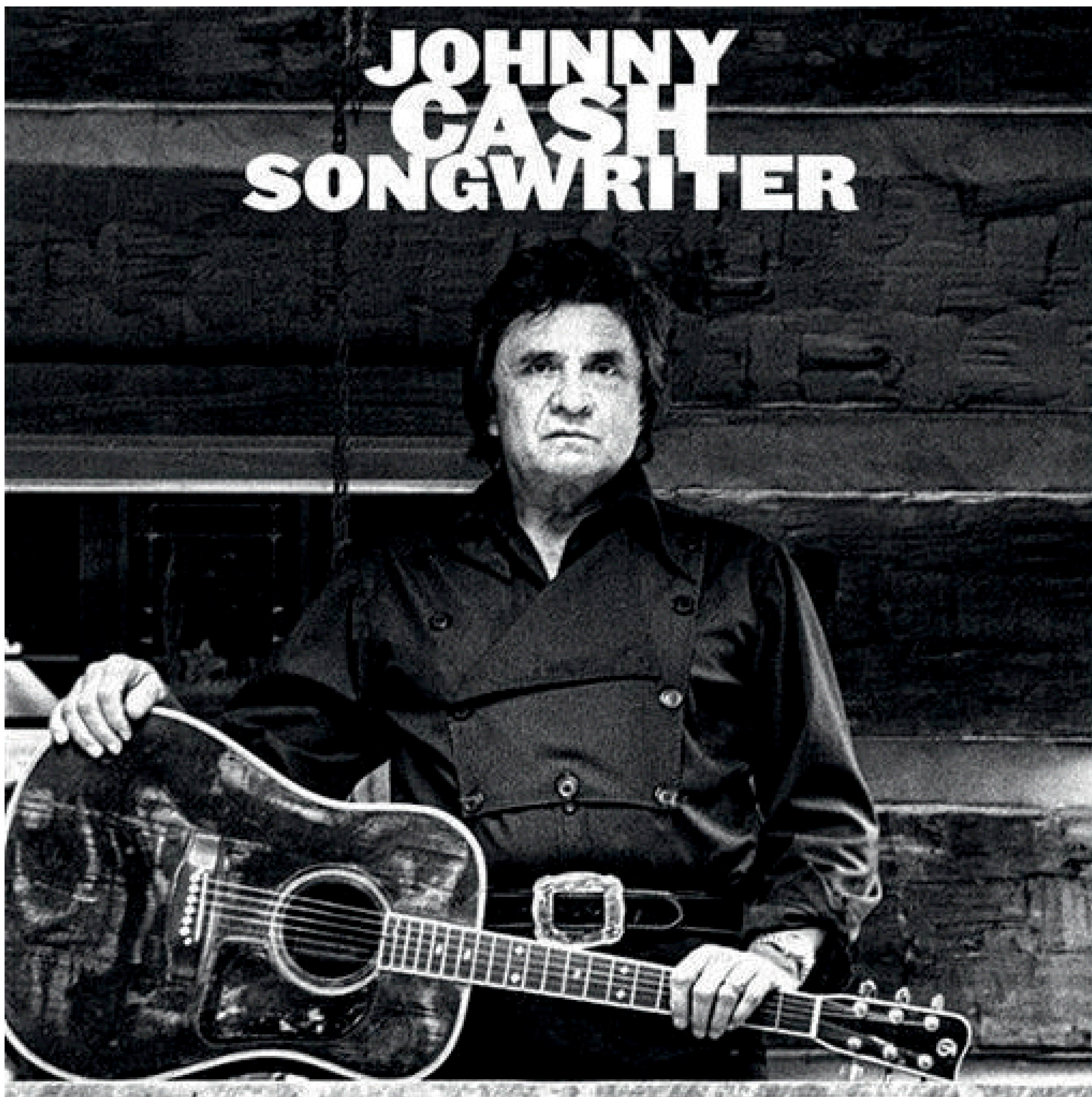
SUNNY **(dois episódios já disponíveis, e os demais com estreia semanal às quartas na Apple TV+)**

Após o marido e o filho pequeno desaparecerem num acidente aéreo, Suzie (Rashida Jones) recebe de presente da empresa do cônjuge a peculiar Sunny, uma robô deveras simpática que deve lhe servir de suporte emocional. Com aversão a androides, Suzie vai se deixando conquistar por Sunny ao descobrir que o companheiro Masa (Hidetoshi Nishijima, de *Drive My Car),* que se dizia um técnico de refrigeradores, na verdade era um programador habilidoso e com segredos sombrios. A trama cômica é saborosa e traz um olhar original sobre os males e benefícios da inteligência artificial.



APPLE TV+

LAÇO IMPROVÁVEL A robô Sunny com Suzie: suporte emocional inesperado

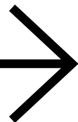


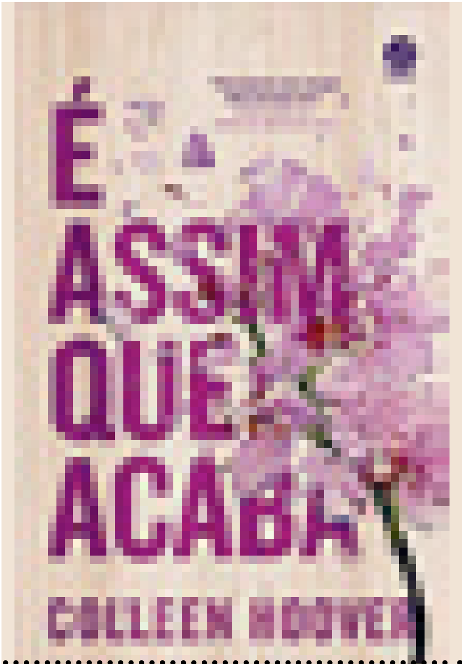
DISCO

SONGWRITER, **de Johnny Cash (disponível nas plataformas de streaming)**

Quando tinha 30 anos, Johnny Cash compôs uma série de canções que deixaria guardadas até os anos 1990, quando finalmente decidiu gravá-las em parceria com o produtor Rick Rubin. Morto em 2003, aos 71 anos, ele não conseguiu, contudo, lançá-las. John Cash, seu filho, as descobriu no baú do pai e lança agora com arranjos que fazem jus à fama do ídolo máximo do country americano. Na inspirada *Hello Out There*, ele diz aos ETs como a Terra é linda. Em *Have You Ever Been to Little Rock?*, canta sobre as belezas do interior dos Estados Unidos. ■

FICÇÃO





1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 146#] GALERA RECORD

2 **VERITY**
Colleen Hoover [3 | 116#] GALERA RECORD

3 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [4 | 83#] GALERA RECORD

4 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [6 | 105#] BERTRAND BRASIL

5 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [5 | 6#] BUZZ

6 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [7 | 93#] RECORD

7 **IMPERFEITOS**
Christina Lauren [9 | 26#] FARO EDITORIAL

8 **FOGO E SANGUE**
George R.R. Martin [8 | 21#] SUMA DE LETRAS

9 **UMA FAMÍLIA FELIZ**
Raphael Montes [2 | 8#] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **NÃO É AMOR**
Ali Hazelwood [0 | 1] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO



1 **O ANIMAL SOCIAL**
Joshua Aronson [3 | 4#] GOYA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [1 | 47#] VESTÍGIO

3 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [2 | 54#] VÁRIAS EDITORAS

4 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [5 | 64#] VOZES

5 **SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ?**
Graziela Gonçalves [4 | 19#] PARALELA

6 **AS SEIS LIÇÕES**
Ludwig von Mises [7 | 6#] LVM EDITORA

7 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [8 | 195#] ROCCO

8 **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [9 | 21#] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [0 | 322#] VÁRIAS EDITORAS

10 **A PRATELEIRA DO AMOR**
Valeska Zanello [0 | 5#] APPRIS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 29#] VÉLOS

2 **MUNDO MAIS CONSCIENTE**
Leo Chaves, Vivian Dias e Maurício Dias [0 | 1] NOVO SÉCULO

3 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [3 | 26#] ROCCO

4 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [4 | 42#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [6 | 176#] HARPERCOLLINS BRASIL

6 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [5 | 56#] ALTA BOOKS

7 **O DEUS QUE DESTRÓI SONHOS**
Rodrigo Bibo [8 | 20#] THOMAS NELSON BRASIL

8 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [0 | 125#] SEXTANTE

9 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [10 | 461#] SEXTANTE

10 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [7 | 252#] CITADEL

INFANTOJUVENIL



1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 426#] VÁRIAS EDITORAS

2 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [2 | 432#] ROCCO

3 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [0 | 15#] INTRÍNSECA

4 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [3 | 35#] OUTRO PLANETA

5 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [4 | 16#] OUTRO PLANETA

6 **AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [5 | 22#] OUTRO PLANETA

7 **EMOCIONÁRIO**
Cristina Núñez Pereira [8 | 14#] SEXTANTE

8 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
Maidy Lacerda [7 | 10#] OUTRO PLANETA

9 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [6 | 35#] VR

10 **MERGULHO NA ESCURIDÃO**
Elley Cooper e Scott Cawthon [9 | 6#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes



JOSÉ CASADO

FORTUNA POLÍTICA

JAIR BOLSONARO está imobilizado no túnel do tempo: a glória eleitoral de ontem já se foi, e o renascimento nas urnas de amanhã talvez nunca venha — se depender de órgãos judiciários do Brasil e dos Estados Unidos.

Um dos aspectos mais relevantes do inquérito sobre o caso das joias das arábias é a discreta parceria entre agências policiais dos dois países. É coisa antiga. Foi azeitada na última década durante a investigação de crimes de corrupção expostos na Lava-Jato e demonizada por Lula e pelo PT como parte de uma conspiração imperialista contra a expansão do capitalismo nativo.

A Polícia Federal acusou Bolsonaro de ser o principal beneficiário em lavagem de dinheiro nos balcões de joalherias e casas de leilões da Flórida, de Nova York e da Pensilvânia. O FBI tipifica negócios assim como crimes de colarinho-branco, com intenção de encobrir a origem de dinheiro ilícito. Significa que, além das acusações no Brasil, Bolsonaro também está vulnerável a denúncias criminais nos EUA.

Houve apropriação de propriedade pública, como peças de ouro e diamantes "subtraídas do acervo presidencial" — diz o inquérito recebido pelo Supremo Tribunal Federal. A



venda ilícita de alguns objetos rendeu 1,2 milhão de dólares, o equivalente a 6,8 milhões de reais. O lucro retornou "em espécie para o patrimônio do ex-presidente". Parte do dinheiro vivo, aparentemente, foi usada para pagar a estadia de três meses de Bolsonaro e familiares em Orlando, Flórida, na vizinhança da Disney World, reino do Pateta das histórias em quadrinhos.

Aos 69 anos, Bolsonaro cultiva a imagem de simplicidade espartana, em contraste com uma enigmática vida de político profissional. Um dos mais recentes e instigantes mistérios da sua biografia é a multiplicação da riqueza à saída do governo.

Semanas antes do primeiro turno da eleição presidencial, em agosto de 2022, ele declarou ao Tribunal Superior Eleitoral um patrimônio total de 2,3 milhões de reais — no formulário, exatos 2 317 554,73.

Por escrito, informou a propriedade de quatro imóveis no Rio de Janeiro (avaliados em 603 000 reais, 400 000 reais, 98 000 reais e 40 000 reais), um apartamento em Brasília (240 000 reais), uma motocicleta (26 000 reais), uma poupança (591 000 reais) e cerca de 300 000 reais em contas bancárias.

Um ano depois da reeleição perdida, em outubro do ano passado, Bolsonaro foi identificado pelo Banco Central como um novo milionário rentista — o BC é presidido por Roberto Campos Neto, que, segundo Lula, participa de imaginária conspiração bolsonarista contra o seu governo.

“Bolsonaro saiu das crises que inventou no governo como um novo milionário”

Bolsonaro movimentou cerca de 17,7 milhões de reais no primeiro semestre do ano passado, dizem relatórios do Conselho de Controle de Atividades Financeiras do Banco Central enviados à CPI da Pandemia. O Coaf produziu na última década milhares de comunicações sobre suspeitas de corrupção na Petrobras, nos governos Lula e Dilma Rousseff, e, também, nos estados — chamou atenção, entre outras coisas, para obscuras transações imobiliárias com dinheiro vivo realizadas a partir de gabinetes do clã Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

O aumento de aproximadamente 666% na riqueza pessoal de Bolsonaro aconteceu num curto período. Os investimentos milionários em menos de um ano são incoerentes com sua receita mensal de 60 800 reais, assim descrita pela perícia policial no inquérito: 29 400 em salário do partido, 22 600 em aposentadoria de deputado federal e 8 800 do Exército.

Na época, Bolsonaro se justificou nas redes sociais. Atribuiu a súbita fortuna à generosidade de pessoas que atenderam ao apelo para, supostamente, ajudá-lo nas des-

pesas com processos judiciais (são mais de 300, alegou em discurso no último fim de semana).

É uma situação peculiar, porque ele teve e continua tendo respaldo jurídico do Partido Liberal, de Valdemar Costa Neto. O PL, que maneja cerca de 1 bilhão de reais em recursos públicos, sustenta parte do clã Bolsonaro e auxiliares como o general aposentado Walter Braga Netto, candidato a vice em 2022. O pacote de benefícios de Costa Neto prevê salário, assistência jurídica e apoio logístico (casa, carro, escritório, assessoria, viagens etc.). Tudo pago com o dinheiro dos impostos.

Bolsonaro saiu das crises que inventou no governo como um afortunado. Baralhou o público com o privado e ficou milionário, com despesas pagas pelos brasileiros até mesmo enquanto, supostamente, delinquia fora das fronteiras nacionais. ■